3 1761 09024030 0

ADAGIOS PORTUGUÊSES

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. SOCIEDADE DE PAPELARIA, LDA.

Rua da Boavista, 321—PORTO *** 1923

Adagios Portuguêses

reduzidos a lugares communs

PELO LICENCIADO

ANTONIO DELICADO

Prior da Parochial Igreja de Nossa Senhora da Charidade, termo da cidade de Evora. Natural da villa do Alvito

---

Nova edição revista e prefaciada

POR

LUÍS CHAVES

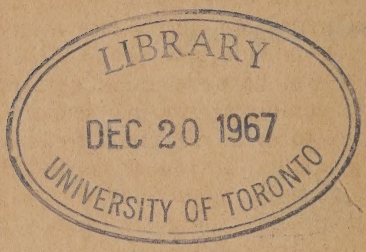
1923

LIVRARIA UNIVERSAL

28, CALÇADA DO COMBRO, 30

LISBOA

PN
6491
D4
1923



ADAGIOS PORTUGUÊSES

1 — O adagio na litteratura, na ethnographia, na poesia popular.

Primeiro que as quadras e outras canções populares, os adagios chamaram as attenções. Forma simples e attrahente de transmittir conhecimentos adquiridos pela experiencia dos seculos, o adagio tem uma expressão intimativa, a modos de equação algebrica da vida, que prende. Na sua multiplicidade immensa, ha nelle unidade extraordinaria no aspecto comminatorio, na seccura de mandamento, no pittoresco da rima frequentemente toante; e tamanha influencia tem a rima, como por exemplo nos adagios onde figura um nome pessoal ou de mês ou de terra, que o conceito por ella fica bem condicionado.

O essencial no adagio é o enunciado da ideia. Um conhecimento attingido, uma sentença moral, um conselho ao agricultor, um simples apodo individual ou topico, fixa o pensamento ou transmitte o pensamento objectivo, já crystallizado pelas gerações anteriores; a rima dá-lhe a côr, é a forma poetica, propria para a facilidade de re-

tenção memorial, não só para transmissão continua, mas, duplamente, para referencia a um facto ou elemento fixo, que a rima impõe; assim succede com os adagios, que constituem a folhinha agricola do camponês, quando se referem a meses, a dias onomasticos de Santos ou á previsão do tempo.

São numerosos os adagios relativos á cultura da vinha, tratamento, previsão e apanha da uva, e ao fabrico do vinho. E' conhecido que em Novembro se prova o vinho novo, o que se faz com festa tradicional e embriaguês pagã; pois a 11 d'esse mês, em que a experiencia determina a prova do vinho do anno e marca o bom estado para elle poder ser usado, é na folhinha catholica o dia de S. Martinho; não era preciso mais nada, havia os elementos todos para se formar o adagio. Vejamos: mês de Novembro, prova do vinho, feita nos lagares e adegas, e por fim um dia d'esse mês consagrado a S. Martinho, cujo nome encontra a rima consoante com vinho. Estava feito o conceito e fixada a forma pela referencia no tempo e pela rima. E ahi temos, na sua diversidade, os adagios concernentes:

Dia de S. Martinho,
Prova teu vinho.

No S. Martinho,
Fura o teu pipinho.

Pelo S. Martinho,
Barra-se o vinho.

Pelo S. Martinho,
Mata o teu porco,
E barra o teu vinho.

Ao vinho addiciona-se matança de porco, o que se vê no ultimo d'estes adagios, mas melhor neste que segue:

A cada bacorinho,
Vem seu S. Martinho.

Já na comedia *Eufrosina*, Jorge Ferreira, aproveitou o adagio, quando (p. 146) o apresenta assim: — Para cada porco ha seu S. Martinho. O dia proprio porém, segundo o adagiario corrente, é pelo Santo André, cujo nome foi aproveitado para a onomatopeia do guincho dos suinos:

Pelo Santo André,
Faz o porco: *qué, qué.*

ou simplesmente, com a rima toante,

No dia de Santo André,
Quem não tiver porco,
Mata a mulher.

que pode transformar-se em rima toante-consoante:

No dia de Santo André,
Quem porca não tiver,
Matará sua mulher.

Outros adagios agricolas forçam a rima, que só lhes dá o tom na referencia á localização no tempo, necessaria á fixação da ideia.

Outubro { Por S. Simão e S. Judas, — colhidas são as uvas.
Por S. Francisco, — semeia teu trigo.
Por S. Lucas. — sabem as uvas.
Por S. Ireia (Iria), — toma os bois e semeia.
Novembro.— Por S. Clemente, — alça a mão da semente.

A marcação de trabalhos agricolas pelos meses do anno, a previsão do tempo condicionada pelo aspecto de uns meses em relação a outros ou pelos elementos climatericos e athmospericos, o annun-

cio do anno agricola e as condições a que tem de obedecer cada mês, para boas colheitas,—tudo isso dá fartura de adagios. Escolhamos alguns, que os definam, referentes por exemplo ao mês de Março, tomado em si e posto em comparação com os outros meses:

Em Março,
Tanto durmo
Como faço. (1)
(Maia)

Em Março,
Onde quer eu passo.
(Santo Thyrso)

Março,
Aguaço.
(Beira Alta)

Março, marçagão,
Pela manhã cara d'anjo,
A' noite cara de ladrão.
(Tras-os-Montes)

Em Março
Iguaço. (2)
(Santo Thyrso, Beira Alta...)

Março, marçagão,
Pela manhã cara de gato,
A' noite cara de cão.
(Beira Alta)

Março
Queima a dama no paço.
(Norte)

Março, marcegão,
Pela manhã rosto de cão,
E á tarde de bom verão.
(Adagios—de Ant.º Delicado)

Em Março,
Queima a velha o maço.
(Adagios—de Ant.º Delicado)

Março, garço (ou—pelarço),
As noites como os dias,
As messes com os marcos.
(Montalegre)

(1) Estes adagios, embora alguns d'elles mais ou menos generalizados, foram recolhidos assim: com a nota de Beira Alta nos *Ensaios Ethnographicos*, de Leite de Vasconcelos, vol. IV, entre p. 4 e 28; com a nota de Norte ou Tras-os-Montes, de Maia, *id.*; com a nota de Santo Thyrso, em o artigo «Tradições populares de Santo Tirso», de Augusto C. Pires de Lima, na *Revista Lusitana*, vol. XVII, p. 283, e egualmente para a de Montalegre XIX, 111; os que têm a nota de Adagios de Antonio Delicado são, aparte outros conhecimentos, tirados do presente *Adagiario*.

(2) *Iguaço*, de «iguar», egular, emparelhar. Pires de Lima, cit. *Rev. Lusit.* XVII, p. 283 nota 8.

Paschoa em Março,
Ou fome, ou mortaço.

(Beira Alta)

Em Março,
Nem rabo de gato molhado.

(Geral)

Vinho de Março
Nem vae ao cabaço.

(Beira Alta)

Queres bom cabaço?
Semeia-o em Março.

(Adagios—de Ant.º Delicado)

Janeiro geoso,
Fevereiro «'scaldanoso», (1)
Março amoroso, (2)
Abril chuvoso,
Maio «loiroso»,
Fazem o anno formoso.

(Santo Thyrso)

Janeiro geoso,
Fevereiro nevoso,
Março mulinhoso, (3)
Abril chuvoso,
Maio ventoso
Fazem o anno formoso.

(Beira Alta)

O vinho, que nasce em Maio, é para o gaio;
O que nasce em Abril, vae ao funil;
O que nasce em Março, fica no regaço.

(Montalegre)

Em Janeiro sécca a ovelha suas madeixas nó fumeiro;
Em Março no prado;
Em Abril, as vae urdir.

(Adagios—de Ant.º Delicado)

Março ventoso
E Abril chuvoso,
Do bom colmeal farão astroso.

(Id.)

Se não chover
Entre Março e Abril,
Venderá El-Rei o carro e o carril.

(Geral)

Sol de Março,
Péga como pegamaço,
E fére como maço.

(Adagios—de Ant.º Delicado)

Quando troveja em Março,
Apparelha os cubos e o maço.

(Id.)

---

(1) *Escaldanoso* = com saraiva e geada, id. nota 4.
(2) *Amoroso*, «moroso», suave, macio.
(3) *Mulinhoso*, de «mulinhar» (Beira Alta), equivalente a «murginar» (Alto Alemtejo), nem sol nem chuva.

Tardes de Março,
Recolhe teu gado.

(Id.)

Temporã é a castanha,
Que por Março arreganha.

(Id.)

Quem não poda em Março,
Vindima no regaço.

(Id.)

Em Março,
«Ouga» (1) a noite com o dia,
E o pão com o sargaço.

(Beira Alta)

Se o cuco não vem,
Entre Março e Abril,
Ou o cuco é morto,
Ou não quer vir.

(Beira Alta)

Os adagios de nomes de pessoas tem força de rima e mais nada. Ainda com a referencia a nomes de Santos, ha outros em que essa referencia se faz apenas pela razão da rima.

O que se não faz em dia de Santa Luzia,
Faz-se no outro dia.

Assim, os mais frequentes adagios de nomes, são os de Martha e Maria.

Bem canta Martha,
Depois de farta.

Morra Martha,
Morra farta.

Mente Martha,
Como sobrescripto de carta.

Qual é a Maria,
Tal filho cria.

Bem prega Maria,
Em casa vasia.

(*Eufrosina*, 233)

Moça é Maria,
Quando se tosquia.

(Adagios—de Ant.º Delicado)

---

(1) «Ougar» — aguar.

E, sem a rima de Maria, mas reportando-se ao nome:

Sabbado á noite, — Maria, dá-me a roca.

(Adagios—de Ant.o Delicado)

Se Maria bailou, — tome o que achou.

(Id.)

Maria vae com as outras, — se não canta bailou.

(S. Thyrso—*Rev. Lusit.* XVII, 286)

Referencia ao dia 2 de Fevereiro, Senhora das Candeias, — a festa da Candelaria.

Fevereiro faz dia,
E logo Santa Maria.

Como é no mesmo mês o dia de S. Mathias:

Dia de S. Mathias,
Começam as enxertias.

Comprehendem-se facilmente as allusões de esses adagios, onde figuram os nomes de Martha e Maria, e só estes nomes apparecem a dar o pittoresco e a rima.

Os adagios ironicos, de apodo topico, tambem vem presos á rima; envolvem sarcasmo directo em muitos casos, mas é ainda a rima que os obriga.

Mirandella,
Mira-a de longe,
E foge d'ella.

Mira-a, bem mirada;
Quem bem a mirar,
Nella hade ficar. (1)

(1) *Illustração Trasmontana*, I, 77; Leite de Vasconcellos, *Dictados topicos de Portugal*, p. 13, e *Por Trás-os-Montes*, sep. de *O Archeologo Português*, XXII (1917) p. 41.

Guimarães,
A cada porta
Sete cães.

Guimarães,
Perna torta,
Pae dos cães.

O' de Viseu,
Larga o rabo,
Que não é teu.

Vae para o Porto,
De rabo alçado
E focinho torto.

Vae para Porto,
A cavallo num burro morto.

Vae para o Porto,
A cavallo num burro saroto.

Quem burro vae a Santarem,
Burro vae e burro vem.

Ei-lo vae, ei-lo vem,
De Lisboa a Santarem.

Vêde-a vae, vêde-a bem,
Como barco de Santarem.

Aonde is?
A Evora-Monte fazer barris.

Consciencia de gato de Portalegre,
Que ficou com o dinheiro e tomou a pelle.

Antes que jantes,
Não passes de Abrantes.

Medicos de Valença,
Grandes fraldas, pouca sciencia.

E outros de rimas symetricas, como: *Lisboa — coisa boa; Coimbra — coisa linda; Cascaes — ais.* Assim como o de Mirandella, primeiro enunciado, tem o seu opposto, elle tambem apparece no de Cascaes:

A Cascaes,
Uma vez e nunca mais. ⟷ A Cascaes,
Uma vez e muitas mais. (1)

(1) Leite de Vasconcellos, *Dictados topicos*, p. 13 a 16; *Ensaios Ethnographicos*, IV, 5; Cfr. outros na *Illustração Trasmontana*, I, 75 e ss. (Rocha Peixoto) e 134-135 (P.e Francisco Manuel Alves); Antonio Delicado, *Adagios Portugueses*, em differentes lugares.

*
* *

Foi este caracteristico de axioma poetizado que provocou as attenções; o adagio tem uma unidade de forma de expressão, e em tom de *magister dixit*, sem observações e discrepancia, ao mesmo tempo que o colorido objectivo e preciso das referencias allusivas, que chamam a curiosidade.

As normas moraes em forma de conceito são por vezes admiraveis, e procurar-se-hia, se fosse possivel, o Salomão de essas sentenças, para organizar o Livro Moral da gente portuguêsa. A forma do adagio é a mesma; o movimento, o gesto, allusivos ao estado mental, e o conselho deduzido pittorescamente, em acepção clara, para a conclusão final da moralidade. Na rapidez propria da apresentação figurativa, o adagio moral é singularmente um conto fabulado, a que se tira a maxima essencial. Isso, que mais não fosse, chamava para elle a sympathia.

A litteratura portuguêsa nos seus periodos de nacionalismo, digamos antes de regionalismo mais plebeu que de feição nacional, ou nas obras de caracter, aproveita muito os adagios, linguagem synthetica do povo. Theophilo Braga colligiu das fontes escriptas um *Adagiario Português*, que publicou em varios numeros da *Revista Lusitana*; recolheu o adagio, simples ou glosado, nas successivas epocas litterarias; nos Cancioneiros Trovescos, no *Livro de Monteria*, de D. João I, no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, no *Cancioneiro Geral*, em Jorge Ferreira (*Ulyssipo*, *Eufrosina e Aulegrafia*), em Gil Vicente, em Gonçalo Fernandes Trancoso (*Contos e Historias de Proveito e Exemplo*), Ribeiro Chiado, Sá de Miranda, etc.

D. Francisco Manuel de Mello aproveitou mesmo os adagios p ra a dialogação dos espirituosos insulsos que são as personagens obscuras da *Feira de Anexins*, em que surgem directamente os adagios, ou modificados pela conversa e adequação dos dialogantes.

Aqui estamos deante de outra palavra affim de adagio: anexim. Bluteau refere, umas ás outras, as palavras usadas, mais ou menos synonimicamente, para exprimir a mesma coisa,—o adagio. São: adagio, anexim, dictado, proverbio, rifão, sentença.

Adagio — explica elle no *Vocabulario:* «Sentença cõmum, popular, & breve com alluzão a alguma cousa»... «andam rodeando no vulgo de boca em boca e segundo a definição do lecenceado Antonio Delicado são as mais approvadas sentenças, que a experiencia achou nas acções humanas, ditas em breves e elegantes palavras»... — s. v. «Adagio.»

Anexim. — «axioma vulgar, dito picante como aquelles de q. cõmumente usão as Regateiras e gente popular»; e cita-se a *Côrte na Aldeia,* no passo: «e que tão pouco em lugar de adagios & sentenças venham Anexins» (Dial. 3, p. 56). — s. v. «Anexim.»

Dictado. — «Sentença, Proverbio»... «Diz hum antigo Ditado»... *Carta de Guia*, pag. 18. — s. v. «Dictado.»

Proverbio. — «Adagio, Rifão.» — s. v. «Proverbio.»

Rifão. — «Adagio, do castelhano refran». — s. v. «Rifão.»

Sentença. — «Dito grave, de poucas palavras, & com algum documento moral.» — s. v. «Sentença.»

Por onde se vê que, condizendo uns com os outros, na essencia, differem apenas incidentalmente: a Sentença é o adagio moral; o anexim o adagio vilão, o adagio em linguagem canalha das regateiras e pessoal da mesma laia.

Gonçalo Fernandes Trancoso diz no Conto XII, a pagina 51, dos *Contos e Historias de Proveito e Exemplo:* — «todos os refões são quasi sentenças, por amor d'aquelle que diz: o bem ganhado se perde, mas o mal, elle e seu dono».

Como o licenceado Antonio Delicado, nos *Adagios Portuguêses, reduzidos a lugares communs*, define o adagio, já na palavra «adagio» o disse Bluteau: «as mais approvadas sentenças, que a experiencia achou nas acções humanas, ditas em breves e elegantes palavras».

D. Francisco Manuel de Mello usa muito o termo de «metaphora» para exprimir o sentido figurado em que se baseia o anexim, e na acepção de trocadilho. Assim: na *Feira de Anexins:*

— «os que estão em posse, e cabeça de casal de faladores, são cabeça de motim das metaphoras; e da cabeça até aos pés, são uns meros *anexiristas*, que tudo o que por cabeça alhea dizem, o trazem de cabeça, sem tirar nada de sua cabeça» — Dialogo I, § 1.º, p. 4.

— «elles imaginam que seguir metaphoras é descabeçar *adagios;* e tudo enleiam por equivocos, misturando alhos com bugalhos». — § 1.º, p. 4.

— «Ha de dizer quantos *anexins* souber, em quanto tiver lume no olho». — § 6.º, p. 11.

— «Vossê traz entre dentes os *anexins;* e ás unhas e dentes é contra elles». — § 9.º, p. 17.

— «Se os *anexins* foram farelos, só elle tinha beiços para os apanhar no ar, como palha». — § 10, p. 20.

— « Que cousa é serio? Que logo aos *anexiristas* dizes, que falam serio? » — Dialogo II, § 4.°, p. 36.

— « Ainda assim, não cuidei, que a metaphora de um pé, produzisse tanto *anexim!* » — § 12.°, p. 45.

— « Diga vossê, que traz os *anexins* de cór. » — Dialogo III, § 1.°, p. 48.

— « Bem encaixado *anexim.* » — § 5.°, p. 54.

— « Em começando com os seus *anexins*, é alma que caiu no inferno. » — Dialogo IV, p. 61.

— « Tomara eu ter um livro de memoria para trazer estes *anexins* promptos. » — § 1.°, p. 64.

— « ... mais podres que *adagios* de velhas. » — § 5.°, p. 74.

— « a metaphora em a symetria *d'anexins*, está mui bem palpada. » — § 7.°, p. 78.

— « Não estamos em anno de fome de *anexins.* » — Dialogo V, § 3.°, p. 89.

— « A ultima clausula d'esse *adagio* é a que mais me agrada. » — *Idem.*

— « Vossê é *anexirista* d'agua doce. » — § 5.°, p. 91.

— « Esse *anexim* é mais antigo, que o grande Camões. » — Dialogo VI, p. 101.

— « Esse *anexim* já não tem mais que o casco. » — § 5.°, p. 119.

— « Elle é *anexirista* d'arromba. » — *Idem.*

— « ... *anexim* mal mastigado. » — Parte II, Dialogo II, p. 161.

— « Isso é para *anexiristas* de tropa ». — *Idem.*

— « Em lançando a rede de arrastar *anexins*, principia a fisgar, seja o que fôr. » — § 3.°, p. 178.

— « e carradas de *anexins* » (§ 1.°, p. 167); « faro dos *anexins* » (*idem* 168); — « a fio e pavio dizer *anexins* » (§ 2.° p., 173), etc.

Bluteau, ao falar dos adagios, faz uma resenha breve da bibliographia adagiaria. Cita na «Sagrada Escriptura» o *Livro dos Proverbios*, de Salomão, que toma trinta e um capitulos de sentenças; nomeia na antiguidade Laercio, que attribue a Aristoleles um livro de proverbios; Chrysippo, que escreveu dois; Cleantes, Theophrasto, Demosthenes, allusão terminada por um cortante etc., os quaes compilaram em differentes livros os proverbios mais usados por Egypcios, Gregos e Romanos; o Padre del Rio, da Companhia de Jesus, apontou e interpretou os proverbios mais selectos dos Testamentos; o P.e Luiz Navarino, regular theatino, explicou, ao passo que os allegava, os proverbios das obras dos Santos Padres; Joseph Schaligero fez uma versão dos proverbios arabicos; o P.e André Schot, da Companhia de Jesus, traduziu a maioria dos proverbios gregos, encontrados em Zenodoto, Diogeniano, Suidas, etc.; de Erasmo andam em livro os proverbios. (Bluteau, *Vocabulario Português*, s. v. « Proverbio »).

O P.e Antonio Delicado, na Introdução que escreveu aos *Adagios Portuguêses*, já mencionados, faz tambem uma resenha historico-litteraria do proverbio, a que Bluteau foi informar-se. Menciona de relance Salomão, Aristoleles, Chrysippo, Plutarcho, Aristides, Theophrasto, o francez João Nuterin, o italiano Jacome Pergamino, os castelhanos: Commendador Grego, Fernão Nunes, João de Millara, Blasco de Guarays, o Padre Martin del Rio com os Proverbios da Biblia (*Adagiaria Sacra Veteris et Novi Testamenti* — 2 tomos), e a collectanea do latim com o nome de *Chiliadas*, de Paulo Menucio.

Além dos trabalhos portugueses já citados, alguns inteiramente dedicados aos proverbios,

outros tendo-os como capitulo ou allusão especial, alguns mais podem consultar-se.

A litteratura portuguesa dos proverbios pode agrupar-se em três secções: enunciativa, interpretativa, e puramente litteraria.

Na secção enunciativa incluir-se-hiam as obras em que os proverbios estão dispostos mais ou menos logicamente, mas emfim, colleccionados e ordenados, que são os *adagiarios* propriamente ditos. Pertencem a este numero: os *Adagios Portuguêses reduzidos a lugares communs*, do P.e Antonio Delicado (sec. XVII); os *Adagios, Proverbios, Rifões e Anexins da Lingua Portuguesa tirados dos melhores autores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica*, de F(rancisco). R(olland). I(mpressor). L(ivreiro). E(m). L(isboa). na interpretação de Innocencio no *Diccionario Bibliographico* (I, n. 13); os *Adagios Selectos Portuguêses*, manuscripto de Miguel Couto Guerreiro, a que se refere Leite de Vasconcellos nos *Ensaios Ethnographicos* (IV, 393-394); no *Diccionario Lusitano Latino*, de Fr. Pedro de Poyares, os *Proverbios em português e outras linguas;* na *Nova Floresta*, do P.e Manuel Bernardes, vol. III, 383, a *lista de adagios portuguêses;* no *Vocabulario Português e Latino*, do P.e Raphael Bluteau, os adagios, que completam e fecham a explicação de cada vocabulo, que os tenha a si referidos; na *Prosodia*, do P.e Bento Pereira; — conjunctamente com outras notas ethnographicas, os seguintes trabalhos de José Leite de Vasconcellos: *Dictados topicos de Portugal*, — *Tradições populares de Portugal*, — e os quatro volumes dos *Ensaios Etnographicos*; — os *Ditados*, pag. (161 a 169), das *Tradições Populares*, *Linguagem e Toponymia de Barcellos*, de Antonio Gomes Pereira; — a *Revista Lusitana*, vasto repositorio de fontes popu-

lares e eruditas, onde se tem publicado fragmentos regionaes do adagiario português, de Villa Real (por Antonio Gomes Pereira), da Atalaya (por Monteiro do Amaral), Santo Thyrso (por Augusto C. Pires de Lima), Barroso (Fernando Barreiros), e nos volumes XVII e seguintes o *Adagiario Português, coligido das fontes escritas*, de Theophilo Braga e os *Retalhos de um adagiario*, de José Maria Adrião (desde vol. XIX), etc.

Na secção interpretativa incluiriamos trabalhos como os *Discursos sobre os dictados antigos*, folhetos de A. P.; — a *Philosophia Popular em Proverbios*, de Xavier da Cunha, que contem uma collectanea de adagios, extrahidos da collecção de Rolland; — *Da Filosofia vulgar dos Proverbios*, de Freire da Cunha; — certos estudos de interpretação, na *Revista Lusitana*, devidos a Pedro de Azevedo, Leite de Vasconcellos, Augusto Pires de Lima, José Maria Adrião, autor dos *Retalhos de um adagiario*, já referidos na rapida referencia a trabalhos da revista; notulas, referencias, explicações, historia, desenvolvimento de proverbios, dispersos nos livros de Leite de Vasconcellos, mencionados já na secção enunciativa, e em outros.

A secção litteraria é a das obras a que o adagio serve apenas de assumpto ou elemento litterario, como elemento secundario e não objecto principal; estaria aqui a *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manuel de Mello; os livros de anotação ou pittoresco de adagio, onde este apparece como desenho ou pintura de genero, com as *Epanaphoras*, a *Arte de furtar*, *Côrte na Aldeia*, etc.; todas as canções desde os Cancioneiros com o adagio por mote a glosar, ou simples referencia de conceito orientador; autos, e outros generos de «litteratura de cordel», de assumpto extrahido ou condicionado pelo espirito

de um proverbio: como a *Comedia*, de Sylvestre Sylverio da Sylveira e Sylva, a proposito do proverbio — «talhada está a reção para quem a ha-de comer» (XVIII); *Graças de jarreta*, (Lisboa, 1789); *Palestra que de huma para outra janella tiverão duas vezinhas*, por João Manuel Carvalhal (1774); *Virou-se o feitiço contra o feiticeiro* (sec. XIX), pequena peça de theatro popular; estas e muitas outras, como tambem contos, novellas, theatro moderno, cuja acção e entrecho foram insinuados por algum adagio, e se podem procurar em qualquer catalogo de livreiro.

Evidentemente a resenha é apenas exemplificativa da methodização ou agrupamento, podendo todavia cada uma das secções subdividir-se em capitulos mais ou menos numerosos.

*
* *

As collecções e estudos dos proverbios não tem apenas a superficial curiosidade de mostrar o imprevisto, a graça, o pittoresco, o espirito objectivo dos proverbios. Não passariam de passatempo ou de mania.

O apreço que merecem, está na sua dynamica, na actividade do espirito collectivo que creou os adagios, os aceitou, transmittiu, interpretou, interpreta e mantém. E' um documento vivaz da psychologia portuguesa. Para os estudos da ethnographia; para a apreciação litteraria das obras escriptas, nas quaes apparecem proverbios, ainda hoje correntes, desde os Cancioneiros; para a historia da lingua e para a philologia, com boa materia de origem, forma, evolução, dos proverbios; para a preparação e exame da psychologia do povo

português, na accepção mais restricta que pode ter a demopsychologia do vocabulario ethnographico italiano, isto é, o estudo das condições mentaes da formação e transmissão dos factos e ideias tradicionaes; para o estabelecimento de normas, bases, apreciações de uma moralidade ancestral; para estudos assim divergentes, com a unidade de procedencia, se prestam os adagios no seu duplo aspecto, objectivo e subjectivo.

E, baseando-se estes estudos, como ponto de partida, na Ethnographia, não ha que desapreciar o valor de esta sciencia. Diz Leite de Vasconcellos: — «se por ela apreciamos a vida de um povo, no que tem mais intimo, os seus caracteres intelectuais, os seus habitos, as suas aptidões, ficam habilitados o sociologo, o legislador e o politico para lhe aproveitarem as virtudes, combaterem os defeitos, e emfim dirigirem ou educarem, e não contrariarem, tendencias naturaes que sejam uteis.» (*Revista Lusitana*, XXII, p. 11). (1)

Os juristas attentam mais nos habitos e costumes, em que se encerra grande parte da psychologia e da historia do direito, observa Pitré; e o objectivo d'estes estudos, continua elle, é harmonizar os factos da tradição com a legislação, que no seculo passado se unificava e generalizava, sem attender á diversidade das civilizações regionaes, querendo regular tudo por leis uniformes e em nada inspiradas pelas tradições. (2)

A Ethnographia para nós trata entre varios outros assumptos (enumeração de grupos ethnicos

---

(1) *Rev. Lusit*, XXII, p. 5 a 18: «Importancia da Etnografia», com copiosa informação.

(2) «Demopsychologie», na *Revue des langues romanes*, vol. LV, p. 525.

ou ethnico-geographicos do país, das divisões populares do territorio, das linguas que se falam nelle), de: os «caracteres fisicos e psicologicos dos Portugueses, os costumes que se revelam de modo material (*Tecnografia*), os quaes *ipso facto* reflectem a vida intelectual e moral de quem os tem, a saber: artes plasticas, industriaes e caseiras, tipos de povoações e de edificações, mobilia, trajos e enfeites, comidas, utensilios, aprestos de caça, de pesca e de lavoura, etc.; finalmente incluirá o *Folk-lore* as «Tradições populares» isto é, superstições (mitologia, religião, magia), litteratura (contos, lendas, poesia epica e lirica, theatro, *adagios*), actos e folganças (festas, danças, musica, jogos, etc.).» (1)

*
* *

Assim como os proverbios serviram á litteratura, tambem, como é natural, contribuiram e continuam a contribuir para inspirar os poetas populares e cantores do campo. Na imaginativa d'esses cultores inspirados da poesia rustica, imperam amiudadas vezes os proverbios de feição ou applicação amorosa, servindo assim de motivo conductor da cantiga.

Diz um adagio vulgar: — *quem tem amores, não dorme;* este e o que citaremos a seguir, são os mais glosados de todos os proverbios, que correm arvorados em quadra. Na apresentação mais vulgar, approxima-se do proverbio a agua corrente, á beira de cujo murmurio fresco é delicia dormir; e

(1) Leite de Vasconcellos, «Etnologia» na *Rev. Lusitana*, XII, 304.

ella responde á pregunta do consultor, ou aconselha-o.

Fui-me deitar a dormir
Á beira da agua, que corre;
A agua me respondeu:
— *Quem tem amores, não dorme.*

(Barcellos—A. Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcellos*, p. 100).

Com as variantes:

Fui-me deitar a dormir,
Ao som da agua, que corre;
A agua me foi dizendo:
— *Quem tem amores, não dorme.*

(D. Carolina Michaëlis — *As Cem melhores poesias* (lyricas) *da Ling. Portuguesa*, p. 24).

Fui-me deitar a dormir
Ao pé da agua, que corre,
Uma voz me respondeu:
— *Quem tem amores, não dorme.*

(Santo Thyrso — Aug. C. Pires de Lima, «Tradições popul. de Santo Tirso», *Rev. Lusitana*, XXII, 85).

Estas mantêm todas a toante «corre-dorme» da rima 2-4, e a seguinte pluraliza o verbo da 2, e conserva a mesma toante:

Fui-me deitar a dormir,
Ao pé das aguas, que correm;
As aguas me responderam:
— *Quem tem amores não dorme.*

(Gollegã).

Ou não ha somno á beira da agua, mas lagrimas de paixão, a que as aguas respondem:

Pus-me a chorar sentimentos,
Ao pé da agua, que corre;
A agua me respondeu:
Quem tem amores não dorme.

(Barroso — Fernando Barreiros, «Trad. popul. de Barroso», na *Rev. Lusit.*, XVII, 269).

Fóra de este modismo, que aperta as quadras no mesmo typo interpretativo, torna-se independente a imagem, areja; mas a glosa de «não dorme» evoca o adormecer, o leito, o mau dormir de quem está inquieto. Neste segundo typo, o adagio passou para o primeiro verso, e a rima por isso consonantiza-se.

Quem tem amores, não dorme,
Nem de noite nem de dia;
Dá tantas voltas na cama,
Como o peixe em agua fria.

(Benavente).

No mesmo sentimento amoroso, a quadra complica-se, ha já saudades, apartamento, lamentações, ironias.

Quem tem amores, não dorme,
Quem os não tem, adormece;
Quem os tem ao longe, chora;
Quem os tem ao pé, padece.

(Gollegã).

Quem tem amores, não dorme,
Quem os não tem, adormece;
Coitadinho de quem ama,
Que assim a mim me acontece.

(Barroso — Fern. Barreiros, já cit. *Rev. Lusit.*, XVIII, 269).

Quem tem amores, não dorme,
Quem os não tem adormece;
Eu não perdia o meu somno,
Por mais amores, que tivesse.

(Santo Thyrso — A. C. Pires de Lima, já cit. *Rev. Lusit.*, XXII, 85).

Quem tem amores, não dorme;
Quem não dorme, está acordado;
Mas, se dormir é não os ter,
Deus me dê somno pesado.

A seguir, o proverbio mais glosado, ou tam glosado como o primeiro, é este: — *não ha amor como o primeiro.* Vem a principio as quadras de parallelismo continuo entre os quatro versos, que as compõem.

Não ha pão como o pão trigo,
Nem carne como a do carneiro,
Nem vinho como o maduro,
Nem amor como o primeiro.

(Atalaia — Monteiro do Amaral, já cit. *Rev. Lusit.*, XI, 108).

Não ha sol como o de Maio,
Luar como o de Janeiro,
Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro.

(Barcellos — A. Gomes Pereira, ob. já cit. 67-68).

Nem roxo como o lyrio,
Nem verde como o loureiro,
Nem vermelho como o cravo,
Nem amor como o primeiro.

(Villa Real — A. Gomes Pereira, *Rev. Lusitana*, XIX, 250. «Tradições pop. de Villa Real»).

Depois seguem-se as quadras, em que se fórma simples comparação thematica entre os dois grupos de versos 1-2 e 3-4, mantendo-se entre elles o parallelismo.

Não ha flor com mais aroma
Do que a flor do jasmineiro;
Nem amor, que mais nos lembre
Do que o nosso *amor primeiro.*

(Atalaia—Monteiro do Amaral, já cit. *Rev. Lusit.* XI, 108).

O cravo branco é firme,
Até no cheirar é doce;
Não ha amor como o primeiro,
Inda que elle vario fosse.

(Obidos — Luis Chaves, *O Amor Português*, p. 47).

E as quadras do typo vulgar, em que os dois ultimos versos são preparados pelos primeiros, que para a ideia final são abrangidos no terceiro verso, como:

Muito brilha o limão verde,
Quando está no limoeiro;
Não ha fructa como elle,
Nem amor como o primeiro.

(Pedro Fernandes Thomás, *Canções Populares da Beira*, p. 216).

Ironicamente:

Fui ao Céo pedir a Deus
Pelo meu *amor primeiro;*
Deus ouviu-me, e respondeu
Que não era alcoviteiro.

(Gollegã).

Pedro Fernandes Thomás recolheu nas *Canções populares da Beira* uma quadra, que como popular inclue, mas cujo arrebique de forma indica verniz de procedencia não popular, embora tenha sido ao depois popularizada, se é que a não sabia ou fizera a propria pessoa que a forneceu ao collector. E' requebrado cantar de serenata provinciana com intenções de altura e estylo romantico.

Aquelle primeiro amor,
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembra constantemente.

(*Canções...* p. 75).

A quadra popular é simples como a liberdade poetica do cantor, que dança o fandango e a chula, e desconhece os punhos de renda e as symetrias do menueto ou da gavota.

Outros adagios glosados nas quadras populares. — *Amor com amor se paga.* E' um convite ao amor, um madrigal rustico, de *invitation à la valse* do idyllio.

Amor com amor se paga;
Porque não pagas, amor?
Olha que Deus não perdôa
A quem é mau pagador.

(Lisboa—Luis Chaves, *O Amor Português*, p. 24).

Amor com amor se paga;
Nunca vi coisa tam justa;
Paga-me comtigo mesmo,
Meu amor, se te não custa.

(Chaves—Luis Chaves, *Id.*, p. 82).

Amor com amor se paga,
Já que outra paga não tem;
Quem com amor não paga,
Não diga que paga bem.

(Chaves — Luis Chaves, *Id.*, p. 82).

Complemento de este proverbio, logo outro vem: — *tomar amores não custa*, logo tambem opposto pelo que diz *deixá-los é que mata.*

Laranjeira do pé de ouro,
Deita laranjas de prata;
Tomar amores não custa
Deixá-los é que mata.

(Barcellos—A. Gomes Pereira, ob. cit., p. 50).

Adeus, cidade de Lisboa,
Rua Nova da Prata;
Tomar amores não custa,
O deixá-los é que mata.

(Barroso—Fern. Barreiros, já cit. *Rev. Lusit.*, XVIII, 272).

E, como glosa livre dos mesmos adagios, cantam:

Dizem que matam amores;
Ai quem me déra morrer!
Vale mais morrer de amores,
Do que sem elles viver.

(P. Fern. Thomás—*Canções popul. da Beira*, p. 98).

Mas, apesar de tudo, *palavras, leva-as o vento;* «palavras... essas e plumas o vento as leva», como se diz no final do *Auto de El-Rei Seleuco*... *words, words, words*, de Shakespeare. Assim são as cantigas: leva-as o vento.

Cantigas são meninices,
Palavras, leva-as o vento;
Quem se finta em cantigas,
E' falto de entendimento.

(Villa Real—Ant.º Gomes Pereira, já cit. *Rev. Lusit.*, X, 131).

Cantigas são pataratas,
São vozes, *leva-as o vento;*
Quem se emprega em cantigas,
Tem faltas de entendimento.

(Santa Victoria do Ameixial—Luis Chaves, «Folk-lore de Santa Victoria do Ameixial». *Rev. Lusit.*, XIX, 303).

Cantigas *leva-as o vento,*
Que m'importa a mim qu'as leve?
Eu canto, p'ra que o tormento
Da vida passe mais breve.

(Incerta).

Eu tenho ouvido dizer:
Palavras leva-as o vento,
As minhas para comtigo
Trago-as eu no pensamento.

(P. F. Thomás — *Canções pop. da Beira*, 108).

Vem apartamentos, ausencias: — *longe da vista, longe do coração; longe do olhar, longe da alma; quem não apparece, esquece;* porque «o amor nasce da vista» já o dizia a *Eufrosina* (ed. Farinha, p. 34) e ha mais tempo: «quam longe d'olhos, tam longe do coração», cantava o troveiro Fernando Esquyo, do *Cancioneiro da Vaticana* (c. n.º 900); mas não falta o opposto: *longe da vista, junto do coração; quanto mais longe da vista, mais perto do coração; quanto mais apartado, mais desejado*, etc. Allusivamente se canta:

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor;
Inda que o amor se ausente,
Quem fica, morre de dor.

(L. Chaves — *O Amor Port.*, p. 25).

A candeia, por estar baixa,
Não deixa de allumiar;
Assim, o amor, por'star longe,
Não deixa de alembrar.

(Chaves — L. Chaves, *Id.*, 39).

O' meu amor, andas longe,
Cá te trago no sentido,
Recortado na memoria,
No pensamento mettido.

(P. F. Thomás — *Canções pop. da Beira*, p. 122).

O' meu amor, lá de longe,
Perde um dia, vem-me vêr;
Quem não apparece esquece,
Tambem eu posso esquecer.

(Beira Alta).

Debaixo do verde cedro,
Agua clara vi correr;
Neste mundo tudo esquece,
Só de ti não pode ser.

(P. Fern. Thomás—*Canções pop. da, Beira* p. 4).

E' que *mal de amores não tem cura*, não sára, como diz o povo.

Pús-me a chorar saudades,
Ao pé de uma sepultura;
Uma voz me respondeu:
Mal de amor não tem cura.

(Santo Thyrso—A. C. Pires de Lima, já cit. *Rev. Lusit.*, XXII, 87).

E as aguas, que tanto murmuram no seu correr eterno, ainda respondem: *nada cura como o tempo.*

Pús-me a chorar, ao pé d'agua,
Lagrimas de sentimento;
A agua me respondeu:
—Nada cura como o tempo.

(Barroso—Fern. Barreiros, já cit. *Rev. Lusit.*, XVIII, 269).

O cravo, depois de secco,
Foi-se queixar ao jardim;
O jardim lhe respondeu:
—Tudo com o tempo tem fim.

(Leite de Vasconcellos—*Ensaios Ethnograph.*, IV, 54).

Tambem *não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.*

A folhinha do salgueiro
É a primeira novidade;
Quem madruga, não alcança,
Que fará quem s'ergue tarde?

(P. F. Thomás — *Canç. pop. da Beira*, p. 31).

Para bom entendedor, meia palavra basta.

Eu subi ao limoeiro,
Colhi uma só vergasta;
O amor, que é entendido,
Meia palavra lhe basta.

(Beira).

Ninguem diga: d'esta agua não beberei:

Nesta vida, ninguem diga:
D'esta agua, não beberei.
Que eu jurei que não casava,
E comtigo me casei.

(Chaves — Luis Chaves, O *Amor Port.*, p. 79).

Que *pela bocca morre o peixe:*

De uma fala, que te dei,
Logo te foste gabar;
Pela bocca morre o peixe,
Bem te podéras calar!

(P. Fernan. Thomás—*Canç. pop. da Beira*, p. 100).

E *cada um é para o que nasce:*

Fechei a porta á desgraça,
Entrou-me pela janella;
Quem nasce para a desgraça,
Não pode fugir a ella.

(D. Carolina Michaëlis—*As cem melhores poesias*. já cit., p. 25).

E *quem mais alto sobe, de mais alto cae*, ou como já nas *Epanaphoras: Quem mais alto assobe, mais baixo vae cair* (p. 317) e «de grande subida, grande descida».

Eu hei-de subir ao alto,
Ao alto hei-de subir;
Quem ao mais alto assobe,
Ao mais baixo vae cahir.

(Barcellos—A. Gomes Pereira, *Trad. pop. de Barcellos*, já cit. p. 90).

Quiseste assubir ao alto,
Ao alto foste assubir;
Quem ao mais alto assobe,
Ao mais baixo vae cahir.

(Barroso—F. Barreiros, já cit., *Rev. Lusit.* XVIII, 253).

No fim de contas, *quem canta, seu mal espanta*, por isso:

Quem canta, seu mal espanta;
Quem chora seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar
A paixão, que me atormenta.

(D. Carolina Michaëlis—*As cem melhores poesias*, já cit., p. 23).

Quem capta, seu mal espanta;
Quem chora, o seu mal augmenta;
Eu por ti tenho chorado
Lagrimas mais de sessenta.

(Santo Thyrso, — A. C. Pires, já cit., *Rev. Lusit.*, XXII, 87).

Tenho chorado ao dia,
Lagrimas mais de noventa;
Quem canta, seu mal espanta;
Quem chora, seu mal augmenta.

(Norte).

Na *Feira de Anexins* anda o adagio assim: *quem canta, seus males espanta;* — e *quem chora os augmenta.* (Parte I, Dial. V, § 1.º, p. 82); e em Gil Vicente: *quem com mal anda, chora e não canta; quem chora ou canta, fadas más espanta.* (Obras, I, 343).

Não ha gosto sem desgosto, neste mundo de contrastes:

O jasmim cahiu do Céo,
Quebrou o pé á assucena;
Não ha gosto, sem desgosto,
Que logo não cause pena.

(Norte).

— que *quem escuta, de si ouve*, embora se procure o gosto de o ouvir:

Meu coletinho de linho,
Feito por detrás das paredes;
Quem escuta de si ouve,
Acontece o mais das vezes.

(Santo Thyrso — A. Pires de Lima, ja cit., *Rev. Lusit.*, XXII, 85).

— e *as paredes tem ouvidos:*

Namorados, falae baixo,
Qu'as paredes tem ouvidos;
Os segredos mais encobertos,
São sempre os mais sabidos.

(Villa Real — Ant. Gomes Pereira, já cit., *Rev. Lusit.*, X, 158).

Amorzinho, fala baixo,
Que as paredes tem ouvidos;
Os amores mais encobertos,
Sempre são os mais sabidos.

(P. Fern. Thomás — *Canções pop. da Beira*, 57).

O Diabo é tendeiro — e, *por bem fazer, mal haver*, pois «de mal agradecidos está o Inferno cheio».

O demonio é tendeiro,
Vende fitas amarellas;
Venha outro que lh'as compre,
Que eu não quero nada d'ellas.

(Feira — Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 314).

Porque o «Diabo é tendeiro — e arma tendas sem dinheiro».

Se algum dia te fiz bem,
Sempre mal agradecida!
Por bem fazer, mal haver,
São as pagas d'esta vida.

(P. F. Thomás — *Canções pop. da Beira*, p. 172).

A persistencia vence, *agua molle em pedra dura, tanto dá, até que fura.*

Você diz que me não quer,
E por fim ha-de-me querer;
Tanto dá a agua na pedra,
Que a faz embrandecer.

(P. F. Thomás — *Canções pop. da Beira*, p. 168).

E *sempre a gallinha puxa para onde estão os ovos:*

Hoje em dia, qualquer luxa,
Em tendo bons fatos novos;
A *gallinha sempre puxa*
Para onde estão os ovos.

(Santo Aleixo — Portalegre).

Quem tem telhados de vidro, não atira pedras aos do vizinho:

Tendes telhado de vidro,
Só para o meu atiraes;
Falaes de mim, falaes d'outrem,
Só para vós não olhaes.

(Ab. Tavares — *Illustração Trasmontana*, III, 94).

Pelo ceo vae uma nuvem.
Todos dizem: — bem na vi!
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

(Barroso — F. Barreiros, já cit. *Rev. Lusit.*, XVIII, 276).

E das cartas, aquellas «saudades para comtigo só a vista terão fim»?

As saudades são flores,
Que eu tenho no meu jardim;
As minhas para comtigo
Só á vista terão fim.

(Gollegã).

*
* *

Por esta serie de adagios glosados se vê a variedade na forma e a facilidade de apprehensão do conceito. Todas as quadras ficam com o sabor a esteva da poesia popular, simples e viva.

Todos ou quasi todos os adagios, affectando um criterio geral, tem os seus oppostos, que da mesma forma tomam o aspecto de *magister dixit*, a commandar todos os factos e ideias. Uma quadra, muito conhecida, é sufficiente para em si e só por si mostrar o emparelhamento dos adagios «verticalmente oppostos.» Na serie de adagios enquadrados para cantar, podiamos ver exemplos frisantes, como nessas quadras subordinadas a «quem tem amores, não dorme.» Frisante, eschematica, é esta:

Quem tem filhos,
Tem cadilhos;
Quem os não tem,
Cadilhos tem.

(Leite de Vasconcellos — *Ensaios Ethnographicos*, IV, 17).
(D. Francisco Manuel de Mello — *Feira de Anexins*, D.° 6.°, § 1.°)

mais um adagio duplo, na verdade «verticalmente opposto» aos dois que o formam, e assim dada em forma de quadra.

*

2 — Os "Adagios Portugueses" do P.e Antonio Delicado

Todas as considerações do primeiro capitulo d'este estudo tendem a preparar a importancia da informação a dar ácerca do adagiario de Antonio Delicado, *Adagios Portuguêses Reduzidos a Lugares Communs.*

Neste momento de attenção scientifica e de renovação nacionalista, o adagiario deve de merecer o interesse e o cuidado de quantos procurem o fundamento de usos e factos actuaes, e dos que busquem a consciencia ou o estimulo da tradição. A uns e outros merece proveito e auxilio esta collectanea de adagios.

O que vale o adagio como elemento ethnographico em suas varias enunciações e exemplo orientador, bem como o valor litterario de influencia inspiratoria ou conductora, já o capitulo anterior o tentou, e não vae já para aqui reincidir.

Dos dois colleccionadores de adagios no seculo XVII, D. Francisco Manuel de Mello, e o licenciado Antonio Delicado, foi este o que colligiu com espirito, diriamos ethnographico ou restrictamente folclorico, os adagios. Porque D. Francisco Manuel de Mello se serviu d'elles para o dialogo da *Feira de Anexins,* que á força de trocadilhos, dispersão do adagio, monotonia da fala, é um enfado. O licenciado procura apresentar o adagio, por si, como coisa simples que é, nua e crua, sem mais arteficios que o da methodização.

A *Feira de Anexins* apresenta no correr dos nove dialogos das Partes I e II os adagios que se prendem: nos dois primeiros, com partes internas e externas do corpo, cada uma em seu §.; nos dois

seguintes, com a alma, estados de espirito, acções, sentidos, sensações, igualmente por §§.; no sexto, com mobilia e vestuario; no setimo, primeiro do segundo dialogo, com os elementos e antes d'elles com Deus; no immediato, com os animaes, e no ultimo com os trocadilhos de «ponto», tudo e sempre em §§.

Os *Adagios Portugueses* estão dispostos por capitulos; cada um comprehende os que o P.e Antonio Delicado tentou reunir na mesma ideia; e, dentro de cada capitulo, os adagios collocam-se pela ordem alphabetica da letra inicial. Estão apresentados sem litteratura nem feição theatral. São como são, e assim apparecem, ligados pela ideia moral, que os une, o que faz d'este adagiario um compendio pratico de normas moraes, em honra do «Prior da Igreja de Nossa Senhora da Charidade, termo da cidade de Evora», seu autor, isto é, compilador.

*

O P.e Antonio Delicado foi presbytero secular, e prior da igreja parochial de Nossa Senhora da Caridade, no termo de Evora. Nasceu na villa de Alvito, elle mesmo o declara no frontespicio do seu adagiario. A data provavel do seu nascimento é o anno de 1610, e nada consta da sua morte, na informação de Innocencio da Silva no *Diccionario Bibliographico.*

O titulo dado á estampa é na integra como segue:

> *Adagios* | *Portuguezes* | Reduzidos a Luga- | res Communs. | Pello Lecenciado | Antonio Delicado, Prior da Igreja de Nos- | sa Senhora da Charida | de, termo da Cida- | de de Evora. | Natural da Villa de | Alvito | (marca da officina, a negro). Em Lisboa | Com todas as licenças necessarias. | Na officina de Domingos Lopes Rosa. Anno de 1651. ||

O frontespicio, como todo o livro, é impresso a tinta negra. Volume em 4.º de XII-190 paginas de introdução e texto.

Innocencio refere-se a este livro.

«Esta obra de que não poude obter algum exemplar, — diz elle, — é pouco vulgar no mercado, e quando apparece vale ordinariamente de 1.200 até 1.600 rs. O sr. Figueiredo me fez ver um exemplar que possue, assás bem tractado e tambem vi outro na livraria do extincto Convento de Jesus.»

«Não deve confundir — continua elle — a que vae descripta acima sob n.º (13) que é totalmente diversa (1). No Summario da *Biblioteca Lusitana*, que publicou o professor Bento José de Sousa Farinha, acha-se apontada uma edição dos *Adagios de A. Delicado* com a data de 1785; porém não a vi nem poude descobrir noticia d'ella; o que me induz a tomar tal indicação por uma das muitas inexactidões em que abunda aquelle *Summario*, e que tornam o seu uso de pouco prestimo aos estudiosos. E o mais é que essa mesma indicação, falsa como ha toda a razão de crer, já passou d'alli para o *Manual* de Brunet, onde apparece reproduzida, offerecendo mais um exemplo da facilidade com que taes erros se propagam e perpetuam.» — Innocencio da Silva, *Diccio-*

---

(1) O n.º (13) a que se refere Innocencio é: *Adagios, Proverbios, Rifões e Anexins da Lingua Portugueza, tirados dos melhores auctores e recopilados por ordem alphabetica*, por F. R. I. L. E. L., que elle interpreta por Francisco Rolland, Impressor-Livreiro em Lisboa; Lisboa, Typographia Rollandiana, 1780, 8.º grande de 341 paginas. A obra é extrahida do *Vocabulario Portug.*, de Bluteau, como diz o proprio auctor no Prologo. Teve 2.ª edição «correcta e augmentada» na mesma typographia, 4.º, em 1841.

nario Bibliographico Portuguez, S. XVII, Tomo I, p. 122-123.

Com todas as licenças necessarias, diz o frontespicio dos *Adagios*. E não poucas ellas eram, nem agora desinteressantes. Senão vejamos os averbamentos pela sua ordem:

Licenças.

... «nam tem cousa algũa contra nossa S. Fé ou bons costumes».

Lisboa, Convento da Santissima Trindade, em 20 de Abril de 1651.

Assigna o Doutor Frey Adrião Pedroso.

Por mandado do Supremo Conselho da S. Inquisição declara fazer o exame do livro e diz: — «nam achei nelle cousa q̃ seja cõtra nossa S. Fé, ou bons costumes, antes tras algũs ditos antigos q̃ servé para boa direcção da vida cõmum, pello q̃ me parece, que se lhe pode dar licença para o imprimir».

Lisboa, em S. Francisco da Cidade, 25 de Abril de 1651.

Fr. Antonio das Chagas.

A seguir vem a licença e ordem de voltar a prova impressa ao Conselho, para ser comparada com o original e se conceder «licença para correr». O que é datado e assignado de Lisboa, 25 de Abril de 1651, pelo Conselho Supremo da S. Inquisição: Frei João de Vasconcellos, Pedro da Silva de Faria, Pantaleão Rodrigues Pacheco.

«Podesse imprimir».
Lisboa, 10 de Março de 1651.
O Bispo de Targa.

Que se imprima, vistas as licenças do Ordinario e Santo Officio, mas voltando á mesa — «para se taxar». De Lisboa, 22 de Maio de 1651. Licença assignada por D. Pedro P., — Pinheiro, — Andrade, — Francisco de Carvalho, — Pacheco.

«Está conforme com o seu original».
S. Domingos de Lisboa, 16 de Outubro de 1651.
Fr. Fernando de Menezes.

«Pode correr este livro», visto estar conforme com o original. Lisboa 17 de Outubro de 1651. Assignam a licença: ão de Vasconcellos, Pedro da Silva de Faria, Francisco Cardoso de Tornes, Pantaleão Rodrigues Pacheco, Diogo de Sousa.

«Taxão este livro em hum tostão em papel».
Lisboa, 17 de Outubro de 1651.
D. Pedro P. — Carvalho — Pacheco.

Nada menos de oito licenças; mas ficamos sabendo que, apesar de todos esses tramites, o primeiro exame do manuscripto, pelo Doutor Adrião Pedroso, foi datado de 20 de Abril, e no dia 25 já o Conselho Geral do Santo Officio tinha concedido a licença para se imprimir, que só a demora do despacho do Bispo de Targa e a ordem de taxamento e impressão por parte da Mesa do Conselho do Santo Officio, impediram seguimento immediato. Medeiam pouco menos de cinco meses entre esta ultima licença do Conselho e a conferição do impresso com o original em 16 de Outubro. Com os recursos do tempo, não é demorada a impressão de um livro de duzentas paginas. Depois de se verificar a concordancia do original e do livro composto, foi immediata a licença de correr e a taxa do livro.

Andou o original entre o Convento da Trindade, o de S. Francisco da Cidade, o de S. Domingos, a typographia, de novo até S. Domingos, pelo exame do Supremo Conselho do Santo Officio, pelo Desembargo, pela Mesa Censoria, para vir a publico.

E, além d'estas observações e outras que surjam, como os locaes, onde os varios serviços da Censura funccionavam, repare-se que foram notaveis alguns dos homens, que assignaram estas licenças.

Frei Antonio das Chagas era franciscano, foi

provincial da Provincia de Portugal em 1641; nasceu em Leiria em 1598 e falleceu em Lisboa a 25 de Dezembro de 1655. (1)

Pantaleão Rodrigues Pacheco foi clerigo secular, Doutor em Canones, Conego doutoral da Sé de Coimbra e, mais tarde, da Sé de Lisboa. Era deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e Desembargador do Paço. Foi bispo eleito da Sé de Elvas. Nasceu em Evora e falleceu em Lisboa a 30 de Dezembro de 1667. Com o Bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, enviou-o El-Rei D. João IV a Roma, para solicitarem o reconhecimento da Côrte Portuguêsa pelo Papa e a confirmação dos Bispos nomeados pelo Rei. Publicou em italiano, depois traduzido para português, o — *Manifesto do Reino de Portugal* apresentado á Sanctidade de Urbano VII, sobre o direito com que D. João IV possue seus reinos e senhorios de Lisboa. — (Lisboa, na officina de Domingos Lopes Rosa). (2)

*
* *

«Nam tem cousa algũa contra nossa S. Fé ou bons costumes», observou o Doutor Frey Adrião Pedro. «Nam achei nelle cousa que seja cõtra nossa S. Fé, ou bons costumes, antes tras algũs ditos antigos q̃ servẽ para boa direcção da vida cõmum», confirmou e minuciou Fr. Antonio das Chagas, e disseram ambos com justeza. Porque os *Adagios* de Antonio Delicado são dignos de Por-

(1) Innocencio da Silva. *Diccionario Bibliogr.*, S. XVII. — I. 110.

(2) Innocencio, *Dicc.°*, S. XVII, — VI, 338.

tuguêses e dão mercê ao Prior de Nossa Senhora da Caridade.

Este adagiario é um curso de moral. Muitos dos adagios correm hoje na mesma forma ou approximadamente identica. E' sabido que os adagios de maximas moraes são perfeitos especimes de formulas de moral pratica. Fora dos adagios de conselho agricola, ou de applicação ao trabalho, seja de lavrador, seja de pescador, etc., só ha os de ordem moral, a abranger todos os pensamentos, actividades, tendencias, manifestações de sentimento ou sensualidade, unificados ou harmonizados no mesmo conselho morigerador. E mesmo áquelles se estende a ideia geral de moralização nas almas e no trabalho.

Conforme já ficou apontado, os adagios estão aqui dispostos, por ordem alphabetica das iniciaes da phrase, em capitulos: cada capitulo é designado por seres concretos — coisas, pessoas, animaes («obras mechanicas»; «Rei», «homem», «mulher», «filhos», «creados»; «animaes», «caça», «pesca»); —, ou por acções, qualidades, estados («economia», «ignorancia», «prudencia», «liberalidade», «mentira», «ladroice», «preguiça», «guerra e paz»), — acerca do trabalho, sciencias, artes («trabalho», «medicina», «artes mechanicas», «agricultura»), do tempo («meses»), de religião («Deus», «Igreja»), etc.

Evidentemente a methodização é difficil, de mais com um grande numero de proverbios; por isso muitos d'elles, como se vê até pela resumida enumeração de alguns dos capitulos, repetem-se; isto sem falar da sequencia dos adagios em cada um pela lettra com que principiam, o que não constitue elemento capaz de classificação, pois, que mais não fosse, bastaria alterar a ordem ou

substituir a palavra inicial, para o adagio mudar de lugar. Cada grupo assim formado é repartido pelo encabeçamento da lettra inicial.

Vejamos uns exemplos demonstrativos da difficuldade no methodo e dos defeitos de classificação. São de duas ordens: «defeitos de collocação» e «defeitos de repetição».

Colloca sob o titulo capitular da *Ignorancia* este adagio: — «Quem mal cospe, duas vezes se alimpa»; — em Igreja, estes: — Jejuae, Gallego, que não ha pão cozido»; «missa nem cevada não estorva jornada»; — em *Ladroice*: «seja tua a figueira, esteja eu á beira»; — em *Maldade*: «de taes romarias, taes perdões»; — em *Mentira*: «lançar a pedra, esconder a mão» ou «obra é de villão, tirar pedra, esconder mão»; em *Mulher*: «a mulher do fidalgo, pouco dinheiro, grande trançado,» e «a mulher do escudeiro, grande bolsa, pouco dinheiro.» Em *Ladroice* faz esta approximação: «pelejam os ladrões, descobrem-se os frutos», e «pelejam as comadres, descobrem-se as verdades.» Ainda no capitulo de *Mulher:* — «no Verão taberneira, e no Inverno padeira»; e o inverso «no Inverno forneira, e no Verão taberneira.» Ainda em *Igreja:* — «Rogar ao Santo, até passar o barranco», e «rio passado, o Santo não lembrado.» Em *Homem:* — «Na terra dos cegos, o torto é Rei.» Em *Medicina:* — «o Natal ao soalhar, a Paschoa ao luar», «por Natal sol, e por Paschoa carvão.» Em *Deus:* — «Dá Deus amendoas a quem não tem dentes», que vae repetir em «*Economia* com a forma: — «Dá Deus biscoito a quem não tem dentes», e ainda em *Deus:* — «dá Deus a roupa, segundo é o frio.» Em *Obras Mechanicas:* — «Não se fez Roma em um dia». Em *Prudencia:* «agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura», ao passo que em *Valentia e Fortaleza:*

— «A pedra é dura, e a gota é meuda, mas, cahindo de continuo faz cavadura.»

Em alguns dos exemplos de repetição, vê-se o mesmo deslocamento, como logo no primeiro que segue. Em *Casamento* e em *Comer*, repete o adagio: — «da mão á bocca, se perde a sopa.» Em *Amo e Creado* e em *Creado*, dois capitulos differentes, repete com a mesma forma, sob a mesma letra M: — «Manda o amo ao moço, o moço ao gato, e o gato ao rabo»; e nos mesmos egualmente, sob a letra S: — «S. Miguel e S. João passado, tanto manda o amo como o creado.» Em *Casamento* repete no mesmo capitulo, letras A e T: — «Amizade de genro, sol de Inverno.» — «Tal genro, como o sol de Inverno.» Em *Comer:* — «Queijo, pero e pão, comer de villão», parallelamente, na mesma letra Q, a «Queijo, pão e pero, comer de cavalleiro». Os adagios referentes ao sandeu, espalham-se; em *Ignorancia:* «muito fede o Sandeu, mas mais é quem lhe dá o seu»; e em *Prudencia:* — «Quando o Sandeu se perdeu, o sisudo aviso colheu». A proposito de bésta, bèsteiro, virote, vêm as repetições sob formas differentes ou affins e sem capitulos distinctos: — «de rabo de porco, nunca bom virote»; (*Animaes*): — «Bèsteiro mau, aos seus atira»; (*Ignorancia:* — «Bèsteiro mau, atira aos pés e dá no rosto»; (*Id.*): — «Bèsteiro que mal atira, prestes a mentira»; (*Maldade*). Variedade de estoutro: — Mentiras de caçadores são as maiores. — «*Mentira*»); — «Bésta de amigo, rija de armas, e frouxa de tiro» (*Riqueza*). Repete-se o mesmo adagio sob diversas formas: — «Por muito madrugar, não amanhece mais asinha»; — (em *Diligencia*): — «Mais vale quem Deus ajuda, que quem muito madruga» (*Deus*); — «Tarde madruguei, mas bem arrecadei» (*Diligencia*); e os oppostos: — «Quem

primeiro se levanta, primeiro se calça» e «quem primeiro vem, primeiro moe» (*Diligencia*); «homem que madruga, de algo tem cura» (*Homem*). Em *Igreja:* — «Deixae fazer a Deus, que é Santo Velho», e «Mandae Deus, que é Santo Velho».

* * *

Na mistura dos adagios andam certos idiotismos, a maior parte das vezes sem nexo, mas com forma proverbial de sentença ou conceito. Além d'estes ha outros adagios, ou melhor, pseudo-adagios, sem applicação ou expressão perfeita, e «lugares-communs», «phrases feitas», na designativa de varios colleccionadores e folcloristas. Elles ahi apparecem tambem no Adagiario do P.e Antonio Delicado, que, reduzindo tudo a «lugares-communs», como elle proprio o annuncia no frontespicio do livro, os não quis expurgar.

Apontemos alguns e, quem tiver curiosidade, procure outros e destrince estes, entre os que podem ter alguma especie de explicação, os que são tudo, e os que nada são:

— «Digo uma e digo outra: quem não fia, não tem touca.» (*Economia* — D).

— «A dôr de cabeça minha, e as vaccas nossas.» (*Medicina* — A).

— «A bocca do fraco, esporada de vinho.» — (*Id.*)

— «A quem não davamos vida, em galochas vae á missa.» (*Id.*)

— «Formoso e aleivoso.» (*Mentira* — F).

— «Tirar a castanha do fogo com a mão do gato.» (*Id.*)

— «A mulher do escudeiro, toucas alvas, coração negro.» (*Mulher* — A).

— «A mulher louvada não tem espada, e, se a tem, não mata.» (*Id.*)

— «Ninho de guincho.» (*Riqueza* — N).

— «Faz rasto sem pôr pègada.» (*Ventura* — F).

— «Muito trigo tem meu pae em um cantaro.» (*Agricultura* — M).

— «Longo e estreito, como anno mau.» (*Id.* — L).

— «Não é cabrito para o mesquinho». (*Animaes* — N).

— «Andar com furão morto á caça.» (*Caça*—A).

— «A ti o digo, filha; entende-o tu, nora.» (*Casamento* — A).

— «Agora lhe lembra a morte de João Grande.» (*Ignorancia* — A).

No capitulo *Comer* tem dois adagios curiosos, um que vem recordar certa anecdota de Bocage cento e tantos annos depois: — «Comei, mangas, aqui, que a vós honram e não a mim», — e o outro traz evocação da Maria Parda de Mestre Gil, acaso d'elle tirada ou amanhada em corrente litteraria: — «em casa de Maria Parda, uns comem leite, outros nata», — a pobre Maria Parda, que á falta de vinho dizia:

Eu só quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou já como minhoca,
Que poserão a seccar.

. . . . . .

Carpi-vos, beiços coitados,
Que já lá vão meus toucados
E a cinta e a fraldilha,
Hontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.

. . . . . .

O' vinho mano, meu vinho,
Que má hora te gastamos.

(Gil Vicente — *Pranto de Maria Parda*, «Obras», III, 363).

E, para menção final, sirva a lição do «lugar-commum» conceituoso: — «Quem crê de ligeiro, agua recolhe no seio» (*Ignorancia* — Q). Bem como a symetria d'estes dois do mesmo capitulo de *Obras Mechanicas*:

— «Obra de commum, — obra de nenhum.»
— «Obra de nenhum, — obra de um.»

* * *

No conselho de padre-mestre, são conceituosos os adagios, em todos os sentidos e de todo o genero. No capitulo de *Comer* e de *Medicina* vae um completo formulario de mandamentos hygienicos. A indole é de os não acatar, principalmente em provincias onde se ignora o que é comer e se vae devorar toda a casta de mixordias, como no Alemtejo dos ensopados, das assordas e do chouriço. Não se diga porém que a sapiencia das gerações, crystallizada em normas prescriptas, não providencia ou nada de pratico — e pratico é o conhecimento adquirido e transmisso, — tem a tradição dos velhos tempos.

Colligiu-os Antonio Delicado. E' curioso de vêr o conceituario da medicina caseira, ácerca dos cuidados com a alimentação.

O homem do povo é gastronomo por excellencia; só o não é, quando o não pode ser, mas vinga-se, sendo-o, na primeira opportunidade. Muito embora, prégá-lhe o adagio: — «Não te enchas, não

rebentarás.» — Recommenda a Medicina que se não durma sobre as refeições, e diz o dictado: — «quem ceia e se vae deitar, má noite ha-de passar.» — O que não impede a formação de outros, contraformes: — «sobre comer, dormir; sobre cear, passos dar», — e — «quem se deita sem ceia, toda a noite devaneia.» No emtanto, veda-se o uso de alimentos indigestos ou de digestão demorada: — «tens vontade de morrer? ceia carneiro assado, deixa-te adormecer.»

Como regra digestiva: — «se queres cedo engordar, come com fome e bebe devagar.»

Recommendações ao abuso do vinho: — «Quem amigo é de vinho, inimigo é de si mesmo.» — «Quem se lava com vinho, torna-se menino»; e, em parelha culinaria: — «o leitão com vinho torna-se menino»; — «se queres ser bem disposto, bebe vinho e nanja mosto»; — «o bom vinho faz bom sangue.»

Abundam as regras para a escolha dos alimentos. — «O pão de hoje, a carne de hontem, o vinho do outro verão, fazem o homem são.» — «Boccado de mau pão, não o comas nem o dês a teu irmão.» — «Não bebas agua da alagôa, nem comas mais que uma azeitona», — com o complemento explicativo de: — «uma azeitona ouro, a segunda prata, a terceira mata.» — «O cabrito de um mês, o queijo de três», e similarmente, «o leitão de um mês, o pato de três.» — «Azeite de riba, mel do fundo, vinho do meio.»

Notas de culinaria: — «a salada bem salgada, pouco vinagre e bem azeitada.» — «Enguia em empada, lampreia em escabeche.» — «Do peixe a pescada, e da carne a perdiz.» — «Do capão a perna, da gallinha a titella.» — «Depois do peixe, mau é o leite.» — «Comer sem beber, cegar e não vêr.» — «De caldo requentado, e de vento de bu-

raco, guardar d'elle como do Diabo.» — «Não comas cru, nem andes com pé nu.» — «Caldo de nabos, nem o queiras, nem o dês a teus creados.» — «A quem em Maio come sardinha, em Agosto lhe fica a espinha.»

*
* *

Pelos capitulos da *Economia*, *Filhos*, *Igreja*, *Mulher*, *Obras Mechanicas*, *Preguiça*, *Prudencia*, respigam-se adagios que se referem ao trabalho domestico da mulher, á roca e ao tear. Já os conselhos de Trabalho, os incitamentos á moral do trabalho, são de bello alcance e boa classificação para o espirito proprio da idiosyncrasia portuguesa. Reunindo e assignalando os que se referem á actividade tradicional das mulheres, não sómente se dá uma lição moral, mas aponta-se um quadro de belleza.

Nos proverbios, que definem a familia e o trabalho domestico do elemento feminino, com a evocação latina do *domi mansit, lanam fecit*, o adagiario é rico.

No melindroso assumpto de filhos e do cuidado com os effeitos desmoralizadores e attentatorios da dignidade e paz da familia, provenientes dos desregramentos genesicos, coordenemos alguns dos adagios attinentes:

— «Filho alheio, mette-o pela manga, sahir-te-ha pelo seio»; — e — «filho alheio, brasa no seio.» — (*Filhos*).

— «Filho de bastardo, muito bom ou muito velhaco»; — e — «filho bastardo e mula, cada dia fazem uma.» — (*Filhos*).

Filhos posthumos ou só a cargo da mãe; educação de filhos; perigo de madrastas; madrastas e enteadas:

— «Filho de viuva, ou malcreado ou mal costumado.» — (*Filhos*).

— «Quem não crê boa mãe, crê má madrasta.» — (*Filhos*).

— «Quem em casa da mãe não atura, na da madrasta não espere ventura.» — (*Maldade*).

— «Madrasta, o nome lhe basta.» — (*Mulher*).

— «Madrasta e enteada sempre andam em baralha.» — (*Mulher*).

E' sempre o mesmo caso: — «mette o ruim em teu palheiro, quererá ser teu herdeiro.» — (*Maldade*).

No trabalho está a belleza do lar, a economia do pé-de-meia, a paz do casal. São numerosas as cantigas populares ao tear e á roca; é um thema de predilecção, que mais augmenta a belleza do trabalho caseiro, que seduz a poesia popular, e depõe a favor da indole do povo.

Zabellinha tecedeira,
Tece num tear dourado;
Vem o vento da ribeira,
Embaraça-lhe o fiado.

(Ilha da Madeira—C. Soares, *Subsidios para o Cancioneiro do Archip. da Madeira*, na «Rev. Lusitana», XVIII, 138).

Mariquinhas tecedeira,
Tem o tear á janella;
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
Todo o fiado lhe quebra.

(Barcellos — A. Gomes Pereira, *Trad. populares de Barcellos*, já cit., p. 60).

Mariquinhas tecedeira,
Tens tear e não teces;
Quando te lembras do amor,
O tear te aborrece.

(Villa Real — A. Gomes Pereira, *Trad. popul. de Villa Real*, já cit., na «Rev. Lus.», X, 194).

Andam tambem nas xácaras passagens allusivas ao tear e ao fuso, como em *O Conde de Allemanha:*

Estando eu no meu tear,
Na minha teia a tecer,
Veio o Conde de Allemanha,
E a teia quis desfazer.

(Fernandes Thomás — *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, p. 6).

Em a *Bella Infante:*

Dera-te as minhas joias,
Que não têm peso e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata polida.

(Garrett—*Romanceiro*, (ed. 1904), I, p. 40).

Em *A Noiva Arraiana:*

Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!

(Garrett, *id.* II, 69).

E em *O Cego:*

Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vae com o pobre cégo, pô-lo no caminho.

(Garrett, *id.* II, 84).

Espiou-se a roca, acabou-se o linho.

(*Id.* 84).

*

Mestre Gil Vicente, bebedor dos usos e costumes do povo, já tinha a miude referencias ao tear e á roca.

(*Mãe*) Traze-me a roca e a banca
E o fuso que está co' ella.

(*Pae*) Assentae-vos a fiar.

(*Auto da Lusitania*, «*Obras*», III, 267).

(*Lediça*) Não tenho roca de meu,
Nem despois que sam nascida,
Nunca minha mãe m'a deu.

(*Auto da Lusitania*, III, 252.)

(Diz a *Ama* á *Moça*:) Mostra-m'essa roca ca:
Siquer fiarei hum fio.

(*Auto da India*, «*Obras*», III, 27.)

(*Velha*) Hui! pois jeita-te ao fiar
Estopa, linho ou algodão,
Ou tecer.....
(*Isabel*) Eu sou filho de muleiro?
Em roca me falais vós?

(*Auto de Quem tem farellos*, III, 23-24).

De um cantar mirandês, que é um quadro de vida de interior, de um *petit-maître* da cantiga popular:

Bi benir la gaita
Al cimo del lhugar,
Pousei la mia roca,
I pus-ma bailar.

(Anthero de Figueiredo—*Jornadas em Portugal*, p. 155).

Tempo feliz esse, para a familia e para a terra de Portugal, em que o trabalho caseiro com as

suas industrias domesticas supria o mercado e moralizava os costumes. «Idade de ouro» lhe chamou D. Francisco Manuel de Mello; «idade de ouro e tempo santo, quando a Raynha D. Catharina assi era continua no trabalhar; que da secura que lhe causava o fiar, tinha sempre a par de sy hum pucaro com agua em que molhava os dedos; do qual trabalho fazia corporaes para as Igrejas». (1) E Oliveira Martins: «e a avó (de D. Sebastião), — a rainha D. Catharina, desattendida e só, fiava longas noutes o linho da sua roca, as tristezas da sua alma, molhando a miude os beiços, quentes e seccos do trabalho e da afflicção. Assim, fiando, morreu a irman de Carlos V.» (2)

Foram esses os teares dos bureis, enxergas, sirgúilhas, saragoças; essas rocas que fiaram a lã, o algodão, o linho; e assim se vestiam os nossos avós, assim enriqueciam ou pelo menos amealhavam seus bens. Com a roca e o fuso, os teares, as agulhas, ahi andavam nos mercados e feiras, nas vendas e algibebes, os pannos barrosãos, ou de Alcobaça de que já falava Gil Vicente (3), os amantesados de Norte a Sul, as cobertas e mantas de lan e as de traparia dos farrapos, de Vianna do Castello, as colchas da Beira (Tavora, Fundão, Pampilhosa da Serra, etc.), os bordados, as rendas, os alinhavados, a tapeçaria como no Sabugal e Villa de Moinhos (Viseu), Salreu, Arganil, Fundão, a fidalguia artistica dos pannos de Arrayollos... um nunca acabar, até as sedas e velludos do Norte,

---

(1) D. Francisco Manuel de Mello, *Tempo de Agora*, Parte I, (ed. 1785), p. 106.

(2) Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, 3.ª ed., II, 54.

(3) Gil Vicente, *Farça dos Almocreves*, nas *Obras*, III, p. 203-205.

com tam extranha belleza nas terras do Districto de Bragança...

Corre a dobadoura. Corre, corre... «enrolou depois a estriga, puxou o fio e á medida que o fuso girava, e que o linho se enrolava...» (1) e Portugal crescia, e a gente endinheirava o pé-de-meia...

E ligam-se superstições: — a roca deve de ficar espiada todas as noites, porque, se não fôr assim, os defuntos vem acabar então de a espiar. (2) Fazem rocas de bella decoração «bordada» os pastores, para presentearem as conversadas, sendo curiosissimas as da Extremadura, de desenho largo e alegre, e as de Miranda do Douro, com lavores miudos. Anda a roca em figurações religiosas: Santa Genoveva é representada nos seus registos-de-santos como pastora com a roca á cinta, e o fuso pendente da mão, a fiar (3); ou em allusões poeticas como esta:

A Senhora da Lapinha
Anda no monte sem roca;
P'ra acabar uma meada,
Falta-lhe uma maçaroca.

(Guimarães — Oliveira Guimarães (Abbade de Tágilde), *Guimarães e Santa Maria* (1904) — p. 85).

A litteratura aproveitou-a, sobretudo na mão dos romanticos, renovadores da tradição. Garrett,

---

(1) Rebello da Sliva, «A camisa do noivado», em *Contos e Lendas*, 1873, p. 129.

(2) Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas», na *Rev. Lusitana*, X, 303.

(3) Exemplar marcado: — Lix.a Lith[ographia] — de Maurin, V[iuv].ª dos Poijaes de S. Bento N.º 7. — E lithographia n.º 4 da collecção da casa; *Caudere Pinxit. L. Maurin Lith*[*ographou*].

no *Alfageme de Santarem*, póe Alda a embalar com o pé o berço do filho, emquanto as moças cantam a xácara da *Bella Infante*, e fia na roca (ultimo quadro). Herculano, em *A Abobada*, descreve uma entrada de Anna Margarida, ama de Mestre Affonso Domingues, «com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourello que o apertava... um lamber de dedos e... dois puxões nas barbas da estriga quasi fiada.» (1); como tambem n*O Monge de Cister*, onde lhe chama a «roca tradicional» e saudosamente refere «o leve grunhido do fuso» (2). Camillo, esse, no pintar vagabundo dos seus quadros de provincia, não deixa nunca esse ornamento do lar: ora no *Anathema*, ora nos *Mysterios de Lisboa*, etc. (3)

A roca foi o symbolo do trabalho pacifico, era o trabalho da mulher. No *Cancioneiro Popular*, lembra Theophilo Braga o que «na Idade Media os governados sentiam ao verem o poder passar da *espada* para a *roca*, segundo a expressão energica do velho symbolismo nobiliarchico. A *roca* representava o quietismo da inacção e da fraqueza.» (4) E porque a honra da casa era o trabalho e a roca o seu symbolo, era uma das ceremonias antigas dos esponsaes do Minho, offerecer

---

(1) Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, (13.ª ed. 1918), I, 245.

(2) «Mettendo o classico ourello da cinctura a roca tradicional, acompanhava com o submisso rangido do derriçar nos barbas do linho e com o leve grunhido do fuso os discursos cheios de suave uncção». Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, I, 258.

(3) Camillo Castello Branco, *Anathema*, 6.ª ed., p. 23 e 28; *Mysterios de Lisboa*, 7.ª ed., II, 104 e 105.

(4) Th. Braga, *Cancioneiro Popular*, 1867, p. 208.

á noiva uma roca cheia de linho e o fuso. (1) Por isso ella figurava nas lapides ou cabeceiras sepulcraes das mulheres de quem se podia dizer: *lanam fecit*, fiou a lan.

Anda nos proverbios a roca e o fuso. (2) Mal vae á casa, se a ordem se inverte, ou, como acima se disse, se o governo larga a espada e empunha a roca; por essa razão diz o adagio: — «mal vae á casa, onde a roca manda a espada.» — E, se não ha roca nem fuso, não ha trabalho, não ha paz, e então: — «não ha casa farta, onde a roca não anda»; —e estoutro — «perdi a roca, e o fuso não acho, três dias ha que lhe ando pelo rasto»; e ainda: — «mal vae ao fuso, quando a barba não anda em cima». Então justifica-se o adagio: — «Casa onde não ha pão, todos ralham, e ninguem tem razão».

Antonio Delicado reuniu os adagios que colheu, o só os dividiu pelos capitulos mencionados, quando os quis classificar e methodizar.

—«Quem fia e tece, bem lhe parece».—(*Economia*).

—«De boa filha, boa fiandeira».—(*Filhos*).

—«A boa fiandeira, de S. Bartholomeu toma a vella e a mais boa da Magdalena.»—(*Mulher*).

—«Fiandeira, fiae manso, que me estorvaes, que estou resando».—(*Id.*)

—«Fiandeira não ficastes, pois em Maio não fiastes».—(*Id.*)

---

(1) João de Barros, na *Descripção do Minho*; J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, ed. de 1870, I, 134.

(2) Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez & Latino*, s. v. «roca», «fuso».

—«Fiandeira preguiçosa, ao Domingo é aguçosa».—(*Id.*)

—«Que fiandeira eu era, se ventura houvera!» —(*Id.*)

—«Não quebra por delgado, senão por gordo e mal fiado.»—(*Obras Mechanicas*).

—«Pouco e pouco, fia a velha o copo».— (*Id.*)

—«Se queres ser polido, traze agulha e mais fio».—(*Artes Mechanicas*).

—«A moça, como é creada; a estopa, como é fiada».—(*Mulher*).

—«A mulher parida e a teia urdida, nunca lhe falta guarida».—(*Id.*)

—«A mulher que não vela, não faz grande teia».—(*Id.*)

—«A mulher, que pouco fia, sempre faz ruim camisa».—(*Id.*)

—«Não ha casa farta onde a roca não andar».—(*Id.*)

—«Sabbado á noute, Maria, dá-me a roca.» —(*Id.*)

—«Perdi a roca, e o fuso não acho, três dias ha que lhe ando pelo rasto».—(*Preguiça*).

—«Quem faz tudo, não mexe fuso.»— (*Economia*).

—«Quando não tenho vontade de fiar, deito o fuso a nadar.»— (*Mulher*).

—«Mal vae ao fuso, quando a barba não anda em cima.»— (*Obras Mechanicas*).

—«Fusada miuda, a seu dono ajuda.»—(*Mulher*).

—«Pelo fio tirarás o novello, e pela passada o que está por vir.»— (*Prudencia*).

Alguns d'estes adagios tinhamo-los visto já, quando foram mencionados os de Bluteau. A *Revista Trasmontana* accrescenta a estes:—«Do linho

arestoso faze camisa a teu esposo»;— «ao bebedor não lhe falta vinho, nem á fiandeira linho»;— «por um cabellinho se pega o fogo ao linho»; — «linho apurado, dá lenço dobrado.» — (I, 26, nota 3).

*
* *

Os adagios de ordem moral estão egualmente dispersos por capitulos proprios e repetidos, quando podem ser tomados em mais de um sentido; outros não agrupam em capitulos de designação moral.

Como Cesar queria que a mulher fosse não só casta mas o parecesse tambem, o adagio popular, que este adagiario do P.e Delicado transmitte, diz no mesmo espirito de exigencia:

—«Não basta ser bôa, senão parecê-lo. — (*Mulher*); e, parallelamente, com passa-culpas:

—«Se não fôres casta, sê cauta.»—(*Id.*)

Se *la donna é mobile*,

—«Muda-se o tempo, mudado o pensamento.»

—«Mudado o tempo, mudado o conselho.» — (*Providencia*).

Cuidado com as promessas: — «promettido é devido», — e — «quem promette, deve»; e «muito prometter equivale a nada cumprir»; «prometter aos pobres é anima-los a esperar», e não cumprir é maleficio e deshumanidade. Ao menos prometta-se, na duvida de poder cumprir.

—«Muito prometter é especie de negar.» — (*Mentira*).

—«Ao pobre não promettas, e ao rico não falleças.» — (*Pobreza*).

—«Ao rico não devas, e ao pobre não promettas.» — (*Riqueza*).

—«Quem se detém em dar o que promette, claro está que se arrepende.» — (*Mentira*).

—«Sempre promette em duvida, pois ao dar ninguem te ajuda.» — (*Liberalidade*).

E' necessario cuidado com as falas, porque «muito fala quem cala», e «quem muito fala, muito erra.»

—«Mais vale calar que mal falar.»—(*Prudencia*).

—«Bom saber é calar, até ser tempo de falar.» — (*Id.*)

—«O pouco falar é ouro, o muito é lodo.» — (*Id.*)

—«Prata é o bom falar, ouro é o bom calar.» — (*Id.*)

Quem bem ouve, comprehende melhor, e não é o que mais fala o que melhor escuta; ora, para bem responder, necessario é primeiro bem perceber, pois não ha nada mais difficil que uma boa resposta e uma boa transmissão.

—«Entende primeiro, fala derradeiro.» —(*Prudencia*).

—«Quem bem ouve, bem responde.» — (*Id.*)

Recommenda-se prudencia nas palavras e nos conselhos, que se dão ou se pedem.

—«A pedra e a palavra não se recolhe depois de deitada.» — (*Prudencia*).

—«Palavra e pedra solta não volta.»— (*Id.*)
—«Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes conselho.»—(*Id.*)

Nada de arrogancias, nem de orgulhos, mas tambem nada de humilhações e desesperos por se ser pobre e fraco. Os adagios são bellos e consoladores.

—«Não te exalces por riqueza, nem te abaixes por pobreza.»—(*Prudencia*).
—«Não é pobre senão o que se tem por pobre.» —(*Id.*)
—«Não é pobre o que tem pouco, senão o que cobiça muito.»—(*Id.*)
—«Pobreza não é villeza.»—(*Id.*)

E no emtanto a este ultimo, como uma tentação, um remorso, uma rebeldia, diz outro adagio: —«quem diz que pobreza não é villeza, não tem siso na cabeça.»—(*Id.*)
Em relação a este, e como anathema de quem estimula ao trabalho, honra da casa, morigeração da vida, lança o estigma de pobreza ao preguiçoso:

—«O preguiçoso sempre é pobre.»—(*Preguiça*).
—«Preguiça chave de pobreza.»—(*Id.*)

Escolham-se as companhias, que por ellas se vêem logo as qualidades de quem as procura; se queremos bons companheiros, saibamos procurá-los.

—«Dize-me com quem andas, dir-te-hei que manhas tens.»—(*Uso*).
—«Dize-me com quem vás, dir-te-hei o que farás.»—(*Id.*)

—«Chega-te aos bons, serás um d'elles.» — (*Prudencia*).

—«Com má gente, é remedio muita gente em meio.» — (*Id.*)

—«Da má companhia, guarte de ser auctor nem parte.» — (*Id.*)

Já no *Libro de Monteria* (Biblioth. Nacional) El-Rei D. João I consignava a folhas 9 o adagio do seu tempo: — «Dime com quem viveste, e direyte as manhas que ás.» — No *Leal Conselheiro* de El-Rei D. Duarte, fl. 223, toma esta forma: «Vay hu vaaes, com quaes te achares tal te farás.» Na *Ulyssipo*, de Jorge Ferreira (fl. 27): — «Di-me com quem passes, — dir-te-hei o que fazes»; *id.*, 28 v., e na *Eufrosina* (51), «chega-te aos bons e serás um d'elles» — e — «quem á boa arvore se arrima, boa sombra o cobre.» Como com estes, egualmente se podia com todos os adagios acompanhar o seu sentido e o desenvolvimento historico, através da litteratura nacional. E' claro que não vem para aqui fazer comparações com os adagios correspondentes em outras linguas; nem é assumpto que interesse neste momento, nem o estudo em si do adagiario português, na sua essencia intima, exige cotejos.

Tambem os adagios dão conselho ao acatamento politico e fornecem lição de vario conceito. Formula nacional e familiar, historica e de logica politica, a Monarchia é o governo, o Rei é a pessoa. Acate-se, porque o Rei tem por dever natural reinar, e, diz o adagio:

—«A lei de reinar é a de amar.» — (*Rei*).

Governar é o pensamento e a acção em alliança, mas unidade de acção com unidade de pensamento. Por isso:

—«Mandar não quer pàr.» — (*Rei*).

Dizia Gil Vicente, com este conceito, que ninguem tinha que discutir leis com o Rei: — «Não pegues na lei, não temerás Rei.» (Gil Vic., *Obras*, I, 343). Porque a unidade de acção e de pensamento é necessaria, diz outro adagio:

—«Não sabe governar quem a todos quer contentar.» — (*Rei*).

E' por isso que, para boa paz e harmonia de todos, se recommenda:

—«A teu Rei nunca offendas, nem lances em suas rendas.» — (*Rei*).

A obediencia intelligente, a obediencia ao dever e ao bem geral, é a suprema virtude nos povos.

—«Rogos de Rei, mandados são.»—(*Rei*).
—«A' voz d'El-Rei não ha coisa forte.» — (*Id.*)

Mas, se o rei é fraco, lembre-se o dictado de ha pouco: — «mal vae á casa, em que a roca manda a espada.» O proprio Camões o affirmou, quando disse de D. Fernando — «que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.» (*Lusiadas*, III, 138), porque, explicará o adagio, tambem recolhido pelo P.e Antonio Delicado:

—«Qual o Rei, tal a lei; qual a lei, tal a grei.» —(*Rei*).

Então, se o Rei fraqueja, ou se o não sabe ser no cumprimento da sua missão:

— «Tudo é vento, se não ha Rei, ou Prior no Convento.» — (*Rei*).

Mas tudo muda, tudo se transforma, tudo passa, no correr do tempo. E, — «a roda da fortuna nunca é una.» — (*Ventura*). Por isso, se, como missão propria,

— «Ao Rei pertence usar de franqueza, pois tem por certo não cahir em pobreza.» — (*Rei*).

no emtanto, a roda da fortuna gira, e outro adagio completa o discurso sobre o thema—*o tempora, o mores.*

— «A cabo de cem annos, os Reis são villões, e, a cabo de cento e dez, os villões são Reis.» — (*Ventura*).

A discussão politica é a invasão de todos na especialidade e competencia de alguns; a intromissão provoca a barafunda;—cada cabeça, sua sentença; e no fim todos se julgam aptos para os supremos commettimentos. Outro adagio expressa bem, numa forma concreta, os altos designios dos tortulhos politicos:

— «Aprendiz de Portugal, não sabe coser e quer cortar.» (*Artes mechanicas*).

*
* *

No capitulo dos *Meses* estão reunidos os adagios com referencias a cada mês; na sua maioria são recolhidos de outros capitulos, como da *Agricultura*, *Animaes*, *Pesca*, *Caça*, etc., onde anda disperso o

adagiario da cultura dos campos, do trato, escolha ou cria de gado, qualidades e periodos de pesca e de caça, etc. E' a esse capitulo que pode chamar-se a folhinha agricola, com indicações á economia caseira e á administração agricola.

Para ver as ordenações ruraes dos adagios, reunamos alguns exemplos do genero, e verificar-se-ha como por meses e por culturas se obteria um calendario inteiro.

*

Pão.—*Fevereiro.* — «Quando não chove em Fevereiro, não ha bom prado nem bom centeio.»

Abril.—«Em Abril e Maio moenda para todo o anno.»

Maio.—«Maio hortelão, muita parra, pouco pão.»

Junho.—«Em Junho, fouce em punho. Feno alto ou baixo, em Junho é segado.—Chuva de S. João tira vinho, azeite e não dá pão.»

Julho.—«A geira de Maio vale os bois e o carro, e a de Julho os bois e o jugo.»

Agosto.—«Terra lavrada em Agosto, á estercada dá de rosto.»

Setembro—«Pelo S. Matheus (21), pega nos bois e lavra com Deus.»

Outubro.—«Por Santa Ireia (29), pega nos bois e semeia.»

Novembro.—«Por Todos-os-Santos, semeia trigo e colhe cardos.»—«Por S. Clemente (22), alça a mão da semente.»

Dezembro.—«Natal em Sexta-feira, por onde pudéres, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo.»

*

Vinho.—*Março.*—«Quem não podar em Março, vindima no regaço».

Maio.—«A boa cepa, em maio a deita».—«Maio couveiro não é vinhateiro».—«Maio hortelão, muita parra, pouco pão».—«Maio come o trigo, Agosto bebe o vinho».

Junho.—«Chuva de S. João tira vinho, azeite e não dá pão».—«Até S. Pedro, ha o vinho[1] medo».

Julho.—«Por S.ta Marinha (18), vae ver tua vinha, e, qual a achares, tal a vindima».—«Em dia de S. Thiago (25), vae á vinha e acharás bago».

Agosto.—«Em dia de S. Lourenço (10), vae á vinha e encherás o lenço».—«Agua de Agosto, açafrão, mel e mosto».—«Quando chover em Agosto, não mettas teu dinheiro em mosto».—«Não é bom o mosto, colhido em Agosto».

Setembro.—«Agosto madura, Setembro vindima.»—«Dia de S. Matheus (21) vindimam os sisudos, semeiam os sandeus».

Outubro.—«Por S. Lucas (18), sabem as uvas».—«Por S. Simão e S. Judas (28), colhidas são as uvas».

Novembro.—«Por S. Martinho (11), prova teu vinho».

*

Azeite.—*Janeiro.*—«Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro».

Junho.—«Chuva de S. João tira vinho, azeite e não dá pão» (repetido por pão, vinho e azeite).—«Em dia de S. Pedro, vê teu olivedo: e, se vires um grão, espera por cento».

Depois são os adagios annunciadores previdentes, com referencia não a culturas mas ao estado do tempo.

—«Em Janeiro, põe-te no outeiro; se vires verdejar, põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar».—«Em Janeiro, sete capellos e um sombreiro».—«Sol de Janeiro anda sempre detrás do outeiro».—«O mês de Janeiro, como bom cavalleiro, assim acaba como na entrada».—«Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de Verão». (Vid. em Agosto o contrario).

—«Quando a Candelaria chora (festa da Candelaria, N.ª S.ª das Candeias, 2 de Fevereiro), o Inverno já está fóra; quando a Candelaria rir, o Inverno ainda está para vir».—«Fevereiro, feveras de frio e não de linho».

De Março, muitas vimos já na primeira parte d'este estudo.

—«No principio ou no fim, Abril soe ser ruim».—«Abril, aguas mil, coadas por um mandil».—«Por todo Abril, mau é descobrir».—«Uma chuva de Maio e três de Abril valem por mil».—«Se não chover entre Maio e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril».—«Se não chover entre Maio e Abril, dará o Rei o carro e o carril por uma fogaça e um funil, e a filha a quem a pedir».

—«Se chover em Maio, carregará El-Rei o carro, e em Abril o carril, e entre Abril e Maio o carril e o carro».—«A ti chova todo o anno, e a mim Abril e Maio».—«Maio pardo, Junho claro».

— «Chuva junhal, fome geral». (Arcos-de-Valdevez). (1)

— « Primeiro dia de Agosto, primeiro dia de Inverno. » (Vide o opposto em Janeiro).

— « Setembro, ou secca as fontes ou leva as pontes. » — « Em Setembro ardem os montes e seccam as fontes. » — « Por Santa Luzia (13), cresce a noite, e mingua o dia. » — « Setembro matou a mãe á sede». (Arcos de Valdevez). (2)

— « De Todos-os-Santos (1 de Nov.º) ao Natal é Inverno natural.» — «De Todos-os-Santos ao Natal, bom é chover e melhor nevar.» — «Por Todos-os-Santos, neve nos campos.» — «Do dia de Santa Catharina (25) ao Natal, mês egual».

— «Por S. Nicolau (6 de Dez.º), neve no chão». — «O Natal ao soalhar, a Paschoa ao luar.» — «Por Natal sol, e por a Paschoa carvão». — «Nem por Agosto caminhar, nem por Dezembro marear.»

Outros adagios regulam: o pastoreio e creação do gado, pela referencia aos meses e aos cuidados proprios de cada mês; — a pesca, — a caça; — a colheita de fructos, mel, etc.; — o corte, a recolha, e a guarda de lenhas; — a previsão do tempo, chuva, ventos, pela lua, pelas nuvens, pelos animaes, etc. Até andam pelos adagios as ordenações do trabalho, ordens de contractos do pessoal, conselhos do esforço a exigir d'elle. E' pelo S. Miguel (29 de Setembro) que os lavradores ajustam os creados certos para o anno. Por isso se recommenda no Alemtejo:

Quem se ajusta pelo S. Miguel,
Não se senta cada vez que quer.

---

(1) Felix Alves Pereira, «Colheitas etnograficas em Valdevez», na *Lusa*, I, 58, n.º 6.

(2) Felix Alves Pereira, *Il., Lusa*, I, 58, n.º 5.

Alguns exemplos mais: —«Obreiro, em Janeiro, pão te comerá mas obra te fará.» — «Em Janeiro mette obreiro, mês meante, que não ante.» — «Em Abril dorme o moço ruim, e por Maio o moço e o amo.» — «Somno de Abril deixa-o a teu filho dormir; e o de Maio a teu cunhado.» — «Quem em Maio não merenda, aos finados se encomenda.»

*

Tudo isto e muito mais se poderá vêr e obter no adagiario do P.e Antonio Delicado. E' um vasto repositorio de proverbios de toda a especie, que para estimulo e uso deverão de servir a futuros collectores, do Adagiario Geral Português, constituido em moldes de mais rigor ethnographico, com maior observação de methodo e flexibilidade de classificação. Sirva aos ethnographos, nas varias modalidades, em que pode ser proveitoso ao estudo dos caracteres do nosso povo.

E ao português leitor, que até aqui chegou, digo-lhe que leia os adagios da sua terra. Quanta paciencia e curiosidade teve em este alinhavado preambulo, console-se agora, que

Não ha sabado sem sol,
Nem domingo sem missa,
Nem segunda sem preguiça.

Setembro de 1923 — Lisboa.

Luís Chaves.

AO LEITOR

Os Adagios são as mais approvadas sentenças, que a experiencia achou nas acções humanas, ditas em breves e elegantes palavras.

Comprehende esta doutrina não só as coisas moraes, mas todas as artes e sciencias; e por isso, em as mais das nações, procuraram Auctores graves pô-las em memoria e escrever d'ellas, como foram, entre os antigos, os philosophos Aristoteles, Crisippo, Plutarcho, Aristides, Theophrasto, e sobre todos El-Rei Salomão. que, entre os seus livros sapienciaes, nos deixou o dos Provérbios, *que é um dos Canonicos da Sagrada Escriptura.*

Dos modernos, logramos muitos, como são entre outros: na lingua francesa, João Nuterim; na italiana, Jacome Pergamino; na castelhana, o Commendador Grego, Fernão Nunez, João de Millara, e Blasco de Guarays, além dos que ajuntou na latina o auctor das Chiliadas, *que andam em nome de Paulo Menucio, mas sobre todos o Padre Martin del Rio nos dois tomos, que publicou dos Provérbios que se acham nos livros da Biblia, que intitulou:* Adagialia sacra veteris et novi testamenti. *Pelo que, vendo eu que, sendo a lingua portuguesa não menos abundante d'estas sentenças que todas as outras da Europa, me dispús a colligir de varios exemplares esta pequena obra.*

Bem sei que pudéra ser o numero muito maior, mas eu escolhi sómente aquelles que, para decencia e utilidade publica, me pareceram mais approvados.

Tambem conheço as duvidas, que há sobre a verdadeira definição dos Adagios, na qual differem os Auctores, segundo varias opiniões, porque, como os nascimentos dos Provérbios sejam muitos, não póde uma definição comprehender a todos. São estes principios, de onde os Provérbios nasceram: dez, segundo os que melhor consideram, 1 dos Oraculos, ou dos Prophetas, 2 dos ditos dos sabios, 3 das fabulas dos Poetas, 4 das Comedias, que se representam em theatro, 5 dos acontecimentos, 6 das historias, 7 das fabulas, em que os brutos animaes se introduzem falando, 8 das palavras ditas a caso, 9 dos costumes ou condições das gentes, ou do homem, ou da natureza dos brutos, ou das plantas, pedras, e das mais creaturas, 10 de alguma coisa preciosa ou artificiosa, e vulgarmente conhecida por maravilhosa e insigne. De tão copiosa semente nasce um bosque de muitas e varias maneiras de Adagios, no qual é coisa trabalhosa distinguir propriamente os ditos dos Adagios e sentenças, ou pelo contrario.

Por onde basta dizer que as sentenças e os ditos se estendem mais larga e copiosamente, e que ás vezes se contêm debaixo d'este nome Adagio, o que se determina mais pelo uso e gosto universal, do que pelas regras e definição. E, por isso, mais vale metter aqui alguns Adagios, licenciosamente, que deixar por escrupulosos os que na verdade o são, antepondo o proveito publico á rigorosa censura de Marco Antonio in var. lect.

Nesta forma, em que os nossos Adagios vão divididos por lugares communs, ficam em muito

melhor disposição que os que andam em outras linguas escriptos, porque com facilidade se acharão sobre qualquer materia grande numero de conceitos, de conselhos, de doutrina de experiencias, que podem servir, não só para coisas particulares, mas para importantes discursos em pensamentos maiores, e se dá occasião para que este argumento possa ser por outros engenhos muito mais acrescentado e illustrado, para ornamento da nossa lingua portuguesa e boa doutrina moral, que a todos os estados pertence.

AFFEIÇÃO

A

Affeição cega a razão.
Ainda que nos não falemos, bem nos queremos.
Alma namorada, de pouco é assombrada.
A mais obriga um rosto bem assombrado que um homem armado.
Amor de pae, que tudo o outro é ar.
Amor e Reino não quer parceiro.
Amor de menino, agua em cestinho.
Amor, fogo e tosse, a seu dono descobre.
Amor, dinheiro e cuidado, não está dissimulado.
Amor, amor, principio mau e fim peor.
Amor de rameira e convite de estalajadeiro, não póde ser que não custe dinheiro.
Amor louco, eu por ti e tu por outro.
As sopas e os amores, os primeiros são os melhores.

B

Bem ama quem nunca se esquece.

C

Como me cresceram favores, me recresceram as dores.
Cuidam os namorados que tem os outros os olhos quebrados.
Coração partido, sempre é combatido.

D

Deita-te a enfermar, saberás quem te quer bem e quem te quer mal.

E

Esquivança aparta amor, boas obras homisio.
Estado Real não tira o amor natural.

G

Guerra, caça e amores, por um prazer cem dores.

H

Hospeda formosa, damno faz á bolsa.

L

Lá vão os pés aonde quer o coração.

N

Não dá quem tem, senão quem quer bem.

O

O amor verdadeiro não soffre coisa encoberta.
O amor dos asnos entra aos coices e aos boccados.
O amor a ninguem dá honra, e a muitos dá dor.
O amor e a fé, nas obras se vê.
Obras são amores, e não palavras doces.
O ciume sentido, ás vezes acorda o cão dormido.
O desejo faz formoso o feio.
Onde te querem, ahi te convidam.

P

Pelos amores novos esquecem os velhos.

Q

Quem ama a Beltrão, ama a seu cão.
Quem ama a mulher casada, a vida traz emprestada.
Quem bem quer, de longe vê.
Quem dá mão á pera, comer quer d'ella.
Quem o feio ama, formoso lhe parece.
Quem me quer bem, diz-me o que sabe e dá-me do que tem.
Quem não apparece, esquece.
Quem tem affeição, não tem inteira razão.
Quem te dá um osso, não te quer ver morto.
Quem tem amor detrás da portella, tanto olha, até que cega.
Querei-me pelo que vos quero, não me faleis em dinheiro.
Quem em caça, guerra e amores se metter, não sahirá quando quiser.

S

Se bem me quer João, suas obras o dirão.

T

Três irmãos, três fortalezas.

U

Um coração é espelho d'outro.
Um cravo tira outro, um amor faz esquecer outro.

V

Velho amador, inverno com flor.

AGRADECIMENTO

A

A dar está obrigado a quem hão dado.
Ao agradecido, mais do pedido.
A quem te der uma passara, dá-lhe sua asa.
A quem dá o capão, dá-lhe a perna.

D

Do homem agradecido todo o bem é querido.

Q

Quem dá, bem vende, se não é ruim o que recebe.

U

Uma mão lava a outra, e ambas o rosto.

AGRICULTURA

A

Abril aguas mil, coadas por um mandil, e em Maio três ou quatro.
Abril frio, pão e vinho.
Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.
Abril e Maio, chave de todo o anno.
Agua de Fevereiro mata o onzeneiro.

Agua de Janeiro, todo o anno tem concerto.
Agua de Março, peor é que nodoa no fato.
Agua de Agosto, açafrão, mel e mosto.
Agua de S. João tira o vinho e não dá pão.
Agua de Maio, pão para todo o anno.
Agosto e vindima, não é cada dia.
Agosto madura, e Setembro vindima.
Agosto tem a culpa, Setembro leva a fructa.
A geira de Maio vale os bois e o carro, e a de Julho vale os bois e o jugo.
A Judeu nem a porco, não mettas no teu horto.
A Inverno chuvoso, Verão abundoso.
A má herva depressa nasce e depressa envelhece.
A melhor cepa, em Maio a deita.
Anno de neves, muito pão e muitas crescentes.
Anno de peras, nem de bêberas, nunca o vejas.
Antes moreira que amendoeira.
Antes eu minta que as novidades.
A lavrador descuidado os ratos lhe comem o semeado.
A par do rio, nem vinha, nem olival, nem edificio.
Assim se cria o horto como o porco.
A seu tempo vem as uvas, e as maçãs maduras.
Até o lavar dos cestos é vindima.
A terra, posto que fertil, se não descansa, faz-se esteril.
A terra, lavrada em Agosto, á estercada dá de rosto.
A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim.
A ti chova todo o anno, e a mim Abril e Maio.
A vinha posta em bom compasso, o primeiro anno agraço.
A vindima molhada acaba cedo alliviada.
A vinha onde pique, e a horta onde regue.
A azeitona e a fortuna, ás vezes muitas, e ás vezes nenhuma.
Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.

B

Bem parece o rego entre mim e meu companheiro.
Boa é a neve, que em seu tempo vem.

C

Cada um colhe segundo semeia.
Carro, que canta, a seu dono avança.
Casa, vinha e potro, façam outro.
Cava-me em pó, amanha-me em lodo, dar-te-hei vinho formoso.
Cevada grada, a outro dia segada.
Cevada sobre esterco espera cento; e, se o anno fôr molhado, perde o cuidado.
Com agua e com sol, Deus é o creador.
Como vires a Primavera, assim pelo al espera.
Como vires ao faval, assim espera o al.
Cousa, que não se vende, ninguem a semeie.
Coruja de serão, agua na mão.

D

Da grossura da terra vicejam os enxertos.
Das côres a gram, e das frutas a maçã.
De boa cepa pranta a vinha, e de boa mãe a filha.
De flor de Janeiro ninguem enche o celleiro.
Deita terra sobre terra, saberás o pão que leva.
Deita esterco ao pão, que as terras t'o pagarão.
Dia de Santiago, vae á vinha, acharás bago.
Dia de S. Matheus, vindimam os sisudos e semeiam os sandeus.
Dia de S. Pedro, tapa rego.
Dia de S. Martinho, prova teu vinho.
Dia de S. Pedro, vê teu olivedo; e, se vires um bago, espera por cento.

Dia de S. Barnabé, se secca a palha pelo pé.
Do grão te sei contar que em Abril não ha-de estar nascido nem por semear.
Do villão e do limão, o que tiver.

E

Em Abril, queijos mil; e em Maio três ou quatro.
Em Agosto, sardinhas e mosto.
Em Agosto, aguilhôa o preguiçoso.
Em anno chuvoso, o diligente é preguiçoso.
Em anno bom, o grão é feno; e, em o mau, a palha é grão.
Em cada prado uma vinha, e em cada bairro uma tia.
Em Janeiro, põe-te no outeiro; e, se vires verdear, põe-te a chorar; e, se vires terrear, põe-te a cantar.
Em Janeiro, mette obreiro, mês meante que não ante.
Em Janeiro, secca a ovelha suas madeixas no fumeiro, e em Março no prado, e em Abril as vae urdir.
Em Junho, foice no punho.
Em Maio vae, e torna com recado.
Em Março, queima a velha o maço.
Em Março, nem rabo de gato molhado.
Em Verão, cada um lava seu panno.
Entre couve e couve, alface.
Estê a maçã, e amadureça, que lá virá quem a mereça.
Em pombal cahido, por demais é deitar trigo.
Em tal lugar, nem quero colher nem semear.

F

Faze tua seara onde canta a cigarra.
Feno, ou alto ou baixo, em Junho é segado.

Fevereiro coxo, em seus dias vinte oito.
Fevereiro, feveras de frio e não de linho.
Fevereiro faz dia, e logo Santa Maria.
Fica-te embora Mundo, deixar-me-has Abril e Maio.
Frio de Abril, nas pedras vá ferir.
Folga o trigo debaixo da neve, como a ovelha debaixo da pelle.

H

Herva má, não lhe empece a geada.
Horta com pombal é paraiso terreal.
Horta para passatempo, posta com tempo.
Horta sem agua, casa sem telhado, marido sem cuidado, de graça é caro.
Horta nem celleiro, não quer companheiro.

J

Janeiro geoso, Fevereiro nevoso, Março mulinhoso, Abril chuvoso, Maio ventoso, fazem o anno formoso.
Janeiro molhado, se não é bom para os pães, não é mau para o gado.
Junho, Julho, Agosto, senhora, não sou vosso.
Junto da ortiga nasce a rosa.

L

Lá vem Fevereiro, que leva a ovelha e o carneiro.
Lavra por S. João, se queres haver pão.
Lavra com tempo, e vá por ambos.
Lavra o meu boi pelo folgado, e o teu por afamado.
Lenha de figueira, rija de fumo, fraca de madeira.

Longo e estreito como o anno mau.
Logar ventoso, logar sem repouso.
Luar de Janeiro não tem parceiro, senão o de Agosto, que lhe dá de rosto.

M

Maus vinhos, todos são uns.
Maio couveiro, não é vinhateiro.
Maio come o trigo, Agosto bebe o vinho.
Maio hortelão, muita palha e pouco pão.
Maio pardo, Junho claro.
Mais guarda a vinha o medo que o vinhateiro.
Mais pró faz o anno que o campo bem lavrado.
Mais valem alimpaduras da minha eira que o trigo da tulha alheia.
Mais vale agua do ceu que todo o regado.
Mau anno has-de aguardar, por não empeorar.
Mau de carro, peor de arado.
Março marcegão, pela manhã rosto de cão, e á tarde de bom verão.
Março ventoso e Abril chuvoso, do bom colmear farão astroso.
Matto e rio Deus m'o dê por vizinho.
Melhor é anno tardio que vasio.
Melhor é palha que nada.
Menos vale ás vezes o vinho que as borras.
Menina e vinha, peral e faval, maus são de guardar.
Minguante de Janeiro corta madeiro.
Muito pão tem Castella, mas quem o não tem, lazerá.
Mettei-me em restea, que cebolinha sou eu.
Muito trigo tem meu pae em um cantaro.
Muito pão, e má colheita.

N

Nasce na horta o que não semeia o hortelão.
Não hei medo ao frio nem á geada, senão á chuva porfiada.
Não ha mau anno, por muito pão.
Não ha terra tão brava, que resista ao arado, nem homem tão manso, que queira ser mandado.
Não ha coisa, que tanto pegue, como a silva.
Não tires espinha aonde não ha espigas.
Não ha mau anno por pedra, mas guay de quem acerta.
Não busques o figo na ameixoeira
Não digas mal do anno, até que seja passado.
Não é bom o mosto, colhido em Agosto.
Não farás horta em sombrio, nem edifiques a par de rio.
Natal em Sexta-feira, por onde pudéres, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo.
Nem compreis malhada, nem vinha desamparada.
Nem vinha em baixo, nem trigo em cascalho.

O

O arado barbudo, e o lavrador barbado.
O bom mosto sae ao rosto.
O bom vinho a venda traz comsigo.
O bom vinho escusa pregão.
O cabrito de um mês, o queijo de três.
O casal de ruim lavrador, e a vinha do bom adubador.
O enxame de Maio, quem t'o pedir dá-lh'o, e o de Abril guarda para ti.
O figo cahido, para o senhorio; e, o que está quedo, para mim o quero.

O fidalgo e o nabo, ralo.
Oliveira de meu avô e figueira de meu pae e a vinha que eu puser.
O mau anno, em Portugal entra nadando.
O melão e a mulher, maus são de conhecer.
O nabo e o peixe, debaixo da geada cresce.
Onde alhos há, vinho haverá.
O nogal e o villão, ás pancadas dão.
O pão puxa, que não a herva muita.
O que bem parece, devagar cresce.
O que lavra, crie; e, o que guarda, não fie.
Os lugares solitarios são jardins de corações affligidos.
Ou no principio, ou no fim, Abril soe ser ruim.
Outubro, Novembro, Dezembro, não busques o pão no mar, mas torna a teu celleiro e abre teu mealheiro.
O velho põe a vinha, e o velho a vindima.
Ovelha de casta pasce de graça, e o filho de casa.

P

Pão e vinho, um anno meu outro do meu vizinho.
Pão nascido, nunca perdido.
Para a parte de Fevereiro, guarda lenha.
Pastor descuidado, ao Sol posto busca o gado.
Pela Magdalena, recorre a tua figueira.
Planta muitas vezes transposta, nem cresce nem medra.
Por Abril, dorme o moço ruim; e, por Maio, o moço e o amo.
Por dia de S. Nicolau, a neve no chão.
Por Natal ao jogo, e por Paschoa ao fogo.
Por todo o Abril, mau é descobrir.
Por S. Vicente, toda a agua é quente.

Por Santa Marinha, vae ver tua vinha; e, qual a achares, tal a vindima.
Por S. Francisco, semeia teu trigo; e a velha, que o dizia, semeado o tinha.
Por Todos os Santos, semeia trigo, colhe cardos.
Por S. Lucas, sabem as uvas.
Por Todos os Santos, a neve nos campos.
Por Santa Ereia, toma os bois e semeia.
Por S. Simão Judas, colhidas são as uvas.
Por Santa Maria de Agosto, repasta a vacca um pouco.
Por S. Clemente, alça a mão da semente.
Primeiro de Maio, corre o lobo e o veado.

Q

Qual é o cão, tal é o dono.
Qualquer ramo, em Janeiro, torcido se está quedo.
Quando chove e faz sol, alegre está o pastor.
Quando chover em Agosto, não mettas teu dinheiro em mosto.
Quando chupa a abelha, mel torna; e, quando a aranha, peçonha.
Quando Deus quer, com todos os ventos chove.
Quando estiveres morto, torna-te á abelha e ao porco.
Quando floresce o maracotão, os dias iguaes são.
Quando não chove em Fevereiro, não ha bom prado nem bom centeio.
Quando minguar a Lua, não comeces coisa alguma.
Quando o trigo é louro, é o barbo como touro.
Quando o rio não faz ruido, ou não leva agua ou vae crescido.
Quando troveja em Março, apparelha os cubos e o baraço.

Quanto mais gia, mais aperta.
Quanto Maio acha nado, tudo deixa espigado.
Quatro bois a um cabo, se bem tiram para cima, melhor para baixo.
Quem ara e cria, ouro fia.
Quem a cera quer abrandar, as unhas ha-de queimar.
Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.
Quem azeite mede, as mãos unta.
Quem se acolhe debaixo da folha, duas vezes se molha.
Quem do escorpião está picado, a sombra o espanta.
Quem em ruim parte tem a vinha, ás costas a tira.
Quem em um anno quer ser rico, ao meio o enforcam.
Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia.
Quem em Maio relva, nem tem pão nem herva.
Quem muitas estacas mette, alguma lhe prende.
Quem não cria, sempre pia.
Quem não tem bois, ou semeia antes ou depois.
Quem não debulha em Agosto, debulha com mau rosto.
Quem não tem boi nem vacca, toda a noite ara.
Quem não póda em Março, vindima no regaço.
Quem a porcos ha medo, as moitas lhe roncam.
Quem quiser colher asinha, plante devagar e sem fadiga.
Quem semeia em caminho, cansa os bois e perde o trigo.
Quem seu carro unta, seus bois ajuda.
Quem semeia, em Deus espera.
Quem semeia, recolhe.
Quem semeia em restôlho, chora com um olho;

e eu, que não semeei, com dois olhos chorarei.
Quem semeia em arneiros, semeia moios, colhe quarteiros.
Quem traz çurrão, ou medrará ou não.
Quem tem ovelhas, tem pelejas.
Quem tem casal de renda, semente de meias, bois de aluguer, quer o que Deus não quer.
Quem tudo contou, com bois não arou.
Quem tem abelha, ovelha e moinho, entrará com El-Rei em desafio.
Quem tem vinha em mau lugar, a olho vê seu mal.
Quem tem gado, não deseja mau armo.
Queres bom cabaço, semeia-o em Março.
Quem ralo semeia, rala leva a paveia.

R

Ramos molhados são louvados.

S

Se chove, chova; se neva, neve; que, se não faz vento, não faz mau tempo.
Semeia cedo, colhe tardio, colherás pão e vinho.
Semeia e cria, terás alegria.
Se não chover entre Março e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril.
Se queres ter ovelhas, anda trás ellas.
Setembro, ou secca as fontes ou leva as pontes.
Sega sua aveia, quem ganhar deseja.
Sol e boa terra fazem bom gado, que não pastor afamado.
Sol, que muito madruga, pouco dura.
Sol na eira, chuva no nabal.

Sol roxo, agua a olho.
Sol posto, obreiro solto.

T

Tardes de Março, recolhe teu gado.
Tanto anda a linhaça, até que vae á cabaça.
Tempo trás tempo, e chuva trás vento.
Temporã é a castanha, que por Março arreganha.
Trigo de cizirão, pequena massa, grande pão.
Trigo centeoso, pão proveitoso.
Trigo acamado, seu dono alevantado.
Tudo vem a seu tempo, e os nabos no Advento.

U

Uma agua de Maio e três de Abril, valem por mil.
Um grão não enche o celleiro, mas ajuda a seu companheiro.

V

Vae-te embora, Janeiro, cá fica o meu cordeiro.
Vae-se o bem para o bem, e as abelhas para o mel.
Vae-se o tempo como o vento.
Velho é Pedro para cabreiro.
Vindima enxuto, colherás vinho puro.
Vindima molhada, pipa asinha despejada.
Vida de aldeia, Deus a dê a quem a deseja.
Vinha entre vinhas, casa entre vizinhas.
Verde é o que o lume não vê.

AMIZADE

A

A condição do bom vinho, como a do bom amigo.
A falta do amigo ha-de se conhecer, mas não aborrecer.
Alegria certa, candeia morta.
Amigo velho mais vale que dinheiro.
Amigos, que se desavêm por um pão de centeio, ou a fome é muita ou o amor pequeno.
Amigo anojado, inimigo dobrado.
Amigo de todos, e da verdade mais.
Amigo quebrado soldará, mas não sarará.
Amigo de todos e de nenhum, todo é um.
Amigo de bom tempo, muda-se com o vento.
A mortos e a idos, não ha amigos.
Ao bom amigo com teu pão e com teu vinho.
Aquelle é teu amigo, que te tira de arruido.
Aquelles são ricos, que tem amigos.
A teu amigo não encubras teu segredo, que darás causa a perdê-lo.
A teu amigo ganha-lhe um jogo, e bebe-o logo.
A teu amigo dize-lhe mentira; se te guardar puridade, dize-lhe a verdade.

B

Barca, jogo, e caminho do estranho fazem amigo.
Boccado comido, não ganha amigo.

C

Cada um dança como tem os amigos na sala.
Choram olhos de teu amigo, e elle enterrar-se-ha vivo.

Com teu amigo e com teu inimigo, o dinheiro no bolsinho.
Com todos fazes pasto, e com teu amigo quatro.
Conta de perto, amigo de longe.

D

De amigo sem sangue, guarte, não te engane.
De amigo reconciliado e de caldo requentado, nunca bom boccado.
De amigo, que não valha, e de faca que não talha, não me dá migalha.
De teu amigo, o primeiro conselho.
De lá nos venham as pedras, de onde estão os nossos.
Dinheiro emprestaste, inimigo ganhaste.
Diogo é bom amigo, mas mente de continuo.
Dize ao amigo segredo, e pôr-te-ha o pé no pescoço.
Do amigo, o que te quiser dizer.
Dois amigos de uma bolsa, um canta e outro chora.

E

Em tempo de figos, não ha amigos.
Esse é meu amigo, que moe em o meu moinho.

H

Honra, que em baixo amigo se procura, pouco dura.

J

Já os mortos não são nossos, nem os vivos bons amigos.

L

Longas praticas fazem pequena a noite.

M

Mais descobre uma hora de jogo que um anno de conversação.
Mais vale um bom amigo que parente nem primo.
Mais valem amigos na praça que dinheiro na arca.
Melhor é dobrar que quebrar.
Melhor é deixar a inimigos que pedir a amigos.
Melhor é descoser que romper.
Muitos amigos em geral, e um em especial.
Muitos são os amigos, poucos os escolhidos.

N

Não ha melhor espelho que amigo velho.
Não me pago do amigo, que come o seu só, o meu commigo.
Não proves o amigo em coisa de interesse.
Não te assanhes com o castigo, que te não dá o teu inimigo.
Nem herva no trigo, nem suspeita no amigo.
No jogo se perde o amigo, e se ganha o inimigo.
No queijo e pernil de toucinho, conhecerás a teu amigo.
Nó dei, de que mal me achei.
Nunca esperes que te faça o teu amigo o que tu pudéres.

O

O amigo fingido conhecê-lo-has no arruido.
O amigo e o genro não te acham pelo Inverno.

O amigo da aldeia, teu seja.
O cabedal de teu inimigo, ou em dinheiro ou em vinho.

P

Preso nem captivo, não tem amigo.

Q

Quanto mais te dão, quanto mais amigos são.
Quem ao seu amigo dá de seu logar, não o quer de si apartar.
Quem com cães se lança, com pulgas se levanta.
Quem com farellos se mistura, porcos o comem.
Quem com mel trata, sempre se lhe apega.
Quem de todos é amigo, ou mui pobre ou mui rico.
Quem é inimigo da noiva, como dirá bem do noivo!
Quem se te encommenda, caro se te vende.
Quem te não roga, não lhe vás á boda.
Queres que te siga o cão? Dá-lhe pão.

R

Renego do amigo, que cobre o perigo.

U

Um romeiro não quer outro por parceiro.

V

Vida sem amigo, morte sem castigo.

AMO E CREADO

A

Anda a teu amo a sabor, se queres ser bom servidor.

H

Honra é dos amos o que se faz aos creados.

J

Já tu sabes mais que eu, vae-te buscar tua vida.

M

Manda o amo ao moço, o moço ao gato, e o gato ao rabo.
Mau é ter moço, mas peor é ter amo.

N

Não fartes o creado de pão, não te pedirá requeijão.
Não serás amado, se de ti só tens cuidado.

O

O moço e o gallo, um só anno.
O moço e o amigo, nem pobre nem rico.

Q

Quem dá o pão sem o castigo, não vae ao Paraiso.
Quem ha-de ser servido, ha-de ser soffrido.

Quem poupa seu Mouro, poupa seu ouro.
Quem tem creados, tem inimigos não escusados.

R

Ruim senhor cria ruim servidor.

S

S. Miguel e S. João passado, tanto manda o amo como o creado.
Senhores empobrecem, creados padecem.

ANIMAES

A

A mais ruim ovelha, do fato suja o tarro.
A raposa faz, pela semana, com que ao Domingo não vae á egreja.

C

Com um lobo não se mata outro.
Com cabeça de lobo, ganha o raposo.
Corvos a corvos não se tiram os olhos.

D

Dá Deus asas á formiga, para que se perca mais asinha.
De mau ninho, não crieis o passarinho.
De mau corvo, mau ovo.
De noite os gatos todos são pardos.

Dizem e dirão que a pêga não é gavião.
Diz a abelha: traze-me cavalleira, dar-te-hei mel e cera.
Do contado come o lobo.
Do mal guardado come o gato.
Do mal, que faz o lobo, apraz ao corvo.
Dois pardaes em uma espiga, nunca ha liga.
Dois lobos a um cão, bem o comerão.
Duas aves de rapina não se guardam companhia.

E

Em Maio, rafeiro é galgo.
Em Maio, deixa a mosca o boi, e toma o asno.
E o cão com o osso.
Estorninhos e pardaes, todos somos eguaes.

F

Fartura de lôbo três dias dura.
Faze bem á gata, saltar-te-ha na cara.
Feriste o javali, deixará quem seguia, e tornará a ti.

G

Gato, a quem morde a cobra, tem medo á corda.
Gato escaldado, da agua fria ha medo.
Grande carga, fraca besta, dizem os corvos: nossa é esta.
Grande carga leva a carreta; maior a leva o dono d'ella.
Guarda da loba, quando se enoja.

L

Ladre-me o cão, não me morda.
Lobo tardio, não torna vazio.

Lobo faminto, não toma assento.
Lobo, que presa toma, ainda que se vae, não cerra a bocca.

M

Mais vale um passaro na mão, que dois que vão voando.
Mais magro no matto que gordo no papo do gato.
Mal ladra o cão, quando ladra de medo.
Mal vae á raposa, quando anda aos grillos; e peor, quando anda aos ovos.
Mal vae ao passarinho na mão do menino.
Morta é a abelha, que dava mel e cera.
Muito folga o lobo com o coice da ovelha.
Muito sabe o rato, mas mais sabe o gato.
Muito sabe a raposa, mas mais quem a toma.

N

Na bocca do cão não busques o pão, nem no focinho da cadella a manteiga.
Não ha besta fera, que se não alegre com a sua companheira.
Não ha tal doutrina como a da formiga.
Não é cabrito para o mesquinho.
Não pode o corvo ser mais negro que as asas.
Não quero bacoro com chocalho.
Nunca se matou ouriço cacheiro ás punhadas.
Nunca falta um cão, que vos ladre.

O

O cão com raiva, de seu dono trava.
O cão no osso, a cadella no lombo.

O cão velho, quando ladra, dá conselho.
O leão é ás vezes manjar de pequenas aves.
O Leão Real não faz mal.
O lobo muda a pelle, mas não o vêzo.
O lobo perde os dentes, mas não o costume.
Onde o lobo acha um cordeiro, busca outro.
O peor porco come a melhor lande.
O que a loba faz, ao lobo praz.
O rabo é o peor de esfollar.

P

Passara, que duas vezes cria, pellada tem a barriga.
Perdiz derreada, perdigotinhos guarda.
Porcos com frio e homem com vinho, fazem gram ruido.

Q

Quem mata alveloa, sabe mais que ella.
Quando ao gavião lhe cae a penna, tambem lhe caem as asas.
Quando em casa não está o gato, estende-se o rato.
Quando o lobo come outro, fome há no souto.
Quando o lobo vae furtar, longe de casa vae cear.
Quanto mais a vacca se ordenha, maior tem a teta.

R

Raposa, que muito tarda, caça aguarda.
Rato, que não sabe mais que um buraco, asinha é tomado.
Ratos, arriba, que todo o branco é farinha.

T

Torna a cabra á silva, e a porca á pocilga.

U

Uma andorinha não faz Verão.

V

Vieram porcos do monte, lançam-nos da nossa córte.

ASNO

A

Abraçou-se o asno com a amendoeira, e acharam-se parentes.
A burra velha, cilha amarella.
A burra de villão, mula é de Verão.
Antes morto por ladrões, que de coice de asno.
Asno, que entra em defesa alheia, sahirá carregado de lenha.
Asno seja quem o asno vozeia.
Asno morto, cevada ao rabo.
Asno mau, junto de casa corre sem pau.
Asno de muitos, lobos o comem.
Asno por lama, o Demo o tanja; e pelo pó, o Demo haja d'elle dó.

B

Bem sabe o asno em cuja cara rosna.
Besta de andar chão, para mim e para meu irmão.

Brincae com o asno, dar-vos-ha na barba com o rabo.
Burra velha, de longe aventa as pêgas.

C

Cada feira vale menos, como burro de Vicente.
Caminhante cansado subirá em asno, não tendo cavallo.
Com raiva do asno, torna-se á albarda.

D

Darei a vida e alma, mas não a albarda.
De noite, á candeia, a burra parece donzella.

E

Em minha alma o deixas, meu é o asno.
Em morrer o asno, não perde o lobo.
Ensaboar a cabeça do asno, perda do sabão.
Entre ponto e ponto, mordedura de asno.

G

Grão de milho em bocca de asno.

H

Ha um anno, que morreu o asno, e agora lhe cheira o rabo.

M

Mais quero asno, que me leve, que cavallo que me derrube.
Mau recado perdeu o seu asno.

N

Não é o bom boccado para a bocca do asno.

Q

Quem o asno gaba, tal filho lhe nasça.
Quem sua burra mal peia, nunca a veja.
Quer queira, quer não queira, o asno ha-de ir á feira.

ASTROLOGIA PARA A AGRICULTURA

A

A dias claros, escuros, nublados.
Agua de trovão, em partes dá, em partes não.
Agua salobra, na terra secca é doce.
Agosto, frio no rosto.
Altas ou baixas, em Abril vem as Paschoas.
Alto mar e não de vento, não promette seguro tempo.
Ao principio ou ao fim, Abril costuma ser ruim.
Ao quinto dia verás que mês terás.

B

Branca geada, mensageira de aguas.

C

Cerco de lua pastor enxuga, se aos três dias não enxuga.

*

D

De dia de Santa Catharina ao Natal, mês igual.
Do Natal a Santa Luzia, cresce um palmo o dia.

E

Em Maio, a quem não tem, basta-lhe o saio.

G

Grande calma, signal de agua.

M

Manhã ruiva, ou vento ou chuva.

N

Não são todos os dias iguaes.
Nevoa em alto, agua em baixo.
Neve sobre lama, agua demanda.

O

O dia de amanhã ninguem o viu.
O madeiro para tua casa, corta-o em Janeiro.
O Natal ao soalhar, e a Paschoa ao luar.
O tempo anda e desanda.

P

Por Santo André, todo o dia noite é.
Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de Verão.
Primeiro dia de Agosto, primeiro dia de Inverno.

Q

Quer no começo, quer no fundo, em Fevereiro vem o Entrudo.

S

Santa Luzia, cresce a noite, mingua o dia.
Sol de Abril, abre a mão, deixa-o ir.
Sol de Inverno, sae tarde e põe-se cedo.
Sol de Janeiro, sempre anda trás o outeiro.
Sol de Março, pega como pegamaço, e fere como maço.

V

Verão fresco, Inverno chuvoso, Estio perigoso.

AVAREZA E COBIÇA

A

A lingua longa é signal de mão curta.
Andar a pago não pago, não é obra de fidalgo.
Ao avaro tanto lhe falta o que tem, como o que não tem.
Ao avarento rico, não tem parente nem amigo.
Avareza é summa da virtude.
A sêde de Tantalo.

D

Da neve, nem cozida nem molhada, não tirarás senão agua.

M

Mal se doe o farto e rico do pobre faminto.
Mau é o rico avarento, mas peor é o pobre soberbo.

N

Na arca do avarento o Diabo jaz dentro.

O

O avarento, por um real, perdeu cento.
O dinheiro do avarento duas vezes vae á feira.
O escasso, por não dar, não quer tomar.
O escasso cuida que poupa um e gasta quatro.
O escasso, do real faz ceitil; e o liberal, do ceitil faz real.

Q

Quem muito pede, muito fede.
Quem não der das suas peras, não espere das alheias.

T

Tarde dar e negar, estão a par.

BONDADE

A

A cãs honradas não ha portas fechadas.
A Deus e a El-Rei, não errarei.

Ao bom panno, na arca lhe sae o amo.
As palavras boas são, se assim fosse o coração.

C

Cada cuba cheira ao vinho, que tem.
Chegae-vos a charola, e sereis dos honrados.
Cobra boa fama, faze o que quiseres.
Companhia de dois, companhia de bons.
Coração sem arte, não cura maldade.

D

De bons propositos está o Inferno cheio, o Ceu de boas obras.
De juizes não me curo, que minhas obras me fazem seguro.
Desejo de soledade, ou muita virtude, ou muita maldade.
De ruim ninho sae bom passarinho.
Deixemos paes e avós, e por nós outros sejamos bons.
Do bom, bom penhor, e do mau nenhum penhor, nem fiador.
Do bom tudo, e do ruim nada.

E

Em bons dias, boas obras.

F

Faze boa farinha, e não toques busina.
Fazei vós o que bem digo, e não o que mal faço.

M

Mal é acabar-se o bem.
Melhor é estar só que mal acompanhado.
Melhor é um pão com Deus que dois com o Demo.

O

O grande, junto ao pequeno, fica maior; e o bem, junto do mal, fica melhor.
O que ha-de haver a alma, escripto está na palma.

P

Perde-se o bem ganhado; e o mal, elle e seu dono.
Pelas obras, e não pelo vestido, é o homem conhecido.
Por teu coração julgas o de teu irmão.

Q

Quem arreda o aso, arreda o peccado.

R

Rosto alegre com perdão, vingança é do baldão.

S

Segue a razão, ainda que a uns agrade, a outros não.

T

Todos queriamos ser bons, e alcançamo-lo os menos.

V

Virtude precede, quando força cede.

CAÇA

A

A galgo velho deita-lhe a lebre, e não coelho.
A lebre é de quem a levanta, e o coelho de quem o mata.
Andar com furão morto á caça.
A passaro dormente, tarde entra o cevo no ventre.
A perdiz, com a mão no nariz.
A perdiz é perdida, se quente não é comida.
A pequeno passarinho, pequeno ninho.
A' porta de caçador, nunca grande monturo.
Aquella ave é má, que em seu ninho suja.
As folósas querem dar nos grous.
A's vezes, corre mais o Demo que a lebre.
Ave de casa, mais come do que vale.
Ave por ave, o carneiro, se voasse.

B

Bem estavas em teu ninho, passaro pinto.
Bem sabe a rolla em que mão pousa.
Bom cão de caça, até a morte dá ao rabo.

C

Caçar e comer, começo quer.
Cão azeiteiro, nunca bom coelheiro.
Com este cajado mataste já outro coelho.

D

De casta lhe vem ao galgo ter o rabo longo.
De má matta, nunca boa caça.
Do gavião maneiro se faz o çafaro; e do çafaro o maneiro, segundo a tempora do cetreiro.

E

Em Dezembro, a uma lebre galgos cento.
Em Janeiro, nem galgo lebreiro, nem açôr perdigueiro.

F

Fevereiro couveiro faz a perdiz ao poleiro: Março, três ou quatro: Abril, cheio está o covil: Maio, pio-pio, pelo matto.

G

Galgo, que muitas lebres levanta, nenhuma mata.
Galgo varzino, ou muito velhaco ou muito mofino.
Galgo, comprá-lo e não creá-lo.
Gavião temporão, Santa Marinha na mão.

I

Inda que a garça vôe alta, o falcão a mata.

L

Levantas a lebre, para que outrem medre.

M

Mal haja o caçador doido, que gasta a vida com um passaro.
Mentiras de caçadores são as maiores.
Mettes os cães á moita, arredaste-a fóra.

N

Não cava de coração, senão o dono do furão.
Não crie cão quem lhe não sobeje pão.
Não é regra certa, caçar com besta.
Não levantes lebre, que outrem leve.
Não se ganham trutas ás bragas enxutas.
Nem de cada malha peixe, nem de cada matta feixe.
Nunca bom gavião de francelho, que vem á mão.

O

O açôr e o falcão, na mão.
O cêvo é o que engana, que não o pescador, que tem a canna.
O galgo, á larga, lebre mata.

P

Pescador de canna, mais come do que ganha, mas, quando a dita corre, mais ganha do que come.
Porfia mata veado, e não besteiro cansado.
Porfia mata caça.

Q

Quando o lobo vae por seu pé, não come o que quer.

Quem passaro há-de tomar, não o há-de enxotar.
Quem quiser caça, vá á praça.

S

Se caçares, não te gabes; e, se não caçares, não te enfades.
Sêde de caçador, e fome de pescador.
Se assim corres como bebes, vamo-nos ás lebres.
Se esta cotovia mato, três me faltam para quatro.

T

Tenho-te no laço, pombo torcaz.

CAMINHO

C

Caminha pela estrada, acharás pousada.
Cuidado anda caminho, que não moço fraldido.
Cuidando d'onde vás, te esqueces d'onde vens.

E

Ei-lo vae, ei-lo-vem, de Lisboa a Santarem.
Eis-me vou e venho a um olival, que tenho.
Em Abril, vae adonde has-de ir, e torna a teu covil.
Em quanto vae e vem, alma tem.
Em cada parte, ha pedaço de mau caminho.
Em caminho francês, vende-se o gato por rez.
Em chão de coice, quem não pudér andar, choute.

Em Maio, vae e torna com teu recado.
Esse mal farás, que andes e não comas.

I

Ida boa, tornada nunca.
Ida sem vinda, como potros á feira.
Ida de João Gomes, foi em sella e tornou em alforges.

J

Jornada de mar, não se pode taxar.

M

Mau é o romeiro, que diz mal de seu bordão.
Muito gasta o que vae e vem, mas mais o que se detêm.

N

Não ha agua mais perigosa que a que não sôa.
Não ha legua pequena, nem quartilho grande.
Não ha atalho sem trabalho.
Não tarda, quem vem.
Não vás sem borracha a caminho, e, quando a levares, não seja sem vinho.
Nem em Agosto caminhar, nem em Dezembro marear.

O

O caminho não tem prazo.
O hospede e o peixe, aos três dias féde.
O que caminha a cavallo, vive pouco; e, o que anda a pé, contam por morto.

P

Pão e vinho anda caminho, que não moço garrido.

Partir de casa é a maior jornada.
Pedra movediça não cria bolor.
Pés, costumados a andar, não podem quedos estar.
Pela ponte de madeiro passa o doido cavalleiro.
Para hospedes, a melhor iguaria é a alegria.
Peregrinos, muitas pousadas e poucos amigos.
Pés e mãos caminho andam.
Por onde vás, assim como vires, assim farás.
Por ouvir Missa e dar cevada, não se impede a jornada.
Por sol que faça, não deixes a capa em casa.
Por velho, que seja o barco, sempre passa o vau.

Q

Quando durmo, canso; que fará quando ando!
Quando fôres de caminho, não digas mal de teu inimigo.
Quem a cavallo passa a ponte, ao olho vê a morte.
Quem caminha por atalhos, nunca sae de sobressaltos.
Quem caminha em carro, nem vae a pé nem a cavallo.
Quem corre pelo muro, não dá passo seguro.
Quem devagar anda, pouco alcança.
Quem embica e não cae, caminho adeanta.
Quem não entrar no mar, não se afogará.
Quem se não quer aventurar, não passe o mar.
Quem tem bocca, vae a Roma.

R

Ribeiras de Portugal, poucas e más de passar.
Rio torto, dez vezes se passa.

S

Se queres aprender a orar, entra no mar.
Solas e vinho, andam caminho.

T

Toda a terra é uma, e a gente quasi, quasi.
Todos os caminhos vão ter á ponte, quando o rio vae de monte a monte.
Tomar atalhos novos, e deixar caminhos velhos.
Tu, ribeira, alta vás; não te passarei, não me levarás.
Tu, que não podes, leva-me ás costas.

U

Uma passada má, quem quer a passa.

V

Vae e vem quem de seu tem.
Vão de orelha é perigoso.
Vêde-la vae, e vêde-la vem, como barco de Sacavem.

CASTIGO

A

Aborreci ao cogombro, e cahiu-me no hombro.
A cada ruim, seu dia mau.
A cada bacorinho vem seu S. Martinho.
A forca nunca perde o seu.

Alcança quem não cansa.
A mau capellão, mau sacristão.
Amanse sua sanha quem por si mesmo se engana.
A má lingua, tesoura.
A más fadas, más bragas.
Ao que mal vive, o medo o persigue.
Ao ruim falta pousada, quer fora quer em casa.
Ao ruim, ruim e meio.

C

Castigo de velha nunca fez mossa.
Castigar velha e espulgar cão, duas doidices são.
Castiga o bom, melhorará; castiga o mau, peorará.
Castigo de dura, uma no cravo, outra na ferradura.
Com vento alimpam o trigo, e os vicios com castigo.
Costas são, que levam, e não panellas, que quebram.

E

Em casa do enforcado, não nomeies o baraço.

M

Mau virá, que bom te fará.
Muitas vezes á cadeia, signal é de forca.

N

Nem por coima de figos, á cadeia.
Ninguem faz mal, que não venha a pagar.
Ninguem venha com engano, que não faltará quem lhe arme o laço.

O

O castigo faz ao doido ter siso.
Quando vem ao soberbo o castigo, vem-lhe mais rijo.
Quem a um castiga, a cento fustiga.
Quem busca pau, dar quer.
Quem mal vive, por onde pecca, por ahi se castiga.

R

Renego de grilhões, ainda que sejam de oiro.

T

Tal te vejas entre inimigos, como passàro na mão de meninos.
Trás apedrejado chovem pedras.

CAVALLO

A

A besta comedeira, pedras na cevadeira.
A besta louca, recoveiro maduro.
A boa mão, do rocim faz cavallo; e a ruim, do cavallo faz rocim.
A cavallo novo, cavalleiro velho.
A cavallo roedor, cabresto curto.
A cavallo dado não olhes o dente.
A lazão tostado, antes morto que cansado.
A mulla com afago, o cavallo com castigo.
Ao bom cavallo espora, e ao bom escravo açoite.

Ao primeiro potro de outro, e depois de meu vizinho, e depois meu e de meu amigo.
Arrenego do cavallo, que se enfreia pelo rabo.
Arrenego da besta, que em Inverno tem sesta.
Ata curto, pensa largo, ferra baixo, terás cavallo.

C

Cabresto de cavallo não enfreia boi.
Cavalga, para não cahir.
Cavallo corrente, sepultura aberta.
Cavallo, que ha-de ir á guerra, nem corra lobo nem o abona a egua.
Cavallo ruço corre o mole e o duro.
Cavallo rosilho, ou ditoso ou mofino.
Cavallo alazão, muitos o querem e poucos o hão.
Cavallo rifador e odre de bom vinho, pouco se logram.
Cavallo fouveiro, á porta do alveitar ou de bom cavalleiro.
Cavallo, que vôa, não quer espora.
Cavallo alazão não esteve comtigo o S. João.
Cavallo formoso, de potro sarnoso.
Cavallo galgaz corre a carreira.
Coices de egua, amores para rocim.

D

De uma pancada não se derruba o cavallo.
Do mar potros, porém poucos.

E

Egua cansada, prado acha.
Eu e o meu cavallo, ambos temos um cuidado.

G

Grande pé e grande orelha, signal é de grande besta.

M

Mais vale ruim cavallo que ter asno.

N

Nem o moço por ranhoso, nem o potro por sarnoso.

O

O cavallo alimpa a egua.
O coice da egua não faz mal ao potro.
O melhor penso do cavallo é o penso de seu amo.
O olho do amo engorda o cavallo.
O rocim, em Maio, torna-se cavallo.

P

Passem os potros como os outros.
Prado faz cavallo, e não monte largo.

Q

Quem compra cavallo, compra cuidado.
Quem diz mal da egua, esse a merca.
Quem quer cavallo sem taxa, sem elle se acha.
Quem sella deanteiro, se acha mui traseiro.

S

Seja ruço o cavallo, e seja qualquer.

CASAMENTO

A

A boda nem a baptizado, não vás sem ser convidado.
A barba can se entrega a moça louçã.
A boda do ferreiro, cada um com seu dinheiro.
A cabeça com mulher se endireita.
Acudi-me, cachopas, que já tenho botas.
A dor da mulher morta chega até a porta.
A filha casada, saem-lhe genros.
Ainda agora comem o pão da boda.
A magra balha na boda, e não a gorda.
Amizade de genro, sol de Inverno.
A moço ataviado, mulher ao lado.
Antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que desates.
Antes barba branca, para tua filha, que moço de barba partida.
Antes velha com dinheiro que moça com cabello.
Ao bom marido, cevá-lo com gallinhas da par do gallo.
Ao velho recemcasado, rezar-lhe por finado.
Ao marido serve-o como amigo, e guarte d'elle como inimigo.
A quem faz casa, ou se casa, a bolsa lhe fica rasa.
Assim é o marido amarellado, como casa sem telhado.
Assim medre meu sogro, como cão detrás do fogo.
A ti o digo, filha; entende-o tu, nora.
A viuva com o luto, e a moça com o moço.
A viuva rica, casada fica.
A viuva e o capão, quanto comem, assim o dão.

A viuva rica, com um olho chora, e com outro repica.

C

Cada um canta, como tem graça; e casa, como tem ventura.
Casa-te, e verás perder o somno, e nunca dormirás.
Casar e compradar, cada um com seu igual.
Casarás e amansarás.
Casareis e em mantens alvos comereis.
Casa o filho, quando quiseres, e a filha, quando pudéres.
Casar, casar, quer bem quer mal.
Casar-me quero, terei o olho da panella, e assentar-me-hei primeiro.
Casar, casar, sôa bem e sabe mal.
Casar, casar, e quedo governo.
Casamento feito, noivo arrependido.
Com coisa velha nem te cases, nem te alfaies.
Com teu vizinho casarás teu filho, e beberás teu vinho.
Casamento da par do lar, compadre d'além mar.
Cunhados e ferros d'arado, debaixo da terra prestam.
Cresce o ouro bem batido, como a mulher com bom marido.

D

Da feia e da formosa, a mais proveitosa.
Da mão á bocca, se perde a sopa.
De bons e de melhores, á minha filha venham.
De dia em dia, casarás Maria.
De taes bodas, taes tortas.
Dôr de cotovello e dor de marido, ainda que dôa, logo é esquecido.

De Castella, nem bom vento, nem bom casamento.
Dôr de mulher morta, dura até á porta.

E

Em Janeiro, te casa companheiro.
Em quanto fui sogra, nunca tive boa nora.
Em quanto fui nora, nunca tive boa sogra.

F

Filha desposada, filha apartada.

G

Genro, pelo papo me vae rangendo.

M

Mais quero velho, que me honre, que moço, que me assombre.
Mau ou bom, teu genro sou.
Marido não vejas, mulher cega sejas.
Moça com velho casada, como velha se trata.
Muitos concertadores desconcertam a noiva.
Moça virtuosa, Deus a esposa.

N

Não ha casamento pobre, nem mortalha rica.
Não ha boda, sem torna boda.
Não ha panella tão feia que não ache seu cobertouro.
Não ha mulher formosa no dia da boda, senão a noiva.
Não concorda com o velho a moça.

Não compres mulla manca, cuidando que há-de sarar; nem cases com mulher má, cuidando que se há-de emendar.
Não é brava a mulher, que cabe em casa.
Não é nada senão que maráo a meu marido.
Não se lembra a sogra que foi nora.
Nem tão velha, que caia; nem tão moça, que salte.
Nem de menina te ajuda, nem te cases com viuva.
Nem mulher de outro, nem coice de potro.
Nem boda sem canto, nem morte sem pranto.
No rosto de minha filha vejo, quando o Demo toma a meu genro.
Nora rogada, panella repousada.

O

O filho da tua vizinha, tira-lhe o ranho, e casa-o com tua filha.
O homem rico, com a fama casa seu filho.
O marido e o linho não é escolhido.
O marido, antes com um só olho que com um filho.
O' mar, quem te vira casado!
O que não tem mulher, cada dia a mata; mas, quem a tem, bem a guarda.
O sacco do genro nunca é cheio.

P

Para mal casar, mais vale nunca casar.
Para mim não posso, e poderei para meu sogro.
Perda de marido, perda de alguidar, um quebrado outro no poial.
Por cobiça de florim, não te cases com ruim.
Por affeição te casaste, a trabalhos te entregaste.

Por casa nem por vinha, não cases com mulher parida.

Q

Quantas vezes te ardeu tua casa? Quantas casei filha.
Quem casa filha, depennado fica.
Quem casa por amores, maus dias, noites peores.
Quem casa com mulher rica e feia, tem ruim cama e boa mesa.
Quem longe vae casar, ou vae enganado, ou vae enganar.
Quem mal marida, sempre tem que diga.
Quem não tem sogra nem cunhada, é bem casada.
Quem tarde casa, mal casa.

S

Seja marido, e seja grão de milho.
Seja o marido cão, e tenha pão.
Seja Maria bem casada, e a outra haja má fada.
Se queres bem casar, casa com teu igual.

T

Tal genro, como o sol de Inverno.
Tenhas ovelhas, e não tenhas orelhas.
Tenhas porcos, e não tenhas olhos.
Toma casa com lar, e mulher que saiba fiar.
Tomae lá o que vos vem da boda.
Triste da casa, onde a gallinha canta e o gallo se cala.

COBIÇA

A

A cobiça rompe o sacco.
A gallinha da minha vizinha é mais gorda que a minha.
Ao avaro, tanto lhe falta o que tem, como o que não tem.

E

Em tal signo nasci, que mais quero para mim que para ti.

M

Melhor me parece teu jarro amolgado que o meu são.

N

Não pode lograr o seu o que espera pelo alheio.
Ninguem seria vendeiro, se não fosse o dinheiro.

P

Partilha de Lisboa com Almada, que uma leva tudo e a outra nada.
Partâmos como irmãos, o meu, meu, e o teu de ambos.
Por melhoria, minha casa deixaria.

Q

Quem mais tem e mais quer, com seu mal morre.
Quem mais quer que bem, a mal vem.

Quem por cobiça vem a ser rico, corre mais perigo.
Quem quer enricar em um anno, aos seis meses o enforcam.

U

Um no papo, outro no saco.
Um no papo, outro no sacco, e chora pelo do prato.

COMER

A

A vacca, bem cozida e mal assada.
A perdiz, com a mão no nariz.

B

Bebedice de agua nunca se acaba.
Bem canta Martha, depois de farta.
Bem sabe o bom boccado, se não custasse caro.
Bem se lambe o gato, depois de farto.
Bem come o villão, se lh'o dão.
Bem canta o Francês, papo molhado.
Bem sei o que digo, quando pão pido.
Bocejo longo, fome ou somno.
Bole com o rabo o cão, não por ti, senão pelo pão.
Bom de convidar, mau de fartar.
Bom comer traz mau comer.

C

Cada dia peixe, amarga o caldo.
Caro é o mel para o guloso.

Carne mal lograda, cozida e não assada.
Carne de peito, sem proveito.
Carne do assêm é pouca e sabe bem, mas não é para quem filhos tem.
Carne magra, de porco gordo.
Carne nova, de vacca velha.
Com assucar e com mel, até pedras sabem bem.
Comamos e bebamos e nunca mais valhamos.
Comida sem caldo, papo dessecado.
Comida de fidalgos, pouca em mantens alvos.
Comi papas por engordar, sahiram-me por ceia e por jantar.
Comei, mangas, aqui, que a vós honram e não a mim.
Comer toda a vianda, tremer toda a maleita.

D

Da mão á bocca se perde a sopa.
Dá-m'o de vez, dar-t'o-hei saboroso.
Das côres a gram, e das fructas a maçã.
De caldo requentado, nunca bom boccado.
Deitar sopa e sorver, não pode tudo ser.
Deita-me e farta-me, e, se não dormir, mata-me.
Deus me dê pae e mãe na villa, e em casa trigo e farinha.
De vinho abastado, de razão minguado.
Depois de beber, cada um dá seu parecer.
Duas ceias más em um ventre cabem.
Duro de cozer, duro de comer

E

Em casa de Maria Parda, uns comem leite, outros nata.
Em cada casa comem favas, e na nossa ás caldeiradas.

F

Fazei-vos mel, comer-vos-hão as moscas.
Fogo viste, linguiça.

G

Grande saber é não escutar, e comer.

I

Ir-se-hão os hospedes, comeremos o pato.
Isso quer Martinho, sopas de vinho.

M

Mais quer a ceia que toalha secca.
Mais vale duro que nenhum.
Mais dias há linguiças?
Mais quero para meus dentes que para meus parentes.
Mais vale dois boccados de vacca que sete de pata.
Martha piedosa mastiga ovo aos enfermos.
Meu ventre cheio, sequer de feno.
Melhor é podre que mal comido.
Melhor é pão duro que figo maduro.

N

Na mesa cheia, bem parece iguaria alheia.
Não ha carne perdida, senão lebre assada e perdiz cozida.
Não ha manjar, que não enfastie; nem vicio, que não enfade.
Não ha prazer onde não ha comer.

Não bebas coisa, que não vejas; nem assignes carta, que não leias.
Não comas cardos com dentes emprestados.
Não é o mel para a bocca do asno.
Não é tacha beber por borracha, quando não ha taça.
Não mettas a mão em prato, onde te fiquem as unhas.
Não se pode fazer a par: comer e assoprar.
Não tem que comer, assenta-se a mesa.
Não faças do queijo barca, nem do pão S. Bartholomeu.
Nem com toda a fome ao cesto, nem com toda a sêde ao pote.
Nem mesa que bula, nem pedra na servilha.
Nem mesa sem pão, nem exercito sem capitão.
Nem comas muito queijo, nem do moço esperes conselho.
Negra é a ceia em casa alheia.
No comer e no falar é a moça igual.
No forno se ganha, no forno se perde.
No escudellar verás quem te quer bem ou mal.
No tempo que se come, não se envelhece.
Nunca boa olha com agraço.
Nunca mettas escaravelho por cozinheiro.

O

O bom mosto sae ao rosto.
O convidado mostra-se amigo, mas não lettrado.
O farto do jejum não tem cuidado algum.
O figo cahido para o senhorio, e, o que está quedo, para mim o quero.
O melão e o queijo, tóma-lo a peso.
Onde entra beber, sae o saber.
Onde entra conducto, não entra para muito.

Onde te querem, ahi te convidam.
O pão pela côr, e o vinho pelo sabor.
O pato, pela mão do escasso.
O que sardinha quer, é picar e beber.
O que come minha vizinha, não aproveita á minha tripa.
O que me houveres de dar cozido, dá-m'o assado, perdoar-te-hei o caldo.
O que houveres de comer, não o vejas fazer..
O queijo do Alentejo, o vinho de Lamego.
O que reparte, toma a melhor parte.
O ruim se assenta na mesa; talhada que toma, a todos pesa.
O sal, quanto salga, tanto vale.
Osso, que acabas de comer, não o tornes a roer.
Ovo assado, meio; ovo cozido, ovo inteiro; frito, ovo e meio.
Ovo brando, comer embaraçado.
Ovo de Portugal não ha mistér sal.
O ventre em jejum não ouve a nenhum.
Ou magro ou gordo, aqui está o porco todo.
Ovelha que berra, boccado perde.

P

Panella de muitos, mal comida e peor mexida.
Panella, que muito ferve, o sabor perde.
Panella sem sal, faze de conta que não tem manjar.
Pão de centeio, melhor é no ventre que no seio.
Pão comeste, companhia desfeita.
Pão de vizinho tira o fastio.
Pão puxa, que não herva muita?
Pão e vinho e parte no Paraiso.
Pão alheio caro custa.
Pão molle e uvas as moças põem mudas, e aos velhos tira as rugas.

Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.
Pão quente, fome mette.
Pão com pão, e a serra com a mão.
Pão com olhos e queijo sem olhos, e vinho que salte nos olhos.
Pão, que sóbre; carne, que baste; e vinho, que falte.
Papas sem pão, abaixo se vão.
Para ir á mesa, mais se requere que ser hora de terça.
Para rabão e queijo, não ha mistér trombeta.
Pela bocca se aquenta o forno.
Perdiz é perdida, se quente não é comida.
Perdigão gordo, pássara magra.
Perdôo-te o mal que me fazes, pelo bem que me sabes.
Por carne, vinho e pão, deixo quantos manjares são.
Porque apara a maçã, quem lhe ha-de comer a casca!
Por isso se come toda a vacca, porque um quer da perna, outro da espalda.
Porcos com frio e homens com vinho, fazem gran ruido.
Pouco rosalgar não faz mal.
Pouco fel damna muito mel.
Preta é a pimenta, e vão por ella á tenda; e alvo o leite, e vendem-no pela cidade.
Prova teu caldo, não perderás teu pão.

Q

Quando cuidas metter o dente em seguro, toparás o duro.
Quando fôres ao mercado, pão leve e queijo pesado.

Queijo de ovelhas, manteiga de vaccas e leite de cabras.
Queijo, pero e pão, comer de villão.
Queijo, pão e pero, comer de cavalleiro.
Quem a mesa alheia come, janta e ceia com fome.
Quem a mão alheia espera, mal janta e peor ceia.
Quem bem come e bebe, bem faz o que deve.
Quem come a carne, rôa o osso.
Quem come e deixa, duas vezes põe amesa.
Quem de vinho fala, sêde há.
Quem escudella de outro espera, fria a come.
Quem mal quiser cear, á noite o vá buscar.
Quem mal enforna, tira os pães tortos.
Quem primeiro anda, primeiro manja.
Quem quiser comer, migue.
Quem quiser mal á sua vizinha, dê-lhe em Maio uma sardinha.
Quem sua vianda vê apparelhar, farta se antes de cear.
Quem se queima, alhos come.
Quem tanta agua ha-de beber, ha mistér de comer.
Quem sobre salada não bebe, não sabe o bem que perde.
Quem um sabor quer, outro ha-de perder.
Quem deita agua na garrafa de golpe, mais derrama do que colhe.
Quem é amigo de vinho, de si mesmo é inimigo.

R

Rabãos e queijo, mantem a córte em peso.

S

Saramago com toucinho é manjar de homem mesquinho.

Se comeres, antes que vás á igreja; depois não te porão a mesa.
Se mal jantas, peor ceias, minguam-te as carnes, crescem-te as veias.
Se não bebo na taberna, folgo nella.
Se não houvéra mais alhos que canella, o que elles valem, valêra ella.
Se o villão soubesse o sabor da gallinha em Janeiro, nenhuma deixaria no poleiro.

T

Tanto é agraz, que já despraz.
Tem-te em teus pés, comerás por três.
Truta, cara não, é são.
Tudo ha mistér arte, e o comer vontade.

U

Um sabor tem cada caça, mas o porco cento alcança.
Um ovo ha mistér sal e fogo.

V

Vaso novo, primeiro bebe que seu dono.
Verças, que não has-de comer, não as cures de mexer.
Vesperas da aldeia, põe a mesa, e ceia.

CREADO

A

A mau moço, mau amo.
A moço mal mandado, ponde a mêsa, mandae-o com recado.
A moça, a que sabe bem o pão, perdido é o alho, que lhe dão.
A moça que seja boa, e o moço que tenha officio, não lhes podes dar melhor beneficio.
Antes perderei a soldada que tantos mandados faça.
Assás pede quem bem serve.

F

Faze o que manda teu senhor, assentar-te-hás com elle ao sol.
Filhos e creados, não os animar; se os animares, não os queres lograr.

M

Manda o amo ao moço, e o moço ao gato, e o gato ao rabo.
Moço de frade, mandae-o comer, e não que trabalhe.
Moço guloso não é bom para tendeiro.

N

Não ha maior feitiço que o bom serviço.

P

Panno largo e bom feitor, fazem rico ao Commendador.
Perdi meu senhor, mal falando, ouvindo peor.
Por isso te sirvo, por que me sirvas.

Q

Quem a dois senhores ha-de servir, a algum ha de mentir.
Quem a outrem serve, não é livre.
Quem bem serve, galardão merece.
Quem bom e mau pode soffrer, a grande honra não pode vir ter.
Quem pode ser seu, em ser de outrem é sandeu.
Quem pode ser livre, não se captive.
Quem serve a moço e a mulher, e a commum, não serve nenhum.
Quem serve a dois senhores, a algum d'elles ha-de aggravar.
Quem tem creados, tem inimigos escusados.
Quer chova, quer não chova, meu amo que coma.

S

S. Miguel e S. João passado, tanto manda o amo como o creado.
Sê moço bem mandado, comerás á mesa com teu amo.
Se queres ter bom moço, antes que nasça, o busca.
Se queres ser bem servido, serve-te a ti mesmo.
Serve a senhor, saberás o que é dor.
Serve ao nobre, ainda que pobre, que tempo virá, em que t'o pagará.

*

T

Tão bom é Pedro como seu amo.

V

Vae-se o comido pelo serviço.

DADIVAS

D

Dadiva de ruim, a seu dono parece.
Da pelle alheia, grande correia.
Darei a vida e alma, mas não a albarda.
Dar-lhe-hão e dar-nos-há e dar-vo-lo-hemos.

M

Mais abranda o dinheiro que palavras de cavalleiro.

Q

Quem bem me faz, êsse é meu compadre.

T

Tal é o dado, como seu dono.

DEMASIA

A

Ainda estas lamas hão-de ser pó.
A carga bem se leva, a sobrecarga causa a queda.

C

Cão, que muito lambe, tira sangue.

D

Do pão do meu compadre, grande pedaço a meu afilhado.
Do ruge-ruge se fazem os cascaveis.

E

Em o Verão por calma, e o Inverno por frio, não lhe falta achaque de vinho.
Em tua casa não tens sardinha, e na alheia pedes gallinha.
Estende-se como villão em casa de seu sogro.

F

Fazer bem a velhacos, é deitar agua no mar.

N

Não passes o pé além da mão.
Não posso ter a bocca cheia de agua, e assoprar ao fogo.

O

O demasiado rompe o sacco.

P

Por demais é a citola no moinho, quando o moleiro é surdo.

M

Quem mal canta, bem ressôa.
Quem quer mais que bem, a mal vem.
Quis-me fazer mel, comeram-me as moscas.

T

Tanto pica a pêga na raiz do trovisco, que quebra o bico.

V

Vá a corda trás o caldeirão.
Vendei mel ao colmeeiro.

DEUS

A

A quem Deus quer bem, o vento lhe apanha a lenha.
A quem Deus quis bem, no rosto lhe vem.

D

Dá Deus amendoas a quem não tem dentes.
Dá Deus a roupa, segundo é o frio.

L

Lá me leve Deus aonde estão os meus.

M

Mais pode Deus ajudar que velar, nem madrugar.
Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.

N

Não ha pressa, em que Deus não seja.
Não fez Deus a quem desamparasse.

O

O amor de Deus vence, todo o al parece.

Q

Quando Deus não quer, Santos não rogam.
Quem boa dita tem, a Deus a agradeça.
Quem não fala, não o ouve Deus.

V

Veio Deus a ver sem companhia.
Voz do povo, voz de Deus.

DILIGENCIA

A

A carne de lobo, dente de cão.
A barca é rôta, salve-se quem pudér.

A besta, que muito anda, nunca falta quem a tanja.
A boa ventura, com diligencia.
Andando ganha a azenha, que não estando quêda.
Andem as mãos, que pintam as uvas.
Ao gato, por ladrão, não lhe dês de mão.
A pouco pão, tomar primeiro.
A quem vella, tudo se lhe revela.
Asinha é dito o que é bem dito.

D

Dar ao pé, que tempo é.

E

Em uma hora, não se ganhou Çamora.

M

Madruga e verás; trabalha e terás.
Mais faz quem quer que quem pode.

N

Nunca esperes que te faça teu amigo o que tu pudéres.

P

Por muito madrugar, não amanhece mais asinha.

Q

Quem primeiro se levanta, primeiro se calça.
Quem primeiro vem, primeiro moe.

Quem segue alguma coisa, ou alcança parte, ou toda.
Quem sempre se recata, nunca acaba nada.
Quem tarda, arrecada.
Quem tem bocca, não diga a outro: assproa.
Quem tempo tem, e por tempo espera, tempo é que lhe o Demo leva.

S

Se queres ter boa fama, não te tome o sol na cama.

T

Tarde madruguei, mas bem arrecadei.

ECONOMIA
OU GOVERNO DE CASA

A

A agua é fria, mas mais o é quem com ella convida.
A boa ceia, ante tempo se enxerga.
A boa moça e a má, põe-lhe almofada.
A cabo de um anno, tem o creado as manhas do amo.
A cabeça do besugo come o sisudo, e da bóga dá a sua sogra.
A casas velhas, portas novas.
A cortiça arde-lhe o manto, fica-lhe o quebranto.
A criado novo, pão e ovo; depois de velho, pão e Demo.
A cuba cheira ao vinho, que tem em si.

A fazenda de raiz farta, mas não a basta.
A fome alheia me faz prover minha ceia.
A filha, farta e despida; e o filho, vestido e faminto.
A festa dure pouco e bem pareça.
A gente pobre, moeda miuda.
Agua vertida não é toda colhida.
Agua sobre agua, nem suja, nem lava.
A uma bocca, uma sopa.
Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes conselho.
Alchimia é provada: ter renda e não gastar nada.
A mancebo mau, com mão e com pau.
A moça e o menino no Verão hão frio.
A muita conversação é causa de menos preço.
Andar a pão emprestado, fome põe.
Antes minha face com fome amarella que com vergonha nella.
Ao bom dia abre a porta, e ao mau te apparelha.
Ao bem buscá-lo, e ao mal estorvá-lo.
Ao bom pagador não doe o penhor.
Ao comprar te arremanga.
Ao arrendar, cantar; e, ao pagar, chorar.
Ao couro e ao queijo, comprado por peso.
A pão de quinze dias, fome de três semanas.
A pão duro, dente agudo.
A perda, que teu vizinho não sabe, não é perda na verdade.
A quem dizes teu segredo, fáze-lo senhor de ti.
A quem não tem pão semeado, de Agosto se lhe faz Maio.
A quem mal queiras, um rocim lhe vejas; e, a quem mais mal, um par.
A's vezes, custa mais o salmonejo que o coelho.
A teia bem tecida, ao curar mais embebida.
Azafama, padeiras, que a minha mãe quer um pão.

B

Baldão de senhor e de marido.
Bem haja o pão, que presta.
Bem comprar é gentileza, mal comprar não é fraqueza.
Bem estamos de roupa, se nos não molhâmos.
Boas são mangas, depois de festa.
Bons e maus, mantêm cidade.
Bom é saber que pão te há-de manter.
Bom é um pão com dois pedaços.
Bolsa sem dinheiro, chama-lhe couro.

C

Cada um estenda a perna até onde tem coberta.
Cada um despende, como seu braço se estende.
Cada um veja o pão, que lhe há-de abastar.
Cada dia três e quatro, chegarás ao fundo do sacco.
Casa de pae, vinha de avó.
Casa de terra, cavallo de herva, amigo de palavra, tudo é nada.
Cento de vida, cento de renda, e cem leguas de parentes.
Casa, em que não ha cão nem gato, é casa de velhaco.
Casas, em que caibas; vinho, que bebas; terras, quantas vejas.
Casas na praça, as hombreiras tem de prata.
Casa hospedada, bem comida, pouco honrada.
Casa varrida e mesa posta, hospedes espera.
Cerra tua porta, e dá-me a chave; quem vier, brade.
Cerra tua porta, farás tua vizinha boa.
Com a coisa alheia, o homem mal se honra.

Com a lingua te posso ajudar, mas não com o meu te dar.
Com agua passada não moe o moinho.
Come do teu, e chama-te meu.
Comida meada, faca embainhada.
Com homem interessal, não juntes teu cabedal.
Comprar a alforjas, e vender a onças.
Compra que vendas.
Comprar em feira, vender em casa.
Comprar e arrepender.

D

Dá Deus biscoito a quem não tem dentes.
Da porta cerrada, o Diabo se torna.
Do dinheiro e bondade, metade da metade.
Deita-te tarde, levanta-te cedo, verás teu mal e o alheio.
Deita-te sem ceia, amanhecerás sem divida.
Deita-te em tua cama, cuida em tua casa.
De fôro, nem um ovo.
Depois de casa feita, a deixa.
De pequena candeia, grande fogueira.
De pessoa calada, afasta tua morada.
De quem do seu foi mau dispenseiro, não fies teu dinheiro.
Deixa tua casa, e vem até a minha, terás negro dia.
De Todos-os-Santos até o Natal, perde a padeira o cabedal.
De trigo e de aveia, minha casa cheia.
Dia de Santo André, quem não tem porco, mata a mulher.
Digo uma, e digo outra: quem não fia, não tem touca.
Ditosa a casa, d'onde um só gasta.

Do bom logo, bom fogo.
Do linho arestoso faze camisas a teu esposo.
D'onde fogo não ha, fumo se não levanta.
D'onde foste pagem, não serás escudeiro.
D'onde tiram e não põem, cedo chegam ao fundo.
Do ouro e do ferro, tudo é um peso.
Dure o que durar, como colher de pão.

E

Em casa de sisudo, se faz o pão miudo.
Em casa do cavalleiro, vacca e carneiro.
Em casa do mesquinho, mais pode a mulher que o marido.
Em uma hora cae a casa, que não cada dia.
Em fiusa de parentes, busca que merendes.
Em logar realengo, faze teu assento; e em terra de senhorio, não faças teu ninho.
Em mau anno e em bom anno, avéza bem teu papo.
Em mesa redonda não ha cabeceira.
Emprestaste, e não cobraste; e, se cobraste, não tanto; e, se tanto, não tal; e, se tal, inimigo mortal.
Emquanto o amo bebe, o creado espere.
Engana-me no preço, e não no que merco.
Entre Abril e Maio, moenda para todo o anno.
Escreve, antes que dês; e recebe, antes que escrevas.
Esmolou S. Matheus, esmolou para os seus.
Está a carne no garavato, porque não ha gato.

F

Farinha apurada, não t'a veja sogra nem cunhada.
Farei primeiro aos meus, então aos alheios.

Faze conta com a hospeda, e verás o que te fica.
Faze barato, venderás por quatro.

G

Gotta e gotta o mar se esgota.
Guarda moço, acharás velho.
Guardar que comer, e não guardar que fazer.

H

Hontem vaqueiro, hoje cavalleiro.
Hospedes em casa, Dia Santo é.
Hospede tardio, não vem vasio.
Hospedes juram, senhores se farão.
Hospede, que se convida, despede-se asinha.
Hospede, que jejua e não ceia, bem vindo seja.
Hospede com sol, ao lavor.

J

Já que a agua não vae ao moinho, vá o moinho á agua.

L

Logra tu teu pouco, emquanto busca mais o doido.
Lume faz cozinha, e não mulher fraldida.

M

Mais ha quem suje a casa que quem a varra.
Mais quero estar trabalhando que chorando.
Mais vale vacca em paz que pombo em guerra.
Mais quero pedir á minha peneira um pão apertado que á minha vizinha emprestado.
Mais vale magro no tear que gordo no monturo.

Mais vale palmo de panno que pedaço de burel.
Mais sabe o sandeu no seu que o sisudo no alheio.
Mais vale guardar que pedir.
Mais vale pedaço de pão com amor que gallinha com dôr.
Mais vale bem de longe que mal de perto; e sim tardio que o macio; e ter fome que fastio.
Mais vale penhor na arca que fiador na praça.
Mais vale boa regra que boa renda.
Mais vale ganhar no lodo que perder no ouro.
Mal vae á casa, d'onde a roca manda a espada.
Mal se apaga o fogo com as estopas.
Mal por mal, melhor era o de hontem.
Manda e descuida, não se fará coisa nenhuma.
Manda e faze-o, tirar-te-há cuidado.
Manda o sabio com embaixada, e não lhe digas nada.
Mão lavada, sujidade tira.
Meia vida é a candeia, e o vinho é outra meia.
Melhor é curar gotteira que casa inteira.
Melhor é comprar que rogar.
Melhor é divida nova que peccado velho.
Melhor é sapato rôto que pé formoso.
Melhor é fumo em minha casa que na alheia.
Melhor é uma casa na villa que duas no arrabalde.
Melhor é rôto que alheio.
Melhor é vergonha no rosto que mágoa no coração.
Melhor é muitos que poucos muitos.
Melhor é fazer de balde que estar debalde.
Melhor é o meu que o nosso.
Mercador fidalgo, nunca o verás medrado.
Mette o ruim em teu palheiro, quererá ser teu herdeiro.
Minha casa e meu lar cem soldos vale, e estimou-se mal, porque mais vale.

Morrer por ter, e soffrer por valer.
Muitas mãos e poucos cabellos, asinha os depennam.
Muito pede o sandeu, mas mais o é quem lhe dá o seu.
Muitos alhos em um gral, mal se pisam.
Muitas maçarocas fazem a teia, que não uma cheia.

N

Na arca aberta, o justo pecca.
Na almoeda tem a bolsa queda.
Na bocca do sacco, a regra e o resguardo.
Na casa cheia, asinha se faz a ceia.
Não ha maior mal que o descontento de cada qual.
Não o tive pelo ovo, senão pelo fôro.
Não ha coisa rogada que não seja cara.
Não ha tal venda como a primeira.
Não cabiamos ao fogo, e veio meu sogro.
Não compres do lobo a carne.
Não compres de ladrão, nem faças fogo de carvão.
Não deixes o certo pelo duvidoso.
Não é cada dia Paschoa nem vindima.
Não faz pouco quem sua casa queima, que espanta os ratos, e aquenta-se a lenha.
Não fies nem porfies, nem arrendes; viverás entre as gentes.
Não faz pouco quem sua culpa lança a outro.
Não mores em despovoado, nem esmoles do furtado.
Não mettas em tua casa quem dois olhos haja, senão trigo e cevada.
Não o louves, até que o proves.
Não perde venda, senão quem não tem que venda.
Não me apraz chave, que em muitas portas faz.

Não quero escudella de ouro, em que cuspa sangue.
Não quero gabão, se me ha-de encher de cabellos.
Não se queixe do engano, quem pela mostra compra o panno.
Não o tenha, e não o deva.
Não tem nada, quem nada lhe basta.
Não vendas a teu amigo, nem de rico compres trigo.
Não te direi que te vás, mas far-te-hei obras para isso.
Nem compres de regateira, nem te descuides em mesa.
Nem a todos dar, nem com todos porfiar.
Nem carvão nem lenha compres, quando geia.
Nem no Inverno sem capa, nem no Verão em cabeça.
Nem em tua casa galgo, nem á tua porta fidalgo.
Não te abaixes por pobreza, nem te alevantes por riqueza.
Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.
Nem em mar tratar, nem em muitos fiar.
Nem bebas da alagôa, nem comas mais que uma azeitona.
Nem moinho por continuo, nem porco por vizinho.
Nunca muito custou pouco.

O

O bem não se conhece, senão depois que se perde.
O bom ganhar faz o bom gastar.
O bom dia mette-o em tua casa.
O bom vizinho faz o homem desapercebido.
O bom pae ame-se, e o mau soffra-se.
O bom pagador é herdeiro no alheio.

O bom pagador não receia pena.
O buraco chama o ladrão.
O caro é barato, e o barato é caro.
O dado, dado; e o vendido, vendido.
O descuidado sempre é necessitado.
O escravo e a besta muar, se ha de poupar.
O homem para a cova, o rendeiro para a cadeia.
O ganho e a lazeira andam de feira em feira.
O hospede e o peixe, aos três dias fede.
O linho apurado dá lenço dobrado.
O melhor dos dados é não jogá-los.
O dinheiro sobre penhor e sobre palavra, e tendo pela fralda.
O moço e o amigo, nem pobre, nem rico.
O moço, por não querer, e o velho, por não poder, deixam as coisas perder.
O muito se gasta, e o pouco abasta.
O nada, fáze-lo em casa.
Onde bem me vae, tenho pae e mãe.
Onde o real se deixou achar, outro deveis ir buscar.
Onde é o gosto maior que o proveito, dae o trato por desfeito.
O necessario deleita, e o desnecessario atormenta.
O peso e a medida tiram o homem de porfia.
O que ha de levar o rato, dá ao gato, e tirar-te-hás de cuidado.
O que deve, não repousa como quer.
O que maus não levam, paredes o acham.
O que te cae da mão, dá-o a teu irmão.
O que te não aproveita, e não has mistér, não deves reter.
O ruim me compre o amigo, que o bom logo é vendido.
Os doidos fazem a festa, e os sisudos gostam d'ella.

O taleigo de sal quer cabedal.
O trigo e a teia, á candeia.
Ouro é o que ouro vale.
Outubro, Novembro, Dezembro, não busques o pão no mar.

P

Paga o que deves, sararás do mal que tens.
Pagar é desinchar.
Pão de padeira, nem farta, nem governa.
Panno, que outrem usa, pouco dura.
Para forno quente, uma forga sómente.
Para próspera vida, arte, ordem e medida.
Paz e saude: dinheiro a quem o quiser.
Para o bom, pede; para o mau, deseja.
Para quem ganhas, ganhador? Para quem está ao Sol.
Pequenas achas accendem o fogo, e os madeiros grossos o sustentam.
Perdido é quem trás perdido anda.
Perdendo tempo, não se ganha dinheiro.
Penhor, que corre, ninguem o tome.
Peso e medida, tiram o homem de fugida.
Por fazenda alheia, ninguem perca a ceia.
Porfiar, mas não apostar.
Prometter não é dar, mas a nescios contentar.
Por não gastar o que basta, o escusado se gasta.
Por mau vizinho, não desfaças teu ninho.
Por um cabellinho se péga o fogo no linho.
Pouco, e em paz, muito se me faz.
Pouco damno espanta e muito amansa.

Q

Qual é elle, tal casa mantêm.

*

Quando o gosto é sobejo, mais custa a mecha que o sebo.
Quem ara e cria, ouro fia.
Quem a trinta não tem siso, aos quarenta não é rico.
Quem as coisas muito apura, não vive vida segura.
Quem a sorte alheia estima, a sua desestima.
Quem a muitos há-de manter, muito há-de ter.
Quem bem quiser cear, a sua casa o vá buscar.
Quem bem está, não se levante.
Quem bem está e mal escolhe, por mal, que lhe venha, não se anoje.
Quem come emprestado, come do seu sacco.
Quem com muitos tem que fazer, muito siso ha mister.
Quem compra o que não pode, vende o que não deve.
Quem compra e mente, na bolsa o sente.
Quem com mau vizinho há-de vizinhar, com um olho há-de dormir e com outro vigiar.
Quem da carne alheia há-de comer, da sua há-de perder.
Quem dá o seu, antes de morrer, apparelhe-se a bem soffrer.
Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.
Quem dinheiro quer cobrar, muitas voltas há-de dar.
Quem do seu se desapossa antes de morrer, dêem-lhe com um maço na fronte.
Quem deve, ou pague ou rogue.
Quem deve cento, e tem cento e um, não teme a nenhum.
Quem deve a Pedro, e paga a Gaspar, que torne a pagar.
Quem diz mal da coisa, esse a compra.
Quem muito tem, muito gasta; quem pouco tem,

pouco lhe basta; quem nada tem, Deus o mantêm.
Quem empresta, suas barbas arrepella.
Quem dos seus se aparta, do remedio se alarga.
Quem deixa a villa pela aldeia, venha-lhe má estreia.
Quem em mais alto nada, mais presto se afoga.
Quem entra em casa feita, ou se assenta á mesa posta, não sabe o que custa.
Quem é bom de contentar, menos tem de chorar.
Quem faz por commum, faz por nenhum.
Quem faz bem ao astroso, não perde parte, senão todo.
Quem faz tudo, não enche fuso.
Quem fia e tece, bem lhe parece.
Quem ganha sem dispender, não lhe lembra que ha-de morrer, nem que herdeiros ha-de ter.
Quem guarda, acha; e, quem cria, mata.
Quem muito dorme, o seu com o alheio perde.
Quem muito abarca, pouco aperta.
Quem me vir e me ouvir, guarde pão para Maio e lenha para Abril.
Quem me empresta, ajuda-me a viver.
Que monte de trigo, se não estivesse devido!
Quem muda fitos, com mal anda.
Quem não herda, não medra.
Quem não anda por frio e por sol, não fez seu prol.
Quem não tem mulher, muitos olhos ha mistér.
Quem tem velho, não tem novo.
Quem não se aventura, não anda a cavallo nem em mulla.
Quem pão e vinho compra, mostra a bolsa.
Quem paga divida, faz cabedal.
Quem prego não tira, pendura mais asinha.
Quem paga o que recebeu, o que lhe fica é seu.

Quem primeiro achar remedio, ajude a parceiro.
Quem quiser medrar, viva em pé de serra ou em porto de mar.
Quem, quando pode, não quer, quando quer, não pode.
Quem seu coração quer vingar, sua casa vê prear.
Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno.
Quem te fez rico, o não de minha aldeia.
Quem te fez o bico, te fez rico.
Quem tem quatro e gasta cinco, não ha mistér bolsa, nem bolsinho.
Quem tarde se levanta, todo o dia trata.
Quem tem bom vizinho, não teme ruido.
Quem trabalha, tem alfaia.
Quem tem alforges e asno, quando quer, vae ao mercado.
Quereis fazer do amigo inimigo? Emprestae-lhe o vosso, e pedi-lho.

R

Ração de paço, quem a perde, não ha grado.
Renego de contas com parentes, e de dividas com ausentes.
Repartiu-se o mar, e fez-se sal.
Remenda o panno, durar-te-há outro anno.

S

Sal vertido, nunca bem colhido.
Se a seres rico queres chegar, vae devagar.
Seja meu inimigo, venha moer a meu moinho.
Segue a formiga, se queres viver sem fadiga.
Sempre promette em duvida, pois ao dar ninguem te ajuda.

Se não como queremos, passamos como podemos.
Se não déres o que quiséres, faze o que pudéres.
Se queres ser pobre sem o sentir, mette obreiro e deita-te a dormir.
Se queres saber quanto vale um cruzado, busca-o emprestado.

T

Tabardo e botas, cobrem as costas.
Tal é a casa de Dona sem escudeiro, como fogo sem trasfogueiro.
Tanto vale a coisa, quanto dão por ella.
Tem cuidado de o ganhar, que tempo fica para o gastar.
Tenha eu pipas e cabedal; e, quem quiser vinhos e lagar.
Tenhamos a pata, então falaremos na salsa.
Trás trabalho, vem o dinheiro com descanso.
Três coisas fazem ao homem medrar: sciencia, e o mar e casa Real.
Três coisas destruem ao homem; muito falar e pouco saber; muito gastar e pouco ter; muito presumir e pouco valer.
Tudo é nada, senão trigo e cevada.
Tudo farei, casas de duas portas não guardarei.

U

Uma coisa se deseja, outra é bem que seja.
Uma irmã, a outra irmã não quer ver mais louçã.
Um só pollegar, tarde vae ao tear.

V

Vae d'aqui, ganho, não me dês perda.
Vão-se os gatos, estendem-se os ratos.

Vás-te, feira, e eu sem capa.
Vem a ventura a quem a procura.
Vende a esposado, e compra a enforcado.
Vende publico, e compra secreto.
Vinho, nem Mouro, não é thesouro.
Visita, de que não tiveres cór, á tarde e sem sol.

ESPERANÇA

A

Amanhã será, far-nos-ha Deus mercê.
A perseverança, toda a coisa alcança.

B

Boa é a tardança, que assegura.
Beijo-te, bode, porque has-de ser odre.

C

Corpo, corpo, que Deus dará panno.

D

D'onde esperança homem não tem, ás vezes lhe vem o bem.

O

O que perde o mês, não perde o anno.
O que se não faz em dia de Santa Luzia, se faz ao outro dia.
O que tarda, arrecada.

S

Se não fôr nesta barqueta irá na outra, que se calafeta.
Soffra-se quem penas tem, que atrás de tempo tempo vem.
Sonhava o cego que via.

FAMA

C

Campa quebrada, nunca sára.

D

Deshonrou-me minha vizinha uma vez, e eu deshonrei-me três.
Donde muitos cospem, lama fazem.

E

Em má hora nasce quem má fama cobra.

M

Mais vale perder-se o homem que o nome, se elle é bom.

N

Não perdôa o vulgo tacha de ninguem.
No mal, que teu vizinho te não sabe, não tens parte.

O

O bem sôa, e o mal vôa.
O boi trava pelo arado, mas a mal de seu grado.
O golpe da sertã, não fere, mas suja.
Onde fogo não ha, fumo não se levanta.
Onde vae mais fundo o rio, ahi faz menos ruido.
O que se diz, ou é ou quer ser.

P

Perto vae o fumo da chamma.

Q

Quem a fama tem perdida, morto anda em vida.
Quem ha as feitas, ha as suspeitas.
Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros que é baixa.
Quem te não ama, em jogo te desfama.

FILHOS

A

Aonde ha filhos, nem parentes, nem amigos.
A teu filho e teu amigo, pão e castigo.
A teu filho, bom nome e bom officio.

C

Cento de um ventre, cada um de sua mente.
Como creaste tantos filhos? Querendo mais aos mais pequeninos.

Corta-me pés e mãos, e mette-me entre meus irmãos.

D

Dá o neto ao avô, em que não é bom.
De boa filha, boa fiandeira.
De filhos e herdeiros, campos cheios.
De uns fazeis filhos, e de outros enteados.
De pae santo, filho diabo.
Dos filhos, o que falta, esse mais se ama.

E

Entre pae e irmãos, não mettas as mãos.

F

Faze a teu filho teu herdeiro e não teu dispenseiro.
Filha desposada, filha apartada.
Filha, sê boa mãe, que aranha vae por aquella parede.
Filha, nem nasça nem morra.
Filho alheio, mette-o pela manga, sahir-te-há pelo seio.
Filhos e creados, não os animar, se os queres lograr.
Filho alheio, brasa no seio.
Filho és, pae serás; assim como fizeres, assim acharás.
Filho de viuva, ou malcreado, ou mal costumado.
Filho bastardo, ou muito bom, ou muito velhaco.
Filhos, dois ou três ha prazer; sete, ou oito é fogo.
Filho aborrecido, nunca teve bom castigo.
Filho mau, melhor é doente que são.

Filho tardio, fica orfão cedo.
Filhos casados, cuidados dobrados.

G

Ganhe meu inimigo, e conserve meu filho.

H

Herdade por herdade, uma filha na velha edade.

I

Ira de irmãos, ira de Diabos.
Irmão maior, pae menor.

M

Meu filho virá barbado, mas nem parido, nem prenhado.
Minha filha Tareja, um Diabo a toma, outro a deixa.
Meu filho Pedro antes mestre que discipulo.
Minha filha Tareja, quanto vê, quanto deseja.
Muito vae em dar coice em ventre de dona.

N

Não cures filho alheio, que não sabes qual sahirá.
Não ha tal filho, como o nascido.
Não me pesa de meu filho enfermar, senão pelo costume, que lhe há-de ficar.
Não te dê Deus mais mal que muitos filhos e pouco pão.
Nunca ruim por compadre.

O

O filho do bom passa o mau e passa o bom.
O filho do mau, quando sahe bom, é rezoado.
O filho bastardo, e mula, cada dia fazem uma.
O filho do bom vá, até que bem lhe vá.
O menino e o cachorrinho, donde lhe fazem o mimo.
O menino e o bezerrinho, no Verão hão frio.

P

Pae não tiveste, mãe não temeste, Diabo te fizeste.
Pae velho, manga rôta, não é deshonra.

Q

Qual o pae, tal o filho; qual o filho, tal o pae.
Quem a meu filho tira o monco, a mim me beija no rosto.
Queres conhecer tua filha? Olha-lhe a companhia.
Quem de mim escarnece, seus filhos não vê.
Quem derradeiro nasce, primeiro chora.
Quem em terra alheia tem filho, morto o tem e espera-o vivo.
Quem filhos tem ao lado, não morre de enfastiado.
Quem filhos tem, não revessa.
Quem filhos tem, bem pode allegar.
Quem mãe tem na villa, sete vezes se amortece ao dia.
Quem não crê boa mãe, crê má madrasta.
Que não tem irmão, não tem pé nem mão.
Quem quer é, a seu pae parece.
Quem te matar teu pae, não lhe cries o filho.
Quem tem filho varão, não dê vozes ao ladrão.
Quem não tem filha, não tem amiga.

S

Segundo o natural de teu filho, assim lhe dá conselho.
Soffrerei filha gulosa e muito feia, mas não janelleira.

T

Taes fomos nós, taes sereis vós.

U

Um pae para cem filhos, e não cem filhos para um pae.

V

Vão-se os dias maus, e vão-se os bons, e ficam os filhos e netos de ruins avós.

GADO

A

A boi velho não cates abrigo.
A boi velho, chocalho novo.
Abelhas e ovelhas em suas defesas.
A carneiro capado não apalpes o rabo.
Angado pouco, a sabio redondo.
Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de bocca em bocca.
Anno de ovelhas, anno de abelhas.
Antes a lã se perca que a ovelha.

Ao boi pelo côrno, e ao homem pela palavra.
A' ovelha louçã disse a cabra: dá-me a lã.
Ao porco e ao genro, mostra-lhe a casa, e virá cedo.
A poeira do gado tira o lobo de cuidado.
A porca ruiva, o que faz isso cuida.
A rez, perdida em Abril, cobra a vida.
A vacca, que não come com os bois, ou comeu antes, ou comerá depois.
A vacca do villão, se no Inverno dá leite, melhor o dará no Verão.
A ruim ovelha, a lã lhe peja.

B

Bacoro de meias não é meu.
Bacoro de Janeiro, com seu pae vae ao fumeiro.
Bacoro fiado, bom Inverno e mau Verão.
Bacoro em celleiro, não quer parceiro.
Barbas parelhas não guardam ovelhas.
Bezerrinha mansa, em todas as vaccas mama.
Boi luzido nunca tem fastio.
Boi solto delambe-se todo.
Boi velho, rego direito.
Boi mau, em o corno cresce.
Boi, que me escornou, em boa parte me deitou.

C

Cabrito de um mês, rezental de três.
Cabra de mocha deu na outra.
Cada carneiro por seu pé pende.
Cada ovelha com sua parelha.
Cabra vae pela vinha, tal é a mãe e tal a filha.
Cabra manca não tem sesta.
Corre a vaquinha quanto corre a cordeirinha.

D

De vacca magra, a lingoa e a pata.
De bezerros e vaccas, vão pelles ás praças.
De manhã em manhã, perde o carneiro a lã.
De noite deita teu gado na herva do teu prado.
De pequeno verás que boi terás.
De rabo de porco, nunca bom virote.
Deixa o boi mijar, e farta-o de arar.
Discreto como os bois de João Affonso, que fogem da relva para a relva.
Do curral alheio, nunca bom cordeiro.
D'onde sahiu a cabra, entre o cordeiro.

E

Em gado tratarás e medrarás.
Em ruim gado não ha que escolher.

F

Farto está o carneiro, quando marra com o companheiro.

G

Guarda prado, criarás gado.

M

Mais come o boi de uma lambida, que a ovelha em todo o dia.
Mal vae á córte, onde o boi velho não tosse.
Mette o touro no laço, que asinha vem o prazo.

N

Não ha boi cansado, nem cantor bem medrado.

O

O boi bravo, mudando a terra, é mudado.
O boi bravo, na terra alheia se faz manso.
O boi da tua vacca, o moço da tua braga.
O boi e o leitão, em Janeiro criam rinhão.
O ruim boi, folgado, se descorna.
Ovelha farta, do rabo se espanta.
Ovelha cornuda, vacca barriguda, não a troques por nenhuma.

P

Pelle de ovelha, tem a barba tesa.
Perdido é o gado onde não ha cão, que ladre.

Q

Quem cabra ha, bem pagará.
Quem tem cabra, esse a mamma.

T

Tantos morrem de carneiros como de cordeiros.

GALLINHA

A

A gallinha, aparta-lhe o ninho, e pôr-te-há o ovo.
Aldeã é a gallinha, e come-a o de Coimbra.
A velha gallinha, faz gorda a cozinha.

B

Boa é a gallinha, que outrem cria.

C

Cacarejar, e não pôr ovo.

D

Da gallinha, a preta; da pata, a parda; da mulher, a sarda.
De gallinhas e más fadas, cedo se enchem as casas.
Deu-me Deus um ovo, e esse goro.
D'isso nos podeis despedir, como a gallinha dos dentes.
Doze gallinhas e um gallo comem tanto como um cavallo.

E

Em casa de Gonçalo, mais pode a gallinha que o gallo.

F

Folgar, gallinhas, que o gallo é em vindimas.
Folgar, gallinhas, que morto é o gallo.
Furtar, gallinha, apregoar rodilha.

G

Gallinlia não põe do gallo, senão do papo.
Gallinha não nasce, que não esgaravate.
Gallinha, que em casa fica, sempre pica.
Grão e grão enche a gallinha o papo.

M

Melhor é a gallinha da minha vizinha que a minha.
Muito póde o gallo em seu poleiro.

N

Não ha gallinha gorda, de pouco dinheiro.

O

Onde as gallinhas tem os ovos, lá se lhes vão os olhos.

P

Pintão de Janeiro vae com sua mãe ao poleiro.

R

Rainha é a gallinha, que põe ovos na vindima.

V

Vem o Demo de fóra, enxota as gallinhas de casa.
Viva a gallinha, viva com sua pevide.

GUERRA E PAZ

A

Acometter, para vencer.
Acometta quem quisér, que o forte espera.
A guerra e a ceia, começando, se ateia.

B

Boa guerra faz boa paz.

C

Caça, guerra e amores, por um prazer muitas dores.
Capitão tomado não é louvado.
Cuidar muitas, fazer uma.

D

Dedo de espada e palmo de lança, é gran vantagem.
De uma faisca se queima uma villa.
Deus desavenha quem nos mantenha.
Despreza teu inimigo, serás logo vencido.
De quem medo hão, logo lh'o seu dão.
Dinheiro faz batalha e não braço longo.
Dobrado tem o perigo, quem foge ao inimigo.

E

Em ruim villa, briga cada dia.
Entre guerra e paz, quem mal sae, mal jaz.

F

Finge arruido por melhor partido.

G

Guardado é o que Deus guarda.
Guerra de S. João, paz de todo o anno.

H

Hajamos paz, morreremos velhos.

I

Inda que João Vaz tem besta, não deixam de lhe dar na cabeça.
Ir á guerra, nem caçar, não se deve aconselhar.

J

Juiz de guerra, o fim d'ella.

M

Mais apaga boa palavra que caldeira de agua.
Melhor é volta que revolta.
Muitos morrem na guerra, mas mais vão a ella.

N

Não ha paz entre a gente, nem entre as tripas do ventre.
Não é bom fugir em sóccos.
Não é tão bravo o leão como o pintam.
Não se ganhou Çamora em uma hora.
Não vive mais o leal que quanto quer o traidor.
Não tardo mais em armar-me que emquanto a briga se acabe.
Não te mettas em contenda, não te quebrarão a cabeça.
Ninguem é fiel a quem soe temer.
Nem todos os que vão á guerra são soldados.
Nunca um lobo matou outro.

O

O ameaçador faz perder o lugar da vingança.
O bom soldado, tira-o do arado.
Onde fôres tarde, não te mostres covarde.
Onde não ha morte, não ha má sorte.
O prudente tudo ha de provar, antes de armas tomar.
O temor sempre suspeita peor.
Ou para homem, ou para cão, leva tua espada na mão.

P

Para um traidor, dois aleivosos.
Paz de cajado, guerra é.
Pelejam os touros mal pelos ramos.
Pequeno machado parte grande carvalho.
Por teu Rei pelejaste, tua casa guardaste.
Por um cravo se perde um cavallo, por um cavallo um cavalleiro, por um cavalleiro um exercito.
Por souto não irás trás outro.
Pressa mette lebre a caminho.

Q

Quaes palavras te dizem, tal coração te fazem.
Quando o corsario promette missas e cêra, por mal anda o galeão.
Quem inimigo poupa, ás suas mãos morre.
Quem acorda cão dormindo, vende a paz e compra ruido.
Quem ameaça, sua ira gasta.
Quem ameaça, uma tem e outra guarda.
Quem ameaça e não dá, medo ha.

Quem do que lhe doe não der, não haverá o que quiser.
Quem falasse e não brigasse.
Quem não vae á guerra, não morre nella.
Quem pouco sabe, pouco teme.
Quem pés não tem, coices promette.
Quem se cala e pedras apanha, tempo vem que as derrama.
Quem se guardou, não errou.
Quem sempre olha o derradeiro, nunca commette bom feito.

R

Recontros muitos, mas a batalha escusada.

S

Saem captivos, quando são vivos.
Sáram cutiladas, e não más palavras.

T

Tripa cheia, nem foge nem peleja.
Tambem os ameaçados comem pão.

U

Um aggravo consentido, outro vindo.

V

Veste-te em guerra, e arma-te em paz.

HOMEM

A

A espinha, quando nasce, leva o pico deante.
A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saúda.
A homem aventureiro, a filha lhe nasce primeiro.
Anda o homem a trote, por ganhar capote.
Ande eu quente, ria-se a gente.
Antes de mil annos, todos seremos brancos.
Antes torto que cego de todo.
Ao bebedor não lhe falta vinho, nem á fiandeira linho.
Ao bom varão, terras alheias sua patria são.
Ao homem maior, dá-lhe honra.
Ao homem de esforço, a fortuna lhe põe o hombro.
A homem pobre, ninguem o acommetta.
A homem farto, as cerejas lhe amargam.
As tripas pelejam no ventre.
Aonde te conhecem, honra te fazem.
Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão.
Ao villão dá-lhe o dedo, tomar-te-ha a mão.
A panella em soar, e o homem em falar.
A pae guardador, filho gastador.
A sua casa traz o homem com que chore.

B

Barba de três côres, barba de traidores.
Bem vae ao romeiro, se lhe esquece o bordão.
Bento é o varão, que por si se castiga e por outrem não.

C

Capello sobre capello, nunca o veste o mau mancebo.
Corpo bem feito não há mistér capa.

D

Dá-lhe officio ao villão, conhece-lo hás.
De barba a barba, honra se cata.
Debaixo de má capa jaz bom bebedor.
Debaixo do saial ha al.
Deita-se homem pelo chão, por ganhar gabão.
De onde és, homem? De onde é minha mulher.

E

Enfeitae o cepo, parecerá mancebo.

F

Falso por natura, cabello negro e barba ruiva.

G

Guarte de mau vizinho e de homem mesquinho.

H

Homem grande, besta de pau.
Homem sem abrigo, pássaro sem ninho.
Homem atrevido dura como vaso de vidro.
Homem apercebido, meio combatido.
Homem de boa lei, tem palavra como Rei.
Homem do teu officio, teu inimigo.
Homem apaixonado não admitte conselho.

Homem astroso, barba até o olho.
Homem farto não é comedor.
Homem, que fala como mulher, livre-me Deus d'elle.
Homem nescio dá ás vezes bom conselho.
Homem honrado, no civel demanda e no crime é demandado.
Homem assignalado, ou muito bom ou muito bravo.
Homem pobre, com pouco se alegra.
Homem pobre, taça de prata caldeira de cobre.
Homem pobre, depois de comer ha fome.
Homem necessitado, cada anno apedrejado.
Homem folgazão, no trabalho somnorento.
Homem põe, e Deus dispõe.
Homem magro e não de fome, guarte d'elle como de outro homem.
Homem veloso, ou valente ou luxurioso.
Homem, que madruga, de algo tem cura.
Homem provido não vive mesquinho.
Homem honrado, antes morto que injuriado.
Homem morto não ganha soldo.
Homem vergonhoso, o Demo o trouxe ao Paço.
Homem sem proveito é o mel no dedo.

I

Inda que somos negros, gente somos e alma temos.
Inda que somos da Beira, não nos lançam da Igreja.

L

Lagrimas de herdeiros, risos secretos.

M

Muito vae de Pedro a Pedro.
Mais vale só que mal acompanhado.
Melhor é mau mancebo que feixe de lenha.
Menino e moço, antes manso que formoso.
Moço de quinze anos tem papo, e não tem mãos.
Moço bem creado, nem de seu fala, nem preguntado cala.
Mocidade ociosa não faz velhice contente.

N

Na casa de quem joga, alegria pouca mora.
Na face e nos olhos, se lê a lettra do coração.
Não ha prazer, que não enfade, e mais, se se houver debalde.
Não ha cego, que se veja, nem torto, que se conheça.
Não ha peor surdo que o que não quer ouvir.
Não é boa a fala, que todos não entendem.
Não erra quem aos seus semelha.
Não é villão o da villa, senão o que faz villania.
Não fales como doente, nem mores entre vil gente.
Não fales sem ser preguntado, e serás estimado.
Não são todos os homens, os que mijam á parede.
Não vem tanto á alma quanto passa.
Não vejas por extremo, nem chores dos alheios.
Na terra dos cegos, o torto é Rei.
Nem ruim lettrado, nem ruim fidalgo, nem ruim galgo.
Nem moça boa na praça, nem homem rico por caça.
Nas unhas e nos pés, semelharás d'onde vens.

O

O bom homem goza o fructo.
O bom, por si se gaba.
O bom soffre, que o mau não pode.
O grande, junto ao pequeno, fica maior; e o bom, junto do mau, fica melhor.
O homem occupado não cuida coisas, mas nem as faz.
O homem na praça, e a mulher em casa.
O homem ande contento, e a mulher não lhe toque o vento.
O homem é fogo, e a mulher estopa; vem o Diabo, assopra.
Olhos verdes, em poucos os veredes.
O mais ruim do logar, porfia mais por falar.
O moço de bom juizo, quando velho, é adivinho.
Os homens se encontram, e não os montes.
O homem queremos vêr, que os vestidos são de lã.

P

Pica-me, Pedro, picar-te-hei.
Perde-se o velho por não poder, e o moço por não saber.

Q

Quando o velho se não ouve, ou entre nescios, ou em açougue.
Queixadas sem barbas não merecem ser honradas.
Quem antes nasce, antes pasce.
Quem de trinta não póde e de quarenta não sabe e de cincoenta não tem, não pode, nem sabe, nem tem.

Quem muito pede e muito bebe, a si damna e a outro féde.
Quem muito fala e pouco entende, por ruim se vende.
Quem não faz mais que outro, não vale mais que outro.
Quem quiser ser muito tempo velho, comece-o a ser cedo.
Quem signal tem sobre os dentes, é honra de seus parentes.

S

Sahi-me ao sol, disse mal e ouvi peor.
Sae a acha ao madeiro.
Sanha de villão, pêrda de sua casa.
Se o grande fosse valente e o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria eguak

T

Todos somos filhos de Adão e Eva, só a vida nos differença.
Três coisas fazem mudar a natureza do homem: a mulher, o estudo e o vinho.

V

Velho, que não adivinha, não vale uma sardinha.
Velhice é mal desejado.
Virtudes vencem signaes.

HONRA

E

Em linhagens longas, Alcaides e pregoeiros.
Em longa geração ha Conde e ha ladrão.

F

Faze por ter, vir-te-hão vêr.
Fidalgo, antes rôto que remendado.

H

Honra, que em baixo amigo se procura, pouco dura.
Honra e proveito não cabem em um sacco.
Honra o bom, porque te honre, e ao mau, porque te não deshonre.
Honra é dos amos o que se faz aos creados.
Honra sem honra é Alcaide de Aldeia e padrinho de bôda.

M

Mais honra a alma que a barba.
Mais vale merecer honra e não a ter, que, tendo-a, não a merecer.

N

Na casa do Rei, todo o logar é honrado.
Não ha geração sem rameira ou ladrão.
Não ha homem sem nome, nem nome sem sobrenome.

Não serás abastado, se primeiro não fôres honrado.
Nem rio sem vau, nem geração sem mau.

O

O escudeiro deita-se tarde, levanta-se cedo.
Officio de conselho, honra sem proveito.
O fidalgo e o galgo e o taleigo do sal, junto do fogo os hão-de achar.
O filho do bom passa o mau e passa o bom.
Onde não ha honra, não ha deshonra.
Onde te abrem, honra te fazem.
Os que se conhecem, de longe se saúdam.

P

Por temor, não percas honor.

Q

Quem com seus avós se honra, comsigo traz deshonra.
Quem pobreza tem, dos parentes é desdem.
Quem se não conhece, vivendo se desfallece.
Quem seu rabo corta, por detrás se descobre.
Quem sua geração gaba, coisa alheia louva.

S

Senta-te em teu logar, não te farão levantar.

V

Vem teu imigo humilhado, guarte d'elle como do Diabo.
Viu-se o Demo em soccos, e quer pisar os outros.

IGNORANCIA

A

Agora lhe lembra a morte de João Grande.
Agradecei-m'o, vizinhos, que quero bem a meus filhos.
Alcaide busca-me aqui alguem.
Andava na égua, e preguntava por ella.
Ao coelho ido, conselho vindo.
Aonde is? A Evoramonte fazer barris.
Apanhador de cinza, derramador de farinha.
Arroupa-te, que suas.
Arranhado, quem te arranhou? Outro arranhado como eu.
Assim se faz do escudeiro rapaz.
Assás é de pouco saber, quem se mata pelo que não póde haver.
Assim anda o Demo ás avessas, e o carro deante dos bois.

B

Bem perdido é, quem trás o perdido anda.
Boa conta, má conta, tudo é conta.
Bèsteiro mau, aos seus atira.
Bèsteiro torto, atira aos pés e dá no rosto.
Boa mesa, mau testamento.
Brasa deita no seu, quem se honra com erro alheio.

C

Cantar mal e aporfiar.
Com favor não te conhecerás; sem elle, não te conhecerão.

Compras, cadeia e o dinheiro está na moeda.
Conhecerás a loucura em cantar e jogar e correr a mulla.
Cuspo para o ceu, cae-me no rosto.
Cuidar não é saber.
Cuida-lo bem e fáze-lo mal.
Cuida na pêga, se é branca, se preta.

D

Doidos e porfiados, fazem grandes sobrados.
De doido, pedrada ou má palavra.

E

Eis-me aqui, meu dono, com o espêto ao pescoço.
Erro é egual: não sabendo, responder, e, sabendo, preguntar.
Eramos trinta, pariu nossa avó.
Espada na mão do sandeu, perigo de quem lh'a deu.
Estaes na aldeia, não vêdes as casas.
E' dourado, avisado e formoso como as trempes.

F

Falo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos.
Falar sem cuidar, é tirar sem apontar.
Fui para me benzer, e quebrei o olho.

M

Mais vale nescio que porfiado.
Mudança de tempos, bordão de nescios.
Muito trigo tem meu pae em um cantaro.

Muito pede o sandeu, mas mais é quem lhe dá o seu.
Muito falar, muito errar.

N

Não é muito que percas teu direito, não sabendo fazer teu effeito.
Não hajas mêdo, que preso vae pelo pello.
No riso é o doido conhecido.

O

O ignorante e a candeia, a uns queima e a outros alumeia.
O ignorante a todos reprehende, e fala mais do que menos entende.
O doido faz doidos, damna a muitos e ensina a poucos.
Ora ha um anno mordeu o sapo, e agora me inchou o papo.

P

Pois tudo sabeis, e eu não sei nada, dizei-me o que esta manhã sonhava.

Q

Queimada a casa, acóde com agua.
Quem crê de ligeiro, agua recolhe no seio.
Quem cedo determina, cedo se arrepende.
Quem escuta, de si ouve.
Quem depressa foi, depressa tornou.
Quem em pedra duas vezes tropeça, não é muito quebrar a cabeça.

Quem más fadas não acha, das boas se enfada.
Quem mal cospe, duas vezes se alimpa.
Quem dorme muito, pouco aprende.
Quem não se escarmenta de uma vez, não se escarmenta de três.
Quem no jogo faz um erro, fará cento.
Quem pouco sabe, asinha o reza.
Quem por fresta espreita, seus males aventa.
Quem se anoja na boda, perde-a toda.
Quem só se aconselha, só se depenna.

R

Recebido o damno, tapa o buraco.

S

Somos Gallegos, e não nos entendemos.
Só me aconselhei, só me chorei.

T

Tão grande é o erro, como o que erra.
Tal grado haja, quem o asno penteia.
Tolo é Affonso, mas não de todo.

U

Um doido fará cento.

V

Vi um homem, que viu outro homem, que viu o mar.

*

IGREJA

A

A muita cera queima a igreja.
As migalhas do frade, muitas vezes sabem bem.

B

Bem jejua, quem mal come.
Bem está S. Pedro em Roma.

C

Clerigo, que foi frade, nem por amigo nem por compadre.
Com o olho e com a Fé, não zombarei.
Como canta o Abbade, assim responde o sacristão.
Corpo de Deus de Lisboa, Santo Espirito de Alemquer, Ladainhas de Coimbra, Trindade de Evora, Ressurreição de Beja, Ramos de Alhos Vedros.

D

Deixar fazer a Deus, que é Santo velho.
De Deus vem o bem, e das abelhas o mel.
Deus contente, mas não sempre.
Deus é o que sára, e o mestre leva a prata.
Deus te dê saude e gozo e casa com quintal e poço.
Deus te guarde de perda e de damno e de homem denodado.

Deus não se queixa, mas o seu não deixa.
Deus me dê contenda com quem me entenda.
Deus não come, nem bebe; mas julga o que entende.
Deus te mate filho, e o povo a meu inimigo.
Deus deante, o mar é chão.
Deus te dê bem, e casa em que o tenhas.
Deus paga a quem em maus passos anda.
Deus te dê ovelhas, e filhos para ellas.
Deus não fia toucas, que tira a umas e dá a outras.

U

Um dia de jejum, três dias maus para o pão.

J

Jejuae, Gallego, que não ha pão cozido.
Jejuar o dia, guardar a vespera.

L

Lá vem Agosto com os seus Santos ao pescoço.

M

Mais velha é a igreja, e vão a ella.
Medo ha paio, pois reza.
Missa nem cevada, não estorva jornada.

N

Não ha santidade sem candeia.
Nem tanto Amen, que se damna a Missa.

O

Ouvir Missa não gasta tempo, dar esmola não empobrece.

Q

Quem bem ora, por si ora.
Quem melhor oração sabe, reze-a.
Quem não tem officio, não tem beneficio.
Quem pede para a candeia, nunca se deita sem ceia.

R

Rogar ao Santo, até passar o barranco.
Ruim é a festa, que não tem oitavas.

T

Telha de igreja sempre gotteja.

INGRATIDÃO

C

Cria o corvo, tirar-te-há o olho.

D

Da matta sae quem a queima.
De mim sahiu quem me feriu.

M

Mal haja o ventre, que do pão comido se esquece.

O

O rio passado, o Santo não lembrado.

P

Por bem fazer, mal haver.
Por mais servir, menos valer.

Q

Quanto se faz ao villão, tudo é maldição.
Quem faz bem ao astroso, não perde parte, senão todo.

INVEJA

A

A cabra de minha vizinha mais leite dá que a minha.
Ao invejoso, emagrece-lhe o rosto e incha-lhe o olho.

D

Donos dão, e servos choram.

I

Inveja traz o pião á limpeza, e o nobre a mais nobreza.

N

Nem o invejoso medrou, nem quem a par d'elle morou.

P

Pouco se estima o que tem cada vizinha.

S

Se a inveja fosse tinha, que pez lhe bastaria.
Se estiveres subido, não te desejes vêr cahido.

JUSTIÇA

A

A juiz fraco, estomental-o.
A justiça a todos guarda, mas ninguem a quer em sua casa.
A juiz ladrão, com os pés na mão.
Alcaide do campo, ou coxo ou manco.
Alcaide em andar, moinho em moer, ganham de comer.
Alcaide sem alma, ladrões á praça.
A mãos lavadas, Deus lhes dá que comam.
Antes quebrar que dobrar.
Ao que erra, perdôa-lhe uma vez e não três.
A quem bem nega, nunca se lhe prova.
Arrenego da terra, onde o ladrão leva o juiz á cadeia.
Arde o verde pelo sêcco, e pagam justos por peccadores.

B

Bem parece o ladrão na forca.

C

Com os grandes ladrões enforcam os menores.

J

Juiz de aldeia, um anno manda, outro na cadeia.
Juiz de aldeia, quem o deseja, o seja.
Juiz piedoso faz o povo cruel.

M

Mau caminho leva o juiz, quando vae para a forca.
Mais vale ás vezes favor que justiça nem razão.
Mais são os casos que as leis.
Mulher de mercador, que fia; escrivão, que pregunta pelo dia; official, que vae á caça:— não há mercê que lhe Deus faça.
Minha arca cerrada, minha alma sã.

N

Ninguem faz mal, que o não venha a pagar.
No boticario está a chave do médico, e no escrivão a do feito.

O

O nosso Alcaide nunca dá passada de balde.
O Alcaide e o sol, por onde quer, entram.
Onde força não ha, direito se perde.

P

Pésa justo, e vende caro.

Q

Quem murmura, a muito se aventura.
Qual te acho, tal te julgo.
Quem anda em demanda, com o Demo anda.
Quem lei estabelece, guardá-la deve.
Quem promette, deve.
Quem faz o que quer, não faz o que deve.

R

Rogo e direito fazem o feito.

S

Seja eu meirinho e seja de um moinho.
Se queres que faça por ti, faze por mim.

LADROICE

A

A conta dos ciganos, todos furtamos.

C

Consciencia de gato de Portalegre, que ficou com o dinheiro e tornou a pelle.

D

Do contado come o lobo.
Do contado come o gato.

Do couro se tiram as correias.
Do cossairo a cossairo, não se perdem mais que os barris.

F

Fazer do ladrão fiel.
Furtar o porco, dar os pés por Deus.

J

Jogar, parede em meio, é de furtar.

L

Ladrãozinho da agulheta, depois sóbe a bariulheta.

M

Mais vale salto de matta que rogos de homens bons.
Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel.
Mostraes ourello, e fugis com o panno.
Muitos cães entram no moinho, mal pelo que acham dentro.
Murcella, que o gato leva, guardada vae.

N

Não ha ladrão sem encobridor.
Não ha cerradura, se de ouro é a gasúa.

O

O bem ganhado se perde, e o mal, seu amo e elle.

O buraco chama o ladrão.
O ladrão cuida que todos taes são.
O ladrão, da agulha ao ouro e do ouro á forca.
O que me deves, me paga, que o que te devo, não é nada.
O que rio achega, o rio leva.
Ou me darás o potro, ou te matarei a egua.

P

Pelejam os ladrões, descobrem-se os furtos.
Pelejam as comadres, descobrem-se as verdades.

Q

Quem cabritos vende, e cabras não tem, de onde lhe vem?
Quem engana ao ladrão, cem dias ganha de perdão.
Quem jogou, pediu, furtou, jogará, pedirá, furtará.
Quem não tem calças em Inverno, não fies d'elle teu dinheiro.
Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.
Quem o alheio veste, na praça o despe.
Quem se empenna, sem ter penna, depois se depenna.
Quem troca odre por odre, algum d'elles é podre.
Quem uma vez furta, fiel nunca.
Queres fazer do ladrão fiel, fia-te nelle.

S

Seja tua a figueira, esteja eu á beira.
Sempre o alheio suspira por seu dono.

T

Tornará como o Maio de Lagos.

LIBERALIDADE E ESCASSEZA

A

Abre tua bolsa, abrirei a minha bocca.
Ao bom darás, e do mau te afastarás.
Até prometter, ser escasso.
A quem has-de dar de cear, não te dôa dar-lhe de merendar.
A quem dão, não escornam.
A quem dão, não escolhe.
As graças perde quem se detêm no que promette.

B

Bilha de leite por bilha de azeite.

C

Cansa quem dá, e não cansa quem toma.
Cale o que deu, e fale o que recebeu.
Comprar caro, não é franqueza.

D

Dar é honra, e pedir deshonra.
Do pouco pouco, e do muito nada.

E

Em tempo e logar, o perder é ganhar.

F

Far-te-hei vêr as estrellas ao meio dia.
Faze bem ao bom varão, valerás galardão.
Faze bem, não cates a quem.

L

Lá vás emprestado, d'onde venhas melhorado.

M

Mais dá o crú que o nú.
Mais vale um toma que dois te darei.
Melhor é dar a ruins que pedir a bons.

O

O liberal busca occasião para dar.

P

Por dar esmola, nunca falta a bolsa.

Q

Quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre.
Quem dá logo, dá duas vezes.
Quem dá e sempre não dá, tanto perde quanto dá.
Quem dá, bem vende, se não é ruim quem recebe.
Quem do que lhe doe não dér, não haverá o que quiser.
Quem nega e depois faz, quer paz.
Quem o gosta, o louva; e quem o não gosta, o mofa.
Quem sabe dar, sabe tomar.

Quem só come seu gallo, só sella seu cavallo.
Quem tudo dá, tudo nega.
Quem unta, amolenta.
Quem faz o bem e não faz o bonete, quanto faz, tanto perde.

R

Ri se o Diabo, quando o faminto dá ao farto.

S

Sempre promette em dúvida, pois ao dar ninguem te ajuda.
Se te dá o pobre, é para que mais te tome.

U

Uma figa ha em Roma, para quem lhe dão e não toma.
Uma vez no anno, essa com damno.

MALDADE

A

A carro entornado, todos dão de mão.
A cão mordido, todos o mordem.
A coisa mal feita, rogo ou peita.
A Cruz nos peitos, e o Diabo nos feitos.
A duas palavras, três porradas.
A dois ruins e dois tições, nunca bem os compões.
A escudeiro mesquinho, rapaz adivinho.

A gastador nunca falta que gastar, nem ao jogador que jogar.
Ahi te doe, ahi te darei.
A um engano, outro engano.
A mentira sempre é vencida.
A mentira não tem pés.
A mancebo mau, com pão e com pau.
A Mouro morto, gran lançada.
Antes cegues que mal vejas.
Ao que faz mal, nunca lhe faltam achaques.
Ao mentiroso não vale verdade falar.
Ao ruim, quanto lhe mais rogam, mais se estende.
A palha no olho alheio, e não a trave no nosso.
Aquelle não faz pouco, que seu mal deita a outro.
A quem o Demo toma uma vez, sempre lhe fica um geito.
A quem mal vive, o medo o segue.
A tu por tu, como em taverna.

B

Bem sabe o Demo, cujo frangalho rompe.
Bem sabe a espinha onde finca.
Bem sabe o gato, cujas barbas lambe.
Bem sabe o fogo, cuja casa queima.
Beija o homem a mão, que quisera ver cortada.
Bèsteiro, que mal atira, prestes a mentira.
Bocca, que errou, não merece pena, nem que pão lhe falte.
Bocca de mel, mãos de fel.
Bom amigo era o gato, se não arranhasse.

C

Cão de palheiro nem come, nem deixa comer.
Comadres e vizinhas, às revezes hão farinhas.

Como te fizer teu compadre, assim lhe faze.
Companhia de dois, companhia de bons.
Companhia de três é má rez.
Contas na mão, e o olho ladrão.
Cuida o mentiroso que tal é o outro.

D

Dadiva ruim, a seu dono parece.
Debaixo de boa palavra, ahi está o engano.
Debaixo de bom saio está o homem mau.
De ruim a ruim, pouca é a melhoria.
De ruim a ruim, quem acommette, vence.
Dês que maus chorei, cada dia me cresce porque.
De taes romarias, taes perdões.
De tal gente, tal semente.
Do sangue misturado e de moço refalsado, me livre Deus.
Diz a caldeira á certã: tirte lá, não me luxes.
Dobrada é a maldade feita com côr de verdade.
Do fogo te guardarás, e do mau homem não poderás.
Do mal, que fizeres, não tenhas testigo, ainda que seja teu amigo.

E

Em melhor panno ha maior engano.
Eu como tu, e tu como eu, o Diabo te me deu.

F

Faze mal, espera outro tal.
Fazer uma e rogar a Deus por outra.
Feita a lei, cuidada a malicia.

Feitos te farei, que ao coração te cheguem.
Feitos de villão, tirar pedra e esconder a mão.

G

Gente ruim não ha mistér chocalho.

M

Mal alheio pésa como um cabello.
Mais custa mal fazer que bem fazer.
Mais vale vergonha na cara que magua no coração.
Mal por mal, não se deve dar.
Medo haverei, mas bom nunca o serei.
Mette o ruim em teu palheiro, quererá ser teu herdeiro.
Mette a mão em o teu seio, não dirás do fado alheio.

N

Na aldeia, que não é boa, mais mal ha que soa.
Não ha manjar, que não enfastie; nem vicio, que não enfade.
Não jogo aos dados, mas faço outros peores baratos.

O

Olho mau, a quem viu, pegou malicia.
O mau ao bom anoja, que ao mau não ousa.
O mal, que de tua bocca sahe, em teu seio cae.
O mau vizinho vê o que entra, mas não o que sae.
O mau sempre cuida com enganos.

O pello muda a raposa, mas o natural não despoja.
O que vive mal, pouco vive.

P

Pelos maus perdem os bons.
Por teu coração julgas o de teu irmão.
Prêso por mil, prêso por mil e quinhentos.

Q

Quebrarei a mim um olho, por quebrar a ti outro.
Quem como Demo anda, com elle acaba.
Quem como Demo cava a vinha, com o Demo a vindima.
Quem Demos compra, Demos vende.
Quem diz mal do seu, mal calará o alheio.
Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
Quem está no lodo, quer metter o outro.
Quem faz a burla, faça a escapulla.
Quem faz mal, espere outro tal.
Quem laço me armou, nelle cahiu.
Quem má a faz, nella jaz.
Quem más manhas ha, tarde ou nunca as perderá.
Quem de mel se faz, as moscas o comem.
Quem em casa da mãe não atura, na da madrasta não espere ventura.
Quem não tem mesura, toda a villa é sua.
Quem pedra para cima deita, cae-lhe na cabeça.
Quem ruim é em sua terra, ruim é fóra d'ella.
Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

R

Ruim seja quem por ruim se tem.

*

S

Saltou a cabra na vinha, tambem saltará sua filha.

U

Um ruim se nos vae da porta, outro vem, que nos consola.
Um tinhoso queria que todos o fossem.

MEDICINA

A

A dôr de cabeça minha, e as vaccas nossas.
A bocca do fraco, esporada de vinho.
A bom comer ou mau comer, três vezes beber.
A bom boccado, grande.
A cabeça, com comer endireita.
A castanha e o besugo, em Fevereiro não tem summo.
Agua, que deres a teu senhor, não a olhes ao sol.
Agua fria e pão quente, nunca fizeram bom ventre.
Agua ao figo, e á pera vinho.
Agua sobre mel sabe mal e não faz bem.
Agua fria sarna cria, agua roxa sarna escoxa.
Agua de serra, e sombra de pedra.
A homem comedor, nem coisa delicada nem appetite no sabor.
Ajuntam-se três para pêso de seis.
A mão no peito, e o pé no leito.

Ao Médico, ao Advogado e ao Abbade, falar verdade.
Antes que jantes, não passes de Abrantes.
Ao delicado, pouco mal o tem atado.
Ao Medico, ao Confessor e ao lettrado, não os tenhas enganado.
Ao terceiro dia, maior dôr na ferida.
A pequeno mal, grande trapo.
Ao gosto damnado, o doce é amargo.
A pimenta aquenta.
A pouco dinheiro, pouca saude.
A quem em Maio come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.
A quem não traz bragas, as costuras o matam.
A quem não dávamos vida, em galochas vae á Missa.
A quem doe o dente, doe a dentuça.
Aquelle vae mais são, que anda pelo chão.
A sallada bem salgada, pouco vinagre e bem azeitada.
A serpente peçonhenta, e o mau, em um mesmo grau.
As boas novas, a todo o tempo, e as más pela manhã.
As mãos no pandeiro, e em al o pensamento.
A's nove, deita-te e dorme.
As tripas estejam cheias, que ellas levam as pernas.
A' tua mesa, nem á alheia, não te assentes com bexiga cheia.
A vida passada faz a velhice pesada.
A velhice da pimenta, engelhada e negra.
Avicena e Galeno trazem a minha casa o bem alheio.
Azeite de riba, mel do fundo, vinho do meio.
Azeite de oliva todo o mal tira.

B

Bem cego é quem muito vê por aro de peneira.
Boa é a truta, bom o salmão, bom é o savel, quando é de sesão.
Boccado de mau pão, não o comas nem o dês a teu irmão.
Bocejo longo, fome ou somno.
Borracha vasia não tira secura.

C

Caldo de nabos, nem o queiras, nem o dês a teus creados.
Cameras de Maio, saude de todo o anno.
Cama de chão, cama de cão.
Cada um sente o frio como anda vestido.
Carne, carne cria.
Capão de oito mêses, para a mesa de Reis.
Carne de penna tira do rosto a ruga.
Caldo de raposa frio, e queima.
Chaga de juntura, não t'a dê Deus por ventura.
Chagas untadas doem, mas não tanto.
Come para viver, pois não vives para comer.
Comer truta, ou jejuar.
Comer sem beber, cegar e não ver.
Comer até adoecer, curar até sarar.
Come, menino, crear-te-hás; come, velho, viverás.
Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente.
Come, que a hora de comer é a da fome.
Comer verdura, e deitar má ventura.
Com ouro ou prata, bisnaga ou nada.
Como te fizeste calvo? Pello pellando.
Com o que sára o figado, enferma o baço.
Coxo e não de espinha, calvo e não de tinha.

Cego e não de nuvem, todo o mal encubre.
Come com elle, e guarte d'elle.

D

De pescada, a rabada.
De caldo requentado, e de vento de buraco, guardar d'elle como do Diabo.
Demandar e urinar, levam o homem ao hospital.
Depois de peixe, mau é o leite.
De pequena candeia, grande fogueira.
Depois de escalavrado, untar o casco.
Destes e dos ungidos, escapam poucos.
Dia de purga, dia de amargura.
Dia de tosquia, dia de sangria.
Desejo de doente, visita de barbeiro, serviço de mulher.
D'essa mèzinha, ponde vós nessa tinha.
Dia de barba, semana de porco, anno de casado.
Disse o leite ao vinho: venhas embora, amigo.
Do capão a perna, da gallinha a titella.
Do peixe a pescada, e da carne a perdiz.
Doença de tordo, rosto magro, corpo gordo.
Dôr de cotovello e dôr de marido, ainda que dôa, logo é esquecido.
Dôr de parente, dôr de dente.
Dos feridos se fazem os mestres.
Dos cheiros o pão, e do sabor o sal.
Donde vás, mal? Onde ha mais mal.

E

Embora vás mal, onde te põe bom cabeçal.
Em Dezembro, lenha e dorme.
Em Janeiro, sete capellos e um sombreiro.
Em Janeiro, um pouco ao sol e outro ao fumeiro.

Em pequena hora, Deus melhora.
Em paço escuro não entra alegria.
Emquanto têm saude, quêdos estão os Santos.
Em tempo nevado, o olho vale um cavallo.
Enguia em empada, lampreia em escabeche.
Estando alegre, não leias carta logo; porque não nasça cuidado novo.

F

Faze da noite noite, e do dia dia, viverás com alegria.
Favas das mais caras, cerejas das mais baratas.
Febres outomnaes, ou muito longas ou mortaes.
Fome de rio, sêde de matto.

G

Gran prazer não escusa comer.

H

Herva crua, deitá-la na rua.

J

Jantar tarde e cear cedo, tiram a merenda de permeio.

L

Lá vae a lingua onde o dente grita.
Lá vae a lingua onde doe a gengiva.
Lá vae o mal onde comem o ovo sem sal.
Leite sem pão até a porta vae.

M

Mais matou a ceia que sarou a Avicena.
Mais vale suar que enfermar.
Mal conhecido, com seu dono morre.
Mal sobre mal, pedra por cabeçal.
Mal prolongado, morte no cabo.
Mãos de mestre unguento são.
Medicos de Valença, grandes fraldas, pouca sciencia.
Melhor é dente pôdre que cova na bocca.
Melhor é ser torto que cego de todo.
Melhor é rosto vermelho que coração negro.
Mijar claro, dar uma figa ao Medico.

N

Não te enchas, não te rebentarás.
Não ha melhor Cirurgião que o bem acutilado.
Não ha mal, que o tempo não cure.
Não ha moço doente, nem velho são.
Não digas ao velho que se deite, nem ao menino que se levante.
Não é de agora o mal, que não melhora.
Não está fóra de canseira, quem os pés muda para a cabeceira.
Não vae mal á face, onde a espinha carnal nasce.
Nas más pernas nascem as frieiras.
Nem com cada mal ao Medico, nem com cada trampa ao Lettrado.
Nem comas crú, nem andes com pé nú.
Nem pernada de potro, nem rasgadura de um pé com outro.
Nem bebas agua da alagôa, nem comas mais que uma azeitona.

Não te fies em villão, nem bebas agua de charqueirão.
No tempo, que se come, não se envelhece.
Nunca lavei a cabeça, que me não sahisse tinhosa.

O

O bom vinho faz bom sangue.
O cabrito de um mês, o queijo de três.
O castigo faz ao doido ter siso.
O faminto não morre de fastio.
O homem mesquinho, depois de comer ha frio.
O leitão de um mês, o pato de três.
O leitão e o pato, do cutello ao espêto.
O leitão, com vinho torna-se menino.
O mal e o bem, á face vem.
O mal, que não tem cura, é loucura.
O mal largo, e a morte no cabo.
O mal entra ás braçadas, e sae ás pollegadas.
O mal do olho cura-se com o cotovello.
O mal alheio dá conselho.
O mel, bailando se quer.
O muito falar enrouquece, e o muito coçar escose.
O moço dormindo sára, e o velho se acaba.
O morto apodrece, e o moço cresce.
O Natal ao soalhar, e a Paschoa ao luar.
Onde sobeja a agua, a saude falta.
O pão põe força, e não outra coisa.
O que é bom para o ventre, é mau para o dente.
O gosto damnado julga o doce por agro.
Ora pela pêra, ora pela maçã, minha filha nunca é sã.
Os erros do Medico, a terra os cobre.
O são ao doente, em regra, o mette.
O temor é uma mortal dôr.

O tempo cura o enfermo, que não o unguento.
O velho e o peixe, ao sol apparecem.
O velho, que se cura, cem annos dura.
O velho a estirar, o Diabo a arrugar.
Oução de palma não o tira toda a barba.

P

Pão de hoje, carne de hontem, vinho do outro Verão, fazem o homem são.
Para mal de costado, bom é o abrolho.
Para mal, que hoje acaba, não ha remedio; o de ámanhã não basta.
Pés tortos, não ha mistér soccos.
Pode haver soffrimento na dôr, e não no temor.
Por linha vem a tinha.
Por Natal sol, e por Paschoa carvão.
Pouco mal, e bom gemido.
Pão da Ilha, arca cheia, barriga vasia.

Q

Qual cabeça, tal siso.
Quando a creatura denta, morte attenta.
Quando Deus queria, ao longe cuspia; agora, que não posso, cuspo aqui logo.
Quando os doentes bradam, os Phisicos ganham.
Quando o doente diz ai, o Phisico: doe, dai.
Quando o Medico é piedoso, é o doente perigoso.
Quando o nó se faz piolho, com mal anda o olho.
Quem se lava com vinho, torna-se menino.
Quem depressa se cura, tarde sarou.
Quebras-me a cabeça, untas-me o casco.
Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.
Quem ceia e se vae deitar, má noite ha-de passar.
Quem de doidice enfermou, nunca ou tarde sarou.

Quem em Maio não merenda, aos finados se encommenda.
Quem é amigo de vinho, inimigo é de si mesmo.
Quem em pedra poisa, em pedra se torna.
Quem em velho engorda, de boa mocidade se logra.
Quem má bocca tem, má bostella faz.
Quem mais não pode, com sua mazella morre.
Quem mal padece, mal parece.
Quem não crê na dôr, creia na côr.
Quem quiser olho são, ate a mão.
Quem se deita sem ceia, toda a noite devaneia.
Quem se não rege, muitas vezes se doe.
Quem tem vida, a agua fria lhe é mèzinha.
Quem tem doença, abra a bolsa, e tenha paciencia.
Queres vêr teu marido morto? Dá-lhe couves em Agosto.
Quem se cura com benefes, não vae á mão de mestres.

R

Resfriadas, doem mais as chagas.

S

Sangrae-o e purgae-o, e, se morrer, enterrae-o.
Saude o come, que não bocca grande.
Saude é a que joga, que não camisa nova.
Se queres ser bem disposto, bebe vinho e nanja mosto.
Se a pírola bem soubera, não se dourára por fóra.
Se não vejo pelos olhos, vejo pelos oculos.
Se não dorme meu olho, folga meu osso.

Se queres cedo engordar, come com fome, bebe devagar.
Se queres a agua limpa, tira-a da fonte viva.
Se queres que teu filho cresça, lava-lhe os pés e rapa-lhe a cabeça.
Se queres enfermar, lava a cabeça e vae-te deitar.
Se queres viver são, faze-te velho antes de tempo.
Se soubesse a mulher a virtude da arruda, busca-la-hia de noite á lua.
Se tens Phisico teu amigo, manda-o a casa de teu inimigo.
Signal mortal, não desejar sarar.
Sobre comer, dormir; sobre cear, passos dar.
Sobre pêras vinho bebas, e seja tanto que nadem ellas.
Somno de Abril, deixa-o ateu filho dormir, e o de Maio a teu cunhado.
Sob a sombra da nogueira, não te deites a dormir.

T

Tal é o rabão pela manhã como a laranja á tarde.
Tanto pão como um pollegar, torna a alma a seu logar.
Tem tento, quando te der no rosto o vento.
Tens vontade de morrer? Ceia carneiro assado, e deixa-te adormecer.
Todo o peccado é freima, e todo o jogo postema.
Touro, gallo e barbo, tudo tem sesão em Maio.

U

Uma azeitona ouro, a segunda prata, a terceira mata.
Uma sebe dura três annos, um cão três sebes, um

cavallo três cães, um homem três cavallos, um corvo três homens, um elephante três corvos.
Um ovo quer sal e fogo.
Um dia frio e outro quente, logo um homem é doente.

V

Vêde-la gorda e vermelha, pelo papo entra, que não pela orelha.
Vinho de pêras não o bebas, nem o dês a quem bem quiseras.
Vive o pastor com sua rudeza, e morre o Phisico, que a phisica reza.

MENTIRA

D

De longas vias, longas mentiras.
De farei-farei, nunca me pagarei.

E

E' falso como manta de retalhos.

F

Fala de lisonjeiro, sempre vã e sem proveito.
Fazer do ceu cebola.
Formoso e aleivoso.

J

Jurarás, jurarás, e não serás querido.
Juramento de quem ama mulher, não é para crer.

L

Lançar a pedra, esconder a mão.

M

Mais asinha se toma um mentiroso que um coxo.
Mais são as vozes que as nozes.
Menos se mentiria, se de mentir se pagasse sisa.
Mente Martha, como sobrescripto de carta.
Mente mais do que dá por amor de Deus.
Mente Pedro, porque o tem de vezo.
Mente quem dá com a lingua no dente.
Mentiras de caçadores são as maiores.
Moeda falsa, de noite passa.
Mettes os cães na moita, e arredas-te para fóra.
Muito prometter é especie de negar.

N

Não o quero, não o quero, deita-me neste capello.
Não diga a lingua por onde pague a cabeça.
Não é tudo ouro o que reluz.
Não é tudo verdadeiro o que diz o pandeiro.
Não é o Demo tão feio como o pintam.
Não é nada, que de fumo chora.
Não fio nada até àmanhã.

O

Os que falam com olhos fechados, querem ver os outros enganados.
Obra é de villão, tirar pedra, esconder a mão.
O mentir não paga sisa.
O tramposo, asinha engana ao cobiçoso.
O velho na sua terra, e o moço na alheia, sempre mentem de uma maneira.

P

Palavras de Santo, e unhas de gato.
Por muito que o engano se encobre, elle mesmo se descobre.
Pontas e collar, encobrem muito mal.
Pregôa vinho, vende vinagre.

Q

Quando o Diabo reza, enganar-te quer.
Quem a raposa ha-de enganar, cumpre-lhe madrugar.
Quem má demanda tem, a brados a mette.
Quem me não crê, verdade me não diz.
Quem mente, arrede testemunhas.
Quem me mente, não me engana.
Quem mentiu e jurou, não me enganou.
Quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome.
Quem por rodeios fala, com arte anda.
Quem se detêm em dar o que promette, claro está que se arrepende.
Quem sempre mente, vergonha não sente.
Quem te faz festa, não a soendo fazer, ou te quer enganar, ou te há mister.
Quem te honra mais do que soe, ou te quer enganar, ou ver se pode.

T

Tirar a castanha do fogo com a mão do gato.
Todo o branco não é farinha.

U

Unhas de gato, e habito de beato.

MORTE

A

A morte, não ha casa forte.
A morte, que der a ventura, essa se soffra.
A morte, com honra, desassombra.
Andar, andar, corpo a enterrar.
Aos olhos tem a morte quem no cavallo passa a ponte.

C

Casa com parida, na outra vida.
Contra a morte não ha coisa forte.

D

Depois de morto, nem vinha, nem horto.
Do mal, que homem foge, d'esse morre.
Duas mortes soffre quem por mão alheia morre.

F

Faze-te morto, deixar-te-há o touro.

H

Hoje em nossa figura, e amanhã na sepultura.

J

Já morreu por quem tangiam.

L

Longa corda tira quem por morte alheia suspira.

M

Mais fére a má palavra que espada afiada.
Mais pedir e mendigar que na forca pernear.
Mais vale arrodear que afogar.
Más fadas, carpi-las depressa.
Medo ha Paio, pois reza.
Morre o boi e a vacca, e fica o Demo em casa.
Morra Martha, morra farta.
Morto o afilhado, desfeito o compadrado.
Morra Sansão e quantos com elle são.

N

Na morte, ninguem finge, nem é pobre.
Não ha morte sem achaque.
Nem boda sem canto, nem morte sem pranto.
Nenhum dia é mau, se a morte vem a horas.

O

O fim louva a vida, e a tarde o dia.
Onde não ha morte, não ha má sorte.

O que em tua vida não fizeres, de teus herdeiros o não esperes.
Os mortos, aos vivos abrem os olhos.

Q

Quem acaba, sua cova tapa.
Quem a morte pretendia, suspeitosa deixa a vida.
Quem em carceres vive, em carceres quer morrer.
Quem mal anda, mal acaba.
Quem morte alheia espera, a sua lhe chega.

S

Se queres testamento, faze-o, estando são.

MULHER

A

A branca com frio não vale um figo.
A boa fiandeira, de S. Bartholomeu toma a véla e a mais boa da Magdalena.
A casta, a pobreza lhe faz fazer villeza.
A dama de monte, cavalleiro de Côrte.
A boa filha duas vêzes vem para casa.
A emperrada quer-se quebrada.
Ainda que vistaes a mona de seda, mona se queda.
Ainda não é nascida, já espirra.
Alguma coisa se ha de soffrer, para branquecer.
A donzella e o açor, com a espada ao sol.

*

Ama com amigo, nem a tenhas nem a dês a teu amigo.
A má irmã não te ama.
A má vizinha dá agulha sem linha.
A moça, no telhado, não anda a bom recado.
A moça em se enfeitar, e a velha em beber, gastam todo seu haver.
A moça como é creada, a estopa como é fiada.
A mulher, que muito bebe, tarde paga o que deve.
A mulher mesquinha, detrás do lar acha a espinha.
A mulher, que dá no homem, na terra do Demo morre.
A mulher é loba no escolher.
A mulher e a gallinha, com sol recolhida.
A mulher de bondade, outrem fale e ella cale.
A mulher, que te quiser, não dirá o que em ti houver.
A mulher e a seda, de noite á candeia.
A mulher, que se fia de homem jurar, o que ganha é chorar.
A mulher e o vidro, sempre estão em perigo.
A mulher e a cachorra, a que mais cala, é a mais boa.
A mulher e o vinho tiram o homem de seu juizo.
A mulher, por rica que seja, se é pedida, mais deseja.
A mulher polida, a casa suja e a porta varrida.
A mulher, que perde a vergonha, nunca a cobra.
A mulher janelleira, uvas de parreira.
A mulher boa, prata é, que muito soa.
A mulher e a lima, a mais lisa.
A mulher e o pedrado, quer-se pisado.
A mulher do escudeiro, toucas alvas, coração negro.
A mulher de outro marido e a burra com burrinho, nunca se mette a caminho.

A mulher do velho reluz como espelho.
A mulher casada não desbarba.
A mulher brava, corda larga.
A mulher de escudeiro, grande bolsa, pouco dinheiro.
A mulher de fidalgo, pouco dinheiro, grande trançado.
A mulher, que cria, não é farta nem limpa.
A mulher de bom recado, enche a casa até o telhado.
A mulher mal toucada, ou é formosa, ou mal casada.
A mulher composta, a seu marido tira de outra porta.
A mulher parida e a teia urdida, nunca lhe falta guarida.
A mulher, quanto mais olha a cara, tanto mais destroe a casa.
A mulher casada, no monte é alojada.
A mulher e a pêga fala o que dizeis na praça.
A mulher e a cereja, por seu mal se enfeita.
A mulher, que não vela, não faz grande teia.
A mulher, que pouco fia, sempre faz ruim camisa.
A mulla e a mulher, com affagos fazem os mandados.
A mulher e a vinha, o homem lhe dá alegria.
Antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que desates.
Ao Verão taverneira, e ao Inverno padeira.
Aquella é boa e honrada, que está viuva sepultada.
Aquella é bem casada, que não tem sogra nem cunhada.
A quem faz um erro, e, podendo, mais não faz, por boa a terás.
A quem tem mulher formosa, castello em fronteira, vinha na carreira, não lhe falta canseira.

As mais feias que todas, umas a outras fazem as bodas.
As mulheres, onde estão, sobejam; e, onde não estão, faltam.
A velha e a cortiça, curadas se querem.
Axa foi ao banho, teve que contar anno.
Axa não tem que comer, convida hospedes.
A mulher louvada não tem espada, e, se a tem, não mata.

B

Bem fiei, poismeu filho criei.
Bem toucada, não ha mulher feia.
Bem parece minha comadre, se não fôra aquelle «Deus vos salve.»

C

Cabellos e cantar, não fazem bom enxoval.
Com a mulher e dinheiro, não zombes, companheiro.
Comadre andeja, não vou a parte aonde a não veja.
Cresce a mulher com bom marido, como o ouro bem batido.

D

Da laranja e da mulher, o que ella der.
Dae-me mãe acautellada, dar-vos-hei filha guardada.
Dá-me pêga sem mancha, dar-te-hei mulher sem tacha.
Da mulher e da sardinha, a mais pequenina.
Da má mulher te guarda, e da boa não fies nada.
De ruim moça, um bolo basta.

Digna é de nome e fama a mulher, que não tem fama.
Dize-lhe que é formosa, e tornar-se-ha doida.
Dizem em Roma que a mulher fie e coma.
Do mar se tira o sal, e da mulher muito mal.
De onde vindes, aranha? De casa de minha cunhada.

E

Em casa de mulher rica, ella manda e ella grita.
Emquanto a grande se abaixa, a pequena varre a casa.
Essa boa e escolhida, que é seguida e não vencida.

F

Formosa é do rosto, a que é boa de seu corpo.
Formosura de mulher não faz rico ser.
Fiandeira, fiae manso, que me estorvaes, que estou rezando.
Fiandeira não ficastes, pois em Maio não fiastes.
Fiandeira preguiçosa, ao Domingo é aguçosa.
Fui a casa de minha vizinha, envergonhei-me; tornei-me á minha, e consolei-me.
Fusada miuda, a seu dono ajuda.

G

Grande bem me quer minha mulher, se da banda do punhal ha dinheiro, que lhe dar.

I

Ide, comadre, á feira, e vereis como vos vae nella.
Inda que sou tôsca, bem vejo a mosca.

J

Jurado tem as aguas, das negras não fazerem alvas.

L

Lembra-te, sogra, que foste nora.
Levantou-se a torta, e pôs-se ao espelho.
Levar má noite, e parir filha.

M

Madrasta e enteada sempre andam em baralha.
Madrasta, o nome lhe basta.
Madrinha, fazei o topete, e ullo cabello.
Mãe velha e camisa rota, não deshonra.
Mãe casae-me logo, que se me arruga o rosto.
Mãe, que coisa é casar? Filha: fiar, parir e chorar.
Mãe aguçosa, filha preguiçosa.
Mãe e filha vestem uma camisa.
Mãe e filhos, por dar e tomar, são amigos.
Mais ha na boa que ser casta.
Mais puxa moça que corda.
Mais vale velha com dinheiro que moça com cabello.
Mal pequenino, antes em mim que em meu marido.
Mão sobre mão, como mulher de escrivão.
Moça de Meijão, não dorme somno nem serão.
Moça em cabello, não m'a louves, companheiro.
Moça garrida, ou bem ganhada, ou bem perdida.
Moça é Maria, quando se tosquia.
Moça louçã, cabeça vã.
Mulher formosa, ou doida, ou presunçosa.

Mulher se queixa, mulher se doe; mulher enferma, quando ella quer.
A mulher sára e adoece, quando quer.
Mulher muito louçã, dar-se quer a vida vã.
Mulher palreira, diz de todos, e todos d'ella.
Mulher, vento e ventura, asinha se muda.
Muda a grimpa o vento, que corre, mas não muda a torre.
Mulla, que faz him, e mulher, que fala latim, raramente ha bom fim.
Mais tiram tetas que calabre de nau.

N

Não ha casa farta, onde a roca não andar.
Não é má a mulher, que faz o que deve.
Não ha formosura sem ajuda.
Não ha madre, como a que pare.
Não basta sêr boa, senão parecê-lo.
Não crieis gallinha, onde a rapôsa mora; nem creias a mulher, que chora.
Não creaes, marido, o que vêdes, senão o que vos eu digo.
Não é brava a mulher, que cabe em casa.
Não me contenta nada moça com leite, nem borracha com agua.
Não me chames bem fadada, até me veres enterrada.
Não sejaes forneira, se tendes a cabeça de manteiga.
Nem dona sem escudeiro, nem fogo sem trasfogueiro.
Nem estopa com tições, nem mulher com varões.
Nem o rouxinol de cantar, nem a mulher de falar.
Nem tão formosa, que mate; nem tão feia, que espante.

Nem moça boa na praça, nem homem rico por caça.
No andar e no beber, conhecerás a mulher.
No Inverno forneira, e no Verão taverneira.
Nadar, nadar, ir morrer á Beira.

O

O dia, que me não enfeitei, veio a minha casa quem não cuidei.

O homem na praça, e a mulher em casa.
O homem ande com tenro, e a mulher não lhe toque o vento.

P

Panella de viuva, pequena e bem cheia.
Peor é a moça de casar que de crear.
Pelo marido Rainha, e pelo marido mesquinha.
Pelo marido vassoura, e pelo marido senhora.

Q

Qual é Maria, tal filha cria.
Quando a velha tem dinheiro, não tem carne o carniceiro.
Quando entrares na villa, pregunta primeiro pela mãe que pela filha.
Quando não tenho vontade de fiar, deito o fuso a nadar.
Que fiandeira eu era, se ventura houvera!
Quem com donas anda, sempre chora e não canta.
Quem do verde se veste, por formosa se teve.
Quem não tem dinheiro, não tem graça.

Quem quiser mulher formosa, ao Sabbado a escolha, não ao Domingo na boda.
Quem senhora é em casa, senhora é pela villa chamada.
Quem tem quem o chore, cada dia morre.
Que prazer de marido, a cera acabada, e elle vivo!
Que faz Menga? Jantar para a ceia.

S

Sabbado á noite, Maria dá-me a roca.
Se a moça fôr louca, andem as mãos e cale a bocca.
Se Maria bailou, tome o que achou.
Se não fôres casta, sê cauta.
Se não olham a vela, olham o que leva.
Seus são os olhos, e meus são os doilos.
Soffrer rasgadura, por ter formosura.
Soffrer, por ser formosa.

T

Tal é o Demo, como sua mãe.
Tiraram-me o espelho por feia, e deram-no á cega.
Tive formosura, e não tive ventura.

U

Uma foi, a que não errou.

V

Vae a moça ao rio, conta o seu e o de seu vizinho.
Viuva de estrada, nem viuva, nem casada.

MULLA

A

A mulla velha, cabeçada nova.
A mulla com affago, cavallo com castigo.
A mulla com matadura, nem cevada, nem ferradura.

C

Caminho largo, ou mulla ou mullato.
Conta feita, mulla morta; cavalleiro, andae a pé.

G

Grande pé e grande orelha, signal é de grande besta.

M

Morreu o nosso macho, inda agora lhe féde o rabo.
Mullo ou mulla, asno ou burra, rocim nunca.
Mulla mofina, ou má ou fina.

N

Não compres mulla manca, cuidando que ha de sarar, nem cases com mulher má, cuidando se ha de emendar.

O

O filho bastardo e mulla, cada dia fazem uma.
O mullato sempre parece asno, quer na cabeça, quer no rabo.

Q

Que siso de alveitar, mulla morta, manda sangrar !

S

Signal é de má besta, suar detrás da orelha.

OBRAS MECHANICAS

A

A boa obra, se é pedida, já vae comprada e bem vendida.
Afanar, afanar, e nunca medrar.
A metade da obra tem feito, quem começa com tempo.

B

Barba remolhada, meio rapada.
Bom principio é a metade.

C

Çapato roto ou são, melhor é no pé que na mão.
Çapato, quanto duras, quanto me untas.
Carrega a nau traseira, andará a vella dianteira.
Começado e acabado, como camisa de enforcado.
Como sacco de carvoeiro, mão de fóra, peor de dentro.
Cose que cosas, e não que rompas.
Cutello mau corta o dedo, e não corta o pau.

D

Dá nó, não perderás ponto.
De linho mordido, nunca bom fio.
Depois de rapar, não ha que tosquiar.
De tal pedaço, tal retraço.

F

Fio e agulha, meia costura.

G

Gaba-te, cesto, que vender-te quero.

I

Inda que entres na vinha e soltes o gabão, se não trabalhares, não te darão pão.

M

Mais ha na amarra que fazê-la e furá-la.
Mal vae ao fuso, quando a barba não anda em cima.
Mão posta, ajuda é.
Muitos vão ao mercado, e cada um com seu fado.

N

Não de olhos, que choram; senão de mãos, que trabalham.
Não quebra por delgado, senão por gordo e mal fiado.
Não se fez Roma em um dia.

O

O bom panno na arca se vende.
Obra de commum, obra de nenhum.
Obra de nenhum, obra de um.
Obra começada, meio acabada.
Obra começada, não te veja sogra nem cunhada.
Obra feita dinheiro espera.
Obreiro pago, braço quebrado.

P

Pouco e pouco, fia a velha o copo.
Principio querem as coisas.

Q

Qual fiamos, tal andamos.
Quando o ferro está accendido, então ha-de ser batido.

S

Sobre negregura, não ha ahi tintura.
Sola do lombo, vira d'alli logo.

OFFICIAES MECHANICOS

A

A fome chega á porta do official, mas não póde lá entrar.
A lima lima a lima.

Alfaiate de encruzilhada, que põe as linhas de sua casa.
Alfaiate pobre, a agulha se lhe dobre.
Alfaiate mal vestido, çapateiro mal calçado.
Almocreve cavalleiro não ganha dinheiro.
A madeira para tua casa, corta-a em Janeiro.
Aprende chorando, e rirás ganhando.
Aprendiz de Portugal não sabe coser e quer cortar.
Aprende por arte, e irás por deante.
As mãos do official, envoltas em sandal.
A tesoura do caldeireiro não corta panno e corta ferro.

B

Bolineiro soía a ser, tornei-me a meu mistér.

C

Cada bufarinheiro louva seus alfinetes.
Çapateiro, porque choras? — Porque não tenho solas.
Cada um diz da feira como lhe vae nella.
Cada um faz no que sabe.

D

De bom mestre, bom discipulo.
De ferreiro a ferreiro, não passa dinheiro.
Desde que me não pagam, surdo me faço.
Discipulo com cuidado, e o mestre bem pago.

E

Em casa do tangedor, cada um é dançador.
Em casa do ferreiro, peor apeiro.

F

Far-te-hei a barba, far-me-hás o topete.

I

Isso me dá barbeiro, que odreiro tudo é tosquiar cabello.

J

Já passou o dia, que eu talhava e cosia.

N

Na barba do nescio aprendem todos a rapar.
Não deves dar mal por mal, nem creias official.
Nas barbas do homem astroso se ensina o barbeiro novo.
Nem a official novo, nem a barbeiro velho.
Nem çapateiro sem dentes, nem escudeiro sem parentes.
Nem barbeiro mudo, nem cantor surdo.
Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro.

O

O bom apparelho faz o bom official.
Obreiro em Janeiro, pão te comerá, mas obra te fará.
Official, que vae á caça, não ha mercê que Deus lhe faça.
O officio de mãos, não apartam irmãos.
O ferreiro com barbas, e as lettras com babas.
Officio alheio custa dinheiro.
Official tem officio e cabebal.

O officio de albardeiro mette palha, e tira dinheiro.
O ferreiro e seu dinheiro, tudo é negro.
O moço official faça o que lhe mandam, e não fará mal.
O official tem officio e al.
O ruim barbeiro não deixa coiro nem cabello.

P

Pedra sobre pedra, ás vezes chega.
Pelo mal do ferreiro matam o carpinteiro.

Q

Quando cae a vacca, aguçar os cutellos.
Quando o carpinteiro tem madeira que lavrar, e a mulher pão que amassar, não lhe falta pão que comer, e lenha que queimar.
Quem é teu inimigo? O official de teu officio.
Quem faz um cesto, fará cento.
Quem não trabalha, não mantêm casa farta.

R

Ruim é o officio, que não dá de comer a seu dono.
Ruim tesoura faz a meu marido boquitorto.

S

Se estiveres em tua tenda, não te acharão na contenda.
Se queres ser polido, traze agulha e mais fio.
Soffre por saber, e trabalha por ter.

T

Talhae passo, que ha ahi pouco panno.
Tornae-vos a vosso mistér, que çapateiro só heis-de ser.

U

Usa, serás mestre.

V

Vão á Missa os çapateiros, rogam a Deus que morram os carniceiros.

PESCADO

A

A pescada de Janeiro vale carneiro.

C

Com uma sardinha comprar uma truta.

N

Não se tomam trutas, ás bragas enxutas.

P

Pela bocca morre o peixe, e a lebre ao dente.
Peixe de Maio, quem t'o pedir dá-lh'o.
Por S. Marcos, bogas a saccos.

Q

Quam grande o peixe, tam grande o sabor.
Quem pesca um peixe, pescador é.
Quem quer pescar, ha-de se molhar.

S

Sáveis, por S. Marcos, enchem os barcos.
Sáveis de Maio, maleitas de todo o anno.

POBREZA

A

A adem, a mulher e a cabra, é má coisa, sendo magra.
A boa fome não ha mau pão.
A Quaresma e a cadeia, para pobres é feita.
Alvoradas á villa, que beringellas ha no açougue.
A necessidade não tem lei, mas a da fome sobre todas pode.
Ao pobre não promettas, e ao rico não falleças.
Ao pobre e ao nogal, todos lhe fazem mal.
Ao pobre, não é proveitoso acompanhar com o poderoso.
A pouco dinheiro, pouca saude.
A pobreza não é vergonha.
Aquella ha-de chorar, que teve bem e veio a mal.
Aquelle perde venda, que não tem que venda.
Aquelle te deu, e o outro te dará, mal haja quem de seu não ha.
A quem não tem nada, nada o espanta.

A quem não sobeje pão, não crie cão.
Assás é pobre e delgado quem conta seu gado.
A vergonha, no pobre, fá-lo mais pobre.

D

De casa do gato, não vae o rato farto.
Dá-m'o pobre, dar-t'o-hei aborrecido.
Detrás da porta do pobre, toda a villeza se esconde.

E

Em desterro, dá a pobreza mais tormento.
Esse louva o nú, que não tem nenhum.

F

Fome e frio, mette a pessoa com seu inimigo.

N

Na casa do homem pobre, todos pelejam, e não sabem de quê, e é porque não têm que comer.
Na boda dos pobres, tudo são vozes.
Não arrendes ao coitado rendas nem cavallo.
Não ha melhor mestra que a necessidade e pobreza.
Não ha mal tão lastimeiro, como não ter dinheiro.
Não contes tua pobreza a quem te não ha-de dar de sua fazenda.
Não é pobre senão o que se tem por pobre.
Não é pobre o que tem pouco, senão o que cobiça muito.
Não te faças pobre a quem te não ha de fazer rico.

Não tem sal, nem em que o deitar.
Neste mundo mesquinho, quando ha para pão, não ha para vinho.

O

O bacoro e a fome e o frio fazem grande ruido.
O homem necessitado, cada anno é apedrejado.
O homem pobre, a dobrado custo come.
O testamento do pobre na unha se escreve.

P

Pobreza não é villeza.
Pobrête e alegrête.

Q

Quem diz que pobreza não é villeza, não tem siso na cabeça.
Quem está cahido, mal dará a mão ao vizinho.
Quem filhos tem ao lado, não morre de enfastiado.
Quem não tem, mais duro é que as pedras.
Quem não tem mais de uma camisa, cada Sabbado tem mau dia.
Quem não tem casa na villa, em cada bairro é vizinha.
Quem pouco tem e isso dá, cedo se arrependerá.
Quem pede emprestado, uma vez se faz ruivo e outra descòrado.
Quem pequena herdade tem, aos passos a méde.
Quem te ensinou a remendar? Filhos pequenos, pouco pão para lhes dar.

S

Sou só, como espargo no monte.

U

Um e nenhum, tudo é um.

PREGUIÇA

A

Abala, pastor, com as espaldas ao sol.
Achaques á Sexta-feira, pela não jejuar.
Ajuntaram-se seis, para peso de três.
A raposa dormida, não lhe cae nada da bocca.

B

Barriga quente, pé dormente.

C

Com bom sol se estende o caracol.

D

De ruim rosto, nunca bom feito.
Diffamaçae mulheres, que cahiu o forno.

L

Levantou-se o preguiçoso a varrer a casa, e pôs-lhe o fogo.

M

Mais vale bom folgar que mau trabalhar.

O

O moço preguiçoso, por não dar uma passada, dá outro.
O preguiçoso sempre é pobre.

P

Preguiça nunca fez bom feito.
Perdi a roca, e o fuso não acho, três dias ha que lhe ando pelo rasto.
Preguiça, chave de pobreza.
Preguiça não lava a cabeça, e, se a lava, não a penteia.

Q

Quem dorme, dorme-lhe a fazenda.
Quem muito dorme, pouco aprende.
Quem não quer fazer a coisa, escusa busca.
Quem se levanta tarde, nem ouve Missa, nem toma carne.
Quem ao moinho vae e não madruga, os outros moem, elle se espulga.

V

Vem-me o mal, que soe vir, que, depois que me farto, me ponho a dormir.

PRIVANÇA

C

Com favor não te conhecerás, sem elle não te conhecerão.
Como me tangerem, assim bailarei.

M

Mais vale ás vezes favor, que justiça nem razão.

N

Não ha Rei sem privado, nem privado sem idolo.
Não ha grande peso sem contrapeso, nem grande subida sem grande descida.

O

Ou é doido ou privado, quem chama apressurado.

PROVIDENCIA

A

A arma, com que te defendes, a teu inimigo a não emprestes.
A arma e o alguidar, não se hão-de emprestar.
A calças curtas, atacas longas.
A como vale o quintal, que quero onça e meia?

C

Caminho de Roma, nem mulla manca, nem bolsa vazia.

D

Deita outra sardinha, que outro ruim vem da vinha.

M

Mais vale que sobeje, que falte.
Muda-se o tempo, mudado o pensamento.
Mudado o tempo, mudado o conselho.
Muda-te, mudar-te-há a ventura.

T

Tal virá, que tal queira.

PRUDENCIA

A

A apressada pregunta, vagarosa resposta.
A bom pedidor, bom tenedor.
A bom entendedor, poucas palavras.
A bom dizedor, bom ouvidor.
A carne de lobo, dente de cão.
Acenae ao discreto, dae-o por feito.
A cartas, cartas; e a palavras, palavras.
A canna fosse quebrada, e não soada.
A contas velhas, baralhas novas.
A casa de tua tia, não irás cada dia.

A cada parvo agrada sua pousada.
A chave na cinta faz a mim boa, e a minha vizinha.
A experiencia é mãe da sciencia.
A outra porta, que esta não se abre.
A força de villão, ferro em meio.
Agua colhe em joeira, quem se crê de ligeira.
Agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura.
A grandes cautellas, cautellas maiores.
Ainda que sejas prudente e velho, não desprezes conselho.
Ainda que a malicia escurece, a verdade não a pode apagar.
Ainda que teu sabujo é manso, não o mordas no beiço.
Alegria secreta, candeia morta.
Alto para vau, baixo para barco.
A má chaga sara, e a má fama mata.
A má sorte, invidar forte.
A maior pressa, maior vagar.
A muita conversação é causa de menos preço.
A novo negocio, novo conselho.
A novas necessidades, novos conselhos.
Antes que conheças, nem louves, nem offendas.
Ao inimigo, que te vira a espalda, ponte de prata.
Ao doido e ao toiro, dá-lhe o corro.
Ao gato, por ladrão, não lhe dês de mão.
Ao cão e ao palreiro, deixa-os no sendeiro.
Ao cuco não cuques, nem ao ladrão furtes.
Ao cego, muda-lhe o fito.
Ao outro cão com esse osso.
Ao perigo com tento, e ao remedio com tempo.
Ao mau vento volve-lhe o capello.
Ao peixe fresco gasta-o cedo, e, havendo tua filha crescido, dá-lhe marido.
Ao mau costume, quebrar-lhe a perna.

Ao mau caminho, dar-lhe pressa.
A palavras loucas, orelhas moucas.
A pedra e a palavra não se recolhe, depois de deitada.
Ao pé do fetão, não busques a tamara.
A perro velho, não digas busbus.
A pintura e a peleja, de longe se veja.
A pêga no souto, não a tomará o nescio nem o doido.
Aproveita-te do velho, valerá teu voto em conselho.
A pressa mette lebre a caminho.
Aprende alta e baixa, e, como te tangerem, assim dança.
A quem não tem fazenda, não lhe peças peita.
A quem mordeu a cobra, guarde-se d'ella.
A quem coze e amassa, não furtes fogaça.
A quem não traz calças em Janeiro, não empreste teu dinheiro.
A quem descobriste a cilada, d'esse te guarda.
A quem disseste teu segredo, fáze-lo senhor de ti.
A'quem ou álem, veja eu sempre com quem.
A quem má fama tem, nem acompanhes nem digas bem.
A quem tem cabeça, não lhe falta carapuça.
A quem te gabar a villa, gaba-lhe a cidade.
A quem dizes tua puridade, dás tua liberdade.
A quinta roda, ao carro, não faz senão embaraçar.
A resposta branda, a ira quebranta.
Até a formiga quer companhia.
Avezou-se a velha aos bredos, lambe-lhe os dedos.
A zombaria deixá-la, quando mais agrada.

B

Bebe vinho, não bebas o siso.
Bem venhas mal, se vieres só.

Bem perdido, é conhecido.
Boas palavras e maus feitos, enganam sisudos e nescios.
Bocca, que diz sim, diz não.
Bom coração quebranta má ventura.
Bocca fechada, tira-me de baralha.
Bom saber é calar, até ser tempo de falar.
Bola de quatro cantos não chega aos paus.

C

Cada cabello faz sua sombra na terra.
Cada mosca faz sua sombra.
Cada terra com seu costume.
Cada um chega a brasa á sua sardinha.
Calar, obrar, pela terra e pelo mar.
Cerra a bocca, e cose o siso.
Corri séca e meca, olivaes de Santarem.
Chega-te aos bons, serás um d'elles.
Chora á bocca fechada, e não desconta a quem lhe não dá nada.
Com má gente, é remedio muita terra em meio.
Com mal ou com bem, aos teus te atêm.
Com uma cautella, outra se quebra.
Come com elle, e guarte d'elle.
Conselho sem remedio é corpo sem alma.
Com taes me acho, tal me faço.
Conselho de quem bem te quer, ainda que te pareça mal, escreve-o.
Cortesia de bocca, muito vale e pouco custa.
Cuida bem no que fazes, não te fies em rapazes.

D

Dá a honra a quem a tem.

Da agua mansa te guarda, que da rija ella te aparta.
Da má companhia guarte de ser auctor nem parte.
De ave de bico encurvado, guarte d'ella como do Diabo.
De ruim homem e dissimulado, guarte d'elle como do Diabo.
De grande rio, grande peixe.
De um homem nescio, ás vezes bom conselho.
Devagar se vae ao longe.
Distingue o tempo, e concordarás o direito.
Devagar pensa, e obra depressa.
Dize ao doido, mas não ao surdo.
Do irado um pouco te desvia, e do praguento toda tua vida.
Do irado foge um pouco, e do inimigo de todo.
Donde te querem muito, não vás a miude.
Donde perdeste a capa, d'ahi te guarda.
Do ouro e do ferro, tudo é um pêso.
Do que faço, d'isso me guardo.
De arruidos guarte, não serás testemunha nem parte.
Dos escarmentados se fazem os arteiros.
Do soldado, que não tem capa, guarda a tua na arca.
Do velho, conselho.
Do traidor, farás leal, com bom falar.

E

Em bocca fechada, não entra mosca.
Em casa da parida ou doente, o lugar não se aquente.
Em casa do Mouro, não fales algaravia.
Em coisa suja, nunca bulas.
Em conselho, as paredes ouvem.

Em o que pódes só, não esperes a outro.
Enganaste-me uma vez, nunca mais me enganarás.
Enojar-se d'outro, é ferir-se no rosto.
Em rio quedo, não mettas teu dedo.
Em rio grande, passar derradeiro.
Entende primeiro, e fala derradeiro.
E' bem aventurado quem nos perigos alheios se faz precatado.

F

Fala pouco e bem, ter-te-hão por alguem.
Fechar as portas, que soltam os touros.
Folguemos emquanto podemos, outra hora choraremos.

G

Guarte de alvoroço do povo, e de travar com doido.
Guarte de cão preso, e de moço gallego.
Guarte de homem, que não fala, e de cão, que não ladra.
Guarte de moço grunhidor e gato miador.

I

Ide pelo meio, e não cahireis.

L

Leve é a dôr, que o siso encobre.

M

Mais sabes do que te eu ensinei.
Mais vale um dia do discreto que cento do nescio.

Mais vale saber que haver.
Mais vale perder que mais perder.
Mais vale calar que mal falar.
Melhor é errar com muitos que acertar com poucos.
Melhor é prevenir que ser prevenido.
Muito vale e pouco custa, a mau falar boa resposta.
Montes vêem, paredes ouvem.

N

Não haveria má palavra, se não fosse mal tomada.
Não ha tão mau tempo, que o tempo não allivie seu tormento.
Não ha palavra má, se a puzerem em seu logar.
Não dês pêras em Janeiro.
Não bebas coisa, que não vejas, nem assignes carta, que não leias.
Não bulas baralhas velhas, nem mettas mão entre duas pedras.
Não dês coice contra o aguilhão.
Não louves, até que proves.
Não percas o siso pelo doido de teu vizinho.
Não sou rio, para não tornar atrás.
Não saias ao luar, que não sabes quem te quer bem nem mal.
Não te has-de fiar, senão com quem comeres um moio de sal.
Não tem homem siso mais, que quanto querem os meninos.
Não te mettas em casa alheia, bate de fóra e espera.
Não te exalces por riqueza, nem te abaixes por pobreza.
Nescio é quem cuida, que outro não cuida.

Nem com homem zombador brigues, nem com teu maior.
Ninguem diga: d'esta agua não beberei, nem d'este pão não comerei.
Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.
No açougue, quem mal fala, mal ouve.

O

O bom coração soffre, e o bom siso ouve.
O bom ganhar faz bom gastar.
O caldo em quente, a injuria em frio.
O sisudo não ata o saber a estaca.
Onde perdeste a capa, ahi a cata.
O dia de amanhã, ninguem o viu.
Onde ha bom saber, poucas vezes ha reprehender.
O parvo, se é calado, por sabio é reputado.
O pouco falar é ouro, e o muito é lodo.
O que as coisas muito apura, põe-nas em muita ventura.
O que não duvida, não sabe coisa alguma.
O que houveres de negar, não o dês por escripto.
O que te disser o espelho, não t'o dirão em conselho.
O sisudo e o doido se descobre no jogo.
O tempo dá remedio onde falta o conselho.
O velho muda o conselho.
O que faz o doido á derradeira, faz o sisudo á primeira.

P

Palavra e pedrada solta, não volta.
Põe a cabeça entre mil; o que fôr dos outros, será de ti.
Pelo fio tirarás o novello, e pelo passado o que está por vir.

Põe o teu dinheiro em conselho, um dirá é branco, outro é vermelho.
Por novas não penareis; far-se-hão velhas, sabê-las-heis.
Prata é o bom falar, ouro é o bom calar.
Prudencia é não querer o que se não pode haver.

Q

Qual pregunta farás, tal resposta terás.
Qual o tempo, tal o tento.
Quando fôres ao conselho, fala do teu, deixa o alheio.
Quando fôres a casa alheia, chama de fóra.
Quando fôres de caminho, não digas mal do teu inimigo.
Quando fôres bigorna, soffre; e, quando malho, malha.
Quando o sandeu se perdeu, o sisudo aviso colheu.
Quem a todos crê, erra; e quem a nenhum, não acerta.
Quem as coisas muito apura, não vive vida segura.
Quem adiante não olha, atrás torna.
Quem ao longe não olha, ao perto se fére.
Quem bem ata, bem desata.
Quem bem ouve, bem responde.
Quem com muitos tem que fazer, muito siso ha mister.
Quem erra e se emenda, a Deus se encommenda.
Quem mais vive, mais vê.
Quem não sabe soffrer, não sabe reger.
Quem passaro ha de tomar, não o ha de enxotar.
Quem pregunta, saber quer.

Quem pregunta, não erra, se a pregunta não é nescia.
Quem mais vive, mais sabe.
Quem não quiser mascarra, não vá a queimada.
Quem seu segredo guarda, muito mal escusa.
Quem soffreu, venceu.
Quem tem telhado de vidro, não tire pedras ao do vizinho.
Quem tudo quer vingar, cedo quer acabar.
Queres vêr o porvir? Olha o passado.

S

Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.
Se queres bom conselho, pede-o ao velho.
Se eu fôra adivinha, não fôra mesquinha.

T

Tão duro é ao doido calar, como ao sisudo falar.
Tempo tem a choca, e tempo quem a joga.
Toda a coisa tem logar a quem abençoar.

U

Uma vez engana ao prudente, e duas ao innocente.
Uma coisa se deseja, e outra é bem que seja.
Um olho no prato, outro no gato.

V

Vê bem, que ates, que desates.
Vem teu inimigo humilhado, guarte d'elle, como do Diabo.
Vós ás duras, eu ás maduras.
Vê um dia do discreto, e não toda a vida do nescio.
Vê o mar, e sê na terra.

*

Z

Zombae com o doido em casa, zombará comvosco na praça.
Zombaria de siso, mette os homens em perigo.

REI

A

A lei de reinar é como a de amar.
Ante El-Rei cala, ou coisas acceitas fala.
Ao Rei pertence usar de franqueza, pois tem por certo não cahir em pobreza.
As guardas do Reino são amor e medo.
A teu Rei nunca offendas, nem lances em suas rendas.
A' voz de El-Rei não ha coisa forte.

E

El-Rei por senhor, e não por devedor.
Em pessoa de sceptro, não ha vicio secreto.
Esse é Rei, que não conhece lei.
El-Rei vae aonde pode, e não aonde quer.

L

Lá vão leis, onde querem Reis.

M

Mandar não quer par.
Mau Rei, bom Rei, a toda a lei viva El-Rei.
Melhor é migalha de Rei que mercê de senhor.

N

Não ha Rainha, sem sua vizinha.
Não digas mal de El-Rei, nem entre dentes, porque em toda a parte tem parentes.
Não sabe governar quem todos quer contentar.
Não tem seguro seu estado, Rei desarmado.
Nem ante Rei armado, nem ante povo alvoroçado.
Novo Rei, nova lei.

O

O braço de Rei e a lança, longe alcança.
O Rei, que não toma, quando de seu não ha, assás do seu dá.
O Rei das abelhas não tem aguilhão.

P

Palavra de Rei é escriptura.
Paga-se o Rei da traição, mas do traidor não.

Q

Qual o Rei, tal a lei; qual a lei, tal a grei.
Quem a vacca de El-Rei come magra, gorda a paga.
Que nobreza de Rei, que, sem nos conhecer, nos saúda!
Quereis que vos sirva, bom Rei? Dae-me de que viva.

R

Ração de Paço, quem a perde ha mau grado.
Rei moço, Reino perigoso.
Rei morto, Rei posto.
Rei por natura, Papa por ventura.

Reino sem porto, chaminé sem fogo.
Rei se nomeie quem não teme.
Rogo de grandes, mandamento é.
Rogos de Rei, mandados são.
Rou, rou, faça-se o que El-Rei mandou.

S

Sirve a El-Rei, ou a ninguem.

T

Tudo é vento, se não ha Rei, ou Prior em convento.

RIQUEZA

A

Abafou-me na almotolia, de noite, a candeia.
Abelha e ovelha, e a penna detrás da orelha, e parte na igreja, desejava para seu filho a velha.
A cada qual dá Deus o frio, conforme o vestido.
Achaque ao ôdre, que sabe ao pez.
Agora, que tenho ovelha e borrego, todos me dizem: venhaes embora, Pedro.
A' mingua de pão, boas são tortas.
Ao homem farto, as cerejas lhe amargam.
A rico não devas, e a pobre não promettas.
A torto e a direito, nossa casa até o tecto.

B

Barba com dinheiro, honra ao cavalleiro.
Bem parece o dinheiro, entre mim e meu companheiro.

Bésta de amigo, rija de armar e frouxa de tiro.
Boa fazenda é negros, se não custassem dinheiro.
Boa é a fazenda, quando não sobe á cabeça.
Boa é a cozinha, onde há carne.
Bons costumes e muito dinheiro, farão a teu filho cavalleiro.

C

Canta a rã, e não tem cabello, nem lã.
Cheire-me a bolsa, feça-me a bocca.
Com latim, rocim e florim, andarás mandarim.

D

Dádivas quebrantam penhas.
De boa casa, boa brasa.
De rico a soberbo, não ha palmo inteiro.
Dinheiro tinha o menino, quando moia o moinho.
Dinheiro de onzena com seu dono come á mesa.
Diga minha vizinha, e tenha meu sacco farinha.
Dinheiro é a medida de todas as coisas.
Do dinheiro e da verdade, a metade da metade.
Do rico é dar remedio, e do velho conselho.

E

Em fiuza de parentes, busca que merendes.
Está farta e cheia, como colmeia.

F

Fazenda herdada, é menos estimada.
Fazenda esfarrapada, vale pouco ou nada.
Faze por ter, vir-te-hão ver.
Fazenda alheia não faz herdeiro.
Fazenda em duas aldeias, pão em duas taleigas.

Fazenda, teu dono te veja.
Fazenda de sobrinho, queime-a o fogo, ou leve-a o rio.

I

Igreja, ou mar, ou Casa Real.

M

Mais tem o rico, quando empobrece, do que o pobre, quando enriquece.
Mais vale migalha que pello de barba.
Melhor é muitos poucos, que poucos muitos.

N

Não hajas dó de quem tem muita roupa, e faz má cama.
Não te aconselhes sobre tua riqueza com quem está em pobreza.
Não tem nada quem nada lhe basta.
Não te ponhas a soalhar com quem tem forno e pé de altar.
Ninho de guincho.

O

O farto de jejum, não tem cuidado algum.
O mar se parte, se em regatos se reparte.
O que outrem usa, pouco dura.

Q

Quando o villão está rico, não tem parente, nem amigo.
Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.

Quem dinheiro quer cobrar, muitas voltas ha-de dar.
Quem muito mel ou azeite tem, nas berças o deita.

S

Sobre dinheiro, não ha companheiro.
Se queres ser rico, calça de vacca e veste de fino.

T

Tanto vales, quanto has, e o saber por demais.
Tanto vale cada um na praça, quanto vale no que tem na caixa.
Tem fazenda, e olha bem donde venha.

V

Vae-se o bem para o bem, e o mal para quem no tem.

SCIENCIA

A

A lettra, com sangue entra.
A sciencia é loucura, se o bom siso a não cura.

G

Grammatico, desfavorecido, não tem assado nem cozido.

M

Mais vale saber que haver.

N

Nem todos os que vão ao estudo são lettrados.
Nem de todo o pão se faz mercurio.

O

O mau som damna a cantiga.

Q

Quem ler, leia para saber; quem souber, saiba para obrar.
Quem para si não sabe, não ponha escola.

S

Salamanca, a uns sára, e a outros manca.

SEGREDO E SILENCIO

A

Ao bom calar, chamam santo.

F

Falem cartas, calem barbas.

N

Na bocca do discreto, o publico é secreto.
Não ha secreto que, tarde ou cedo, não seja descoberto.

Não ha coisa encoberta, senão aos olhos da toupeira.

O

O palreiro agudo, faz do seu amigo mudo.

Q

Quem cala, vence.
Quem cala, consente.

S

Secretos queres saber, busca-os no pesar e no prazer.

T

Teu amigo é o trevo, se te encobre teu segredo.

TRABALHOS

L

Leve é a dor, que o siso encobre.

N

Não pude passar o mar, sem da fortuna me queixar.

O

Onde irá o boi, que não are.
O pequeno mal, espanta; e o grande, amansa.
O que é duro de passar, é doce de alembrar.

Q

Quando durmo, canso; que fará quando ando?
Quem come as duras, coma as maduras.
Quem mal cae, mal jaz.
Quem não sabe de mal, não sabe de bem.
Quem não tiver que fazer, arme navio, ou tome mulher.
Quem quiser vencer, aprenda a soffrer.

S

Saio do lodo, caio no arroio.

T

Tristeza sobre alegria, dobrada fadiga.

U

Um trabalho é vespera de outro.

USO

D

De pequenino se torce o pepino.
Dize-me com quem andas, dir-te-hei que manhas has.
Dize-me com quem vás, dir-te-hei o que farás.
Duro é de deixar, o veado.

E

Em cada terra, seu uso.

G

Gotta e gotta, o mar se esgota.

M

Mudar costume, parelha da morte.

N

Não com quem nasces, senão com quem pasces.
Não erra quem aos seus semelha.

O

O que se aprende no berço, sempre dura.
O que no leite se mamma, na mortalha se derrama.
O que se usa, não se escusa.
O vicio da natureza, até a sepultura chega.

Q

Quem as bragas não ha em douto, as costuras lhe fazem nojo.
Quem deu, dará; e, quem pediu, pedirá.
Quem mal anda, mal acaba.

U

Um só acto não faz hábito.
Uso ponhas, que não tolhas.

V

Vestir a uso, e comer a gosto.
Vezo mau, tarde é deixado.

VAIDADE

G

Gloria vã floresce, e não engrandece.
Grande apparato, e pequeno recato.
Grande carga leva a carreta, maior a leva o dono d'ella.

VALENTIA E FORTALEZA

A

A espada e o annel, segundo a mão d'onde estiver.
Ao revés a vesti, ande-se assim.
Ao derradeiro morde o cão.
A pedra é dura, e a gotta d'agua miuda; mas, cahindo de continuo, faz cavadura.
A quem medo hão, o seu lhe dão.

C

Cada formiga tem sua ira.
Cão, que lobos mata, lobos o matam.
Capuz de malha, esse é o quem me arma.
Cão, que muito ladra, pouco morde.
Carregado de ferro, carregado de medo.
Chama por mim, e defende-te por ti.
Contra peão feito dama, não pára peça no tabuleiro.
Coração determinado, não soffre conselho.

D

De grande coração é soffrer, de grande senhor é ouvir.

E

Elles a nós ás pedradas, nós a elles ás terroadas.
Elles mataram de nós quatro, e nós furtámos-lhes um sacco.
Elles, por se vingar, passaram mal.
Encommendar a Deus, botar a nadar.
Em povo seguro, não ha mistér muro.
Eu poderei pouco, ou dirão que não sou louco.

L

Lingua longa é signal de mão curta.

M

Mais são os ameaçados que os acutilados.
Meu filho esforçado, não o cerquem quatro.

N

Não ferir, não matar, não é cobardia, senão bom natural.

Q

Quem não tem esforço, foge mais que corço.

VENTURA

A

Abaixam os muros, levantam-se os monturos.
A boa ventura de uns ajuda aos outros.

A boa ventura, com outra dura.
Abaixam-se as cadeiras, levantam-se as tripeças.
A cabo de cem annos, os Reis são villões, e, a cabo de cento e dez, os villões são Reis.
Achou o cego um dinheiro.
Achou Pedro o seu cajado.
Acolhi o rato no meu buraco.
A faisca, quando fenece, mais se accende.
A fortuna, afagando, espreita.
A hora má, não ladram cães.
Alegrias, Entrudo, que ámanhã será Cinza.
Algum dia será festa da nossa terra.
Alguma hora minha pereira terá pêras.
A mau bácoro, boa lande.
A muito entendimento, fortuna pouca.
Andar ventura até a sepultura.
A roda da fortuna nunca é uma.
Assim fedemos, que fará, se peixe vendermos?
A tal porta, tal talho.
Avezou-se a velha ao mel, e comer-se quer.

B

Bailo bem, deitaes-me do corro.
Bem baila, a quem a fortuna faz o som.
Bem joga o da pella, mas perde a ella.

C

Cerejas e más fadas, cuidaes tomar poucas, e vêm-se dobradas.
Com bem venhas mal, se vieres só.

D

Dá-me ventura, deita-me na rua.
De hora em hora, Deus melhora.

De grande subida, grande cahida.
De leal e bom servidor, virás a ser senhor.
Desde que vestidos nos vêmos, não nos conhecêmos.
Dita alcança, que não braço longo.
De mim digam, e a mim pidam.
De fóra virá quem de casa nos deitará.
De outro tiple está esta gaita.

E

Em bons dias, boas horas.
Entre duas verdes, uma madura.
Entrar lambendo, e sahir mordendo.
Escapei do trovão, e dei no relampago.

F

Faz rasto, sem pôr pègada.

G

Guardou-se da mosca, comeu a aranha.

H

Hontem vaqueiro, hoje cavalleiro.
Ha ahi mal, que vem por bem.

I

Ir por lã, vir tosquiado.

J

Jarras quebradas, mar bonança.

M

Mais corre ventura que cavallo ou mulla.
Más fadas, carpi-las depressa.

N

Não ha dia sem tarde.
Não ha mal sem bem, cata para quem.

O

Onde ventura falta, diligencia é escusada.

P

Por fugir do fogo, cahiu nas brasas.
Pressa venturosa, vagar desastrado.

Q

Quando a má ventura dorme, ninguem a desperte.
Quanto maior é a ventura, tanto menos é segura.
Quem está em ventura, a formiga o ajuda.
Quem se não aventurou, nem perdeu nem ganhou.
Quem bem se estreia, bem lhe venha.
Quem viver, verá a volta que o mundo dá.

S

Sou bainha de ouro e faca de chumbo.

U

Um canivete mesmo me corta o pau e o dedo.

V

Vem, ventura, e dura.
Vem a ventura a quem a procura.
Vento e ventura, pouco dura.
Ventura te dê Deus, filho, que saber pouco te basta.

VERDADE

A

A verdade não tem pés e anda.
A verdade e o azeite, andam ao de cima.
A verdade anda na herdade.
A verdade, ainda que amarga, se traga.

C

Curtas tem as pernas a mentira, e alcança-se asinha.

D

Dizer mentira, por tirar verdade.
Dormirei, boas novas acharei.

M

Mal me querem minhas comadres, porque lhes digo as verdades.
Mão lavada, sujidade tira.

N

Não ha peor zombaria que a verdade.
Não o façaes, não vo-lo dirão.

ADAGIOS DOS MÊSES

Janeiro

D

Da flor de Janeiro, ninguem enche o celleiro.
Dia de S. Vicente, toda a agua é quente.

E

Em Janeiro, põe-te no outeiro; se vires verdear, põe-te a chorar; e, se vires terrear, põe-te a cantar.
Em Janeiro, súa a ovelha suas madeixas no fumeiro; e em Março no prado; e em Abril as vae urdir.
Em Janeiro, sete capellos e um sombreiro.
Em Janeiro, um pouco ao sol, outro ao fumeiro.
Em Janeiro mette obreiro; mês meante que não ante.

J

Janeiro geoso, Fevereiro nevoso, Março mulinhoso, Abril chuvoso, Maio ventoso, fazem o anno formoso.
Janeiro molhado, se não é bom para o pão, não é mau para o gado.

Janeiro, poucos em sendeiro, um dia e não cada dia.

L

Luar de Janeiro não tem parceiro; mas lá vem Agosto, que lhe dá de rosto.

M

Minguante de Janeiro corta madeiro.

O

O mês de Janeiro, como bom cavalleiro, assim acaba como á entrada.
O obreiro, em Janeiro, pão te comerá, mas obra te fará.

P

Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de Verão.

Q

Qualquer ramo em Janeiro, torcido está quedo.
Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

S

Se queres ser bom alheiro, planta os alhos em Janeiro.
Sol de Janeiro sempre anda detrás do outeiro.

V

Vae-te embora, Janeiro, deixar-me-hás Abril e Maio.

Fevereiro

A

A castanha e o besugo, em Fevereiro não tem sumo.
Agua de Fevereiro mata o onzeneiro.

D

Dia de S. Mathias, começam as enxertias.

F

Fevereiro coxo, em seus dias vinte e oito.
Fevereiro, fêveras de frio, e não de linho.
Fevereiro faz dia, e logo Santa Maria.
Fevereiro recoveiro faz a perdiz ao poleiro; Março três ou quatro.

L

Lá vem Fevereiro, que leva a ovelha e o carneiro.

P

Para parte de Fevereiro, guarda lenha.

Q

Quando não chove em Fevereiro, não ha bom prado, nem bom centeio.

Março

A

Agua de Março, peor é que nódoa no panno.

E

Em Março, queima a velha o maço.
Em Março, nem rabo de gato molhado.

M

Março marcegão, pela manhã rosto de cão, á tarde Verão.
Março ventoso, Abril chuvoso, do bom colmeal farão astroso.

Q

Quando troveja em Março, apparelha os cubos e o braço.
Quem não póda em Março, vindima no regaço.

S

Se não chover entre Março e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril.
Sol de Março, péga como pegamaço, e fere como maço.
Se queres bom cabaço, semeia-o em Março.

Abril

A

Abril, aguas mil, coadas por um mandil, e em Maio três ou quatro.
Abril frio, pão e vinho.
Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.
Abril e Maio, chave de todo o anno.
A ti chova todo o anno, e a mim chova Abril e Maio.
Altas ou baixas, em Abril vem as Paschoas.

D

Do grão te sei contar, que em Abril não ha-de estar nascido, nem por semear.

E

Em Abril, queijos mil, e em Maio três ou quatro.
Em Abril vae onde has-de ir, e torna a teu covil.

F

Fica-te embora, mundo, deixar-me-hás Abril e Maio.
Frio de Abril, nas pedras vá ferir.

N

No principio ou no fim, Abril soe ser ruim.

P

Por Abril dorme o moço ruim, e por Maio o moço e o amo.
Por todo o Abril, mau é descobrir.

S

Somno de Abril, deixa-o a teu filho dormir.

Maio

A

A geira de Maio vale os bois e o carro; e a de Julho vale os bois e o jugo.
A quem em Maio come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.

C

Cameras de Maio, saude de todo o anno.

D

Dia de Maio, dia de má ventura, que, ainda bem não amanhece, já anoitece.

E

Em Maio, vae e torna com recado.
Enxame de Maio, quem t'o pedir, dá-lho; e o de Abril guarda-o para ti.
Em Maio, a quem não têm, basta-lhe o saio.

G

Guarda pão para Maio, e lenha para Abril.

M

Maio couveiro não é vinhateiro.
Maio come o trigo, e Agosto bebe o vinho.
Maio hortelão, muita palha e pouco pão.
Maio pardo, Junho claro.
Maio pardo faz o pão grado.

P

Pão tremês, não o comas nem o dês, mas guarda-o para Maio.
Primeiro de Maio, corre o lobo e o veado.

Q

Quanto Maio acha nado, tudo deixa espigado.
Quem em Maio relva, não tem pão nem herva.
Quem em Maio não merenda, aos mortos se encommenda.
Touro, gallo e barbo, todos tem sesão em Maio.

U

Uma agua de Maio, e três de Abril, valem por mil.

Junho

A

Agua de S. João tira o vinho, e não dá pão.
Até S. Pedro, ha o vinho medo.

D

Dia de S. Pedro, tapa o rego.

Dia de S. Pedro, vê teu olivedo; e, se vires um grão, espera por cento.
Dia de S. Barnabé, secca-se a palha pelo pé.

E

Em Junho, foice em punho.

F

Feno, alto ou baixo, em Junho é segado.

J

Junho, Julho e Agosto, senhora, não sou vosso.

Julho

D

Dia de S. Thiago, vae á vinha, acharás bago.

J

Julho, o verde e o maduro.

P

Por Santa Marinha, vae ver tua vinha, e, tal a achares, tal a vindima.

Agosto

A

Agua de Agosto, açafrão, mel e mosto.
Agosto e vindima, não é cada dia.

Agosto madura, Setembro vindima.
Agosto tem culpa, Setembro leva a fructa.
Agosto, frio em rosto.
A quem não tem pão semeado, de Agosto se faz Maio.

E

Em Agosto, sardinha e mosto.
Em Agosto ha bulha o preguiçoso.

P

Por Santa Maria de Agosto, repasta a vacca um pouco.

Q

Quando chover em Agosto, não mettas teu dinheiro em mosto.
Quem não debulha em Agosto, debulha com mau rosto.

N

Nem em Agosto caminhar, nem em Dezembro marear.

Setembro

D

Dia de S. Matheus, vindimam os sisudos, semeiam os sandeus.

S

S. Miguel das uvas, tarde vens e pouco duras; se duas vezes vieres no anno, não estivera com amo.

Outubro

O

Outubro, Novembro, Dezembro, não busques o pão no mar, mas torna a teu celleiro, e abre o teu mealheiro.

P

Por S. Francisco, semeia teu trigo, e a velha, que o dizia, semeado o tinha.
Por S. Lucas, sabem as uvas.
Por S. Ireia, toma os bois e semeia.
Por S. Simão e Judas, colhidas são as uvas.

Novembro

D

Dia de S. Martinho, prova teu vinho.
De dia de S. Catharina ao Natal, mês igual.
Dia de S. André, quem não tem porco, mata a mulher.

P

Por Todos os Santos, a neve nos campos.
Por S. Martinho, nem favas, nem vinho.
Por S. Clemente, alça a mão da semente.

Dezembro

D

Do Natal a S. Luzia, cresce um palmo o dia.
Dia de S. Luzia, mingua a noite e cresce o dia.

P

Por Natal ao jogo, e por Paschoa ao fogo.

ANNO

A

Anno de neves, muito pão e muitas crescentes.
Anno de neves, anno de bens.
Anno de bêberas nem de peras, nunca o vejas.
Anno de ovelhas, anno de abelhas.
Anno caro, padeira em todo o cabo.

FINIS LAUS DEO

INDICE

	PAG.
1 — O adagio na litteratura, na ethnographia, na poesia popular	5
2 — Os «Adagios Portugueses» do P.e Antonio Delicado .	36
Ao leitor	69
Affeição	73
Agradecimento . .	76
Agricultura . . .	76
Amizade	88
Amo e creado. . .	92
Animaes	93
Asno	97
Astrologia para a agricultura . . .	99
Avareza e cobiça . .	101
Bondade	102
Caça	105
Caminho	108
Castigo.	111
Cavallo.	113
Casamento. . . .	116
Cobiça	121
Comer	122
Creado	130
Dadivas	132
Demasia	133
Deus	134
Diligencia	135
Economia ou governo de casa	137
Esperança	152
Fama	153
Filhos	154
Gado	158
Gallinha	161
Guerra e paz . . .	163
Homem.	168
Honra	174
Ignorancia	176
Igreja	180
Ingratidão	182
Inveja	183
Justiça	184
Ladroice	186
Liberalidade e escasseza	189
Maldade	191
Medicina	196
Mentira.	206
Morte	209
Mulher.	211
Mulla	220
Obras mechanicas. .	221

	PAG.
Officiaes mechanicos.	223
Pescado.	227
Pobreza.	228
Preguiça	231
Privança	233
Providencia	233
Prudencia	234
Rei	244
Riqueza.	246
Sciencia.	249
Segredo e silencio.	250
Trabalhos	251
Uso	252
Vaidade.	254
Valentia e fortaleza	254
Ventura.	255
Verdade	259

Adagios dos mêses:

	PAG.
Janeiro	260
Fevereiro	262
Março	263
Abril	264
Maio	265
Junho	266
Julho	267
Agosto	267
Setembro	268
Outubro	269
Novembro	269
Dezembro	269

Adagios do anno . . 270

PN
6491
D4
1923

Delicado, Antonio
Adagios portugueses reduzidos a lugares communs

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 06 17 03 01 011 3